

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	O perigo "yankee"	97
RUY BARBOSA	O caso internacional	99
MARTIM FRANCISCO	Viajando (XI)	131
MONTEIRO LOBATO.	Grammatica viva	143
LINDOLPHO ESTEVES	Versos	150
FERNANDO AZEVEDO	Illusão Americana.	155
AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY	Um álbum de Elisa Lynch .	163
FRANCISCO IGLESIAS	Cinco annos no Norte do Brá- sil (VI).	169
REDACÇÃO	Resenha do Mez	177

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDIÇÃO DE LUXO

N. 42 - ANNO IV — VOL. XI — JUNHO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil

RESENHA DO MEZ: VIDA NACIONAL De 15 a 15 - Os mortos do mez - Canuto Saraiva e Marechal Bormann - Artes e artistas - A. Norfini - A alma de Arinos (*Miguel Couto*) - REVISTAS E JORNAES: Psychologia brasileira do caracter (*Gilberto Amado*) Colonia ou nação soberana? (*Medeiros e Albuquerque*) O Brasil não poderá assignar o tratado de paz? (*Pedro Lessa*) O quarto de hora de Nogi - Sete vaccas gordas (*Micromegas*) S. Paulo no centenario (*P.*) Jaurés (*Anatole France*) NOTAS SCIENTIFICAS: O casamento consanguíneo em face da Eugenia (*Dr. Renato Kehl*) VARIEDADES, CARICATURAS DO MEZ

ILLUSTRAÇÕES: S. Paulo visto de aeroplano - Quadros de A. Norfini.

AS ASSIGNATURAS COMEÇAM EM QUALQUER TEMPO E TERMINAM EM JUNHO OU DEZEMBRO

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETROS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Directores: MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Seis meses 8\$000

Numero avulso 1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400
por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO
VENTILADORES

PARA RAIOS
FERROS do ENGOMMAR

LÂMPADAS
ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mfg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4
TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos
“FISK,,

*Mechanica-Pintura-Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411
Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR

RUA 7 DE ABRIL N. 38
Av. São João N. 18 e 20
Canto Libero Badaró

S. PAULO

Casa Britannia

MacDonald & Cia.

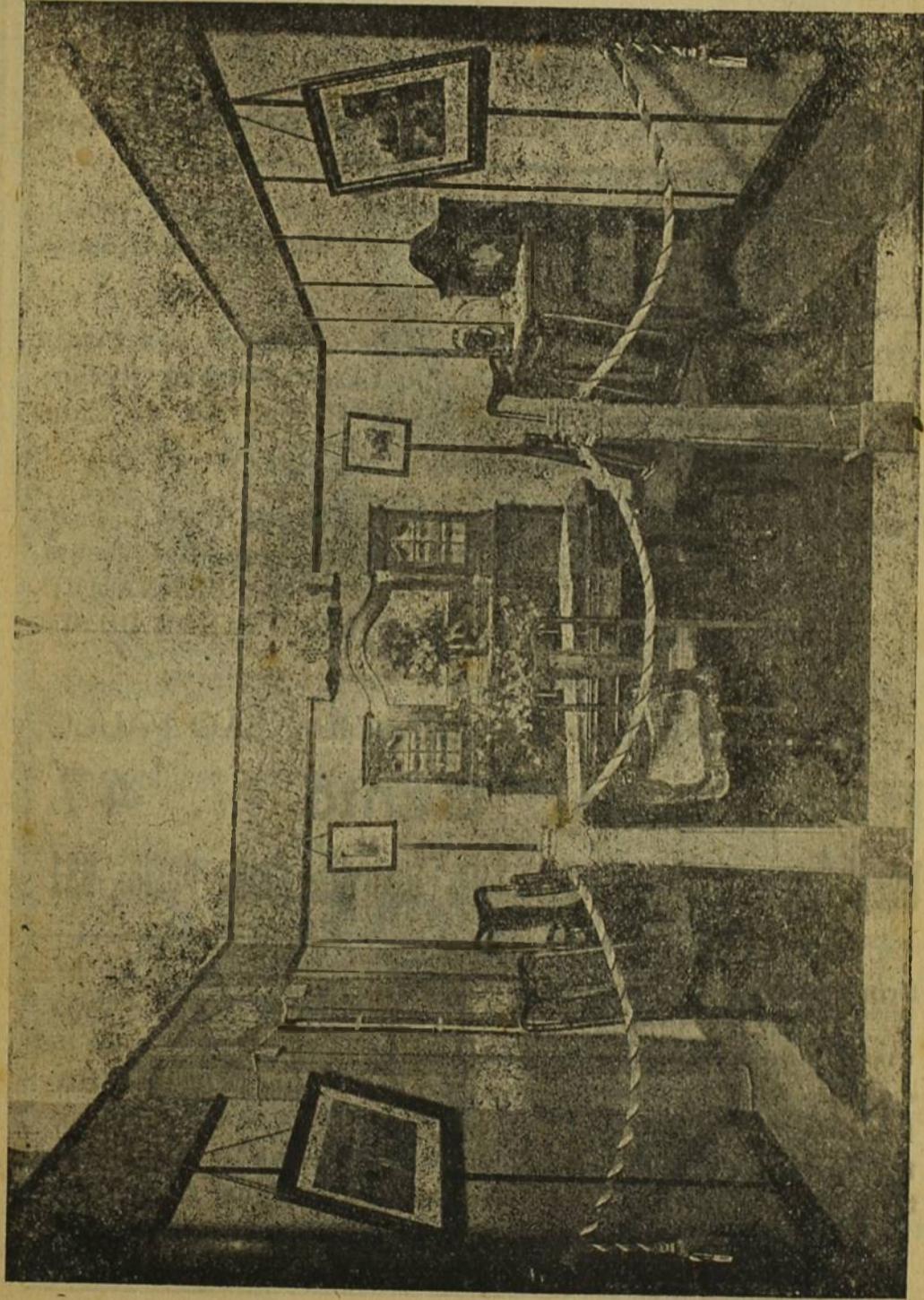
...

MOVEIS
FINOS

Teleph.: Centr. 5019

R. Libero Badaró, 59

5. PAULO



PEREIRA IGNACIO & C. INDUSTRIAS

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA neste Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Noya Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESRIPTORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - Central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA,"
Água Mineral
Comprinada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Água de mesa — Ação Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta água francesa.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

PHENO-DANICA

— Superior Desinfectante —



Vende-se em caixas de 50 latas de 1 litro e em latas de 10 litros e vidros de 100 grammas

O mais perfeito desinfectante antiseptico para lavagem de casas. Não deixa manchas brancas gordurosas, e é o producto mais recommendavel para a saneação de logares humidos subterraneos.

O unico desinfectante capaz de neutralisar o cheiro pestífero dos munturos, sem reduzir-lhes a potencia fertilisadora.

Chamamos a attenção dos srs. criadores de gado e veterinarios para o uso antiseptico deste desinfectante no tratamento de febre aphtosa e molestias congeneres, bicheiras, bernes e carrapatos.

Peçam amostras gratis

A. BOYE & C.

Rua Libero Badaró, 6 - Telephone, 2007-Central
Caixa Postal N. 1410

DEPOSITARIOS EM CAMPINAS: —————

José Milani & Comp. - Caixa Postal, 237

LIVROS USADOS A' VENDA

<i>Dion Cassius</i> — Histoire Romai e, 10 vols.	40\$000	reis.
<i>A. Comte</i> — Politique positive, 4 vols.	20\$000	>
<i>A. Comte</i> — Philosophia positive, 6 vols.	18\$000	>
<i>Bossuet</i> — Meditations sur l'Evangile, 1 vol.	3\$000	>
<i>Pindaro</i> — Oeuvres completes, 1 vol.	2\$000	>
<i>A. Bain</i> — Logique, 2 vols.	10\$000	>
<i>Leão Bourroul</i> — Hercules Florence, 1 vol.	5\$000	>
<i>Stuart Mill</i> — Economie politique, 2 vols.	6\$000	>
<i>Adams</i> — La Confederation Suisse, 1 vol.	3\$000	>
<i>Bruntschli</i> — La politique, 1 vol.	3\$000	>
<i>Passi</i> — Formes de gouvernement, 1 vol.	3\$000	>
<i>Letourneau</i> — L'evolution de la proprieté	5\$000	>
<i>Neymarck</i> — Turgot et sa doctrine, 2 vols.	6\$000	>
<i>Tocqueville</i> — De la democratie en Amerique, 3 vols.	8\$000	>
<i>Lyell</i> — Principes de geologie, 2 vols.	10\$000	>
<i>Mignet</i> — Histoire de la Revolution Française, 2 vols.	5\$000	>
<i>Monte Alverne</i> — Obras oratorias, 4 vols.	20\$000	>
<i>Arnould et Pujol</i> — Histoire de la Bastille, 4 vols.	12\$000	>
<i>Thiers</i> — Histoire de l'Empire, 4 vols.	20\$000	>
<i>Thiers</i> — Histoire du Consulat, 1 vol.	5\$000	>
<i>Thiers</i> — Histoire de la Révolution, 2 vols.	10\$000	>
<i>Thiers</i> — Consulat et Empire, Atlas, 2 vols.	20\$000	>
<i>Henri Martin</i> — trad. P. Chagas — Histoire de France, 7 vols.	30\$000	>
<i>Voltaire</i> — Oeuvres, 11 grandes volumes	60\$000	>
<i>Rabellais</i> — Oeuvres, 7 vols.	12\$000	>
<i>Byron</i> — Oeuvres, 4 vols.	8\$000	>
<i>P.o Chagas</i> — Historia de Portugal, 9 vols.	27\$000	>
<i>Bossuet</i> — Orações funebres, 2 vols.	5\$000	>
<i>Otfried Muller</i> — Litterature grecque, 3 vols.	12\$000	>
<i>Quintiliano</i> — Oeuvres completes, 3 vols.	6\$000	>
<i>Joly</i> — L'Homme avant les meteaux, 1 vol.	3\$000	>
<i>Bain</i> — La science de l'education, 3 vols.	3\$000	>
<i>Comte</i> — Appello aos conservadores, trad. Mignel Lemos, 1 vol.	3\$000	>
<i>E. Veron</i> — Histoire de la Prusse, 1 vol.	3\$000	>
<i>Nivoit</i> — Elements de geologie, 1 vol.	2\$000	>
<i>Reinald</i> — Historia da Inglaterra.	2\$000	>
<i>Léon Donat</i> — Lois et moeurs republicains, 1 vol.	2\$000	>
<i>Aulu-Gelle</i> — Oeuvres, 2 vols.	4\$000	>
<i>Le Play</i> — La constitution de l'Angleterre, 2 vols.	5\$000	>
<i>Foillet</i> — Idées modernes du Droit, 1 vol.	3\$000	>
<i>Carlher</i> — La Republique americaine, 4 vols.	12\$000	>
<i>Skalkovski</i> — Les ministres des Finances de la Russe, 1 vol.	3\$000	>
<i>Spencer</i> — Various fragments, 1 vol.	2\$000	>
<i>Lavisse</i> — Le Grand Frederique avant l'Avenement, 1 vol.	5\$000	>
<i>Letourneau</i> — La guerre, 1 vol.	5\$000	>
<i>Lastarria</i> — Philosophie politique, 1 vol.	3\$000	>
<i>Campoamor</i> — Los pequenos poemas, 1 vol.	3\$000	>
<i>Thucídides</i> — Guerre du Péloponese, 1 vol.	3\$000	>

(Vide pagina seguinte)

<i>Porto Alegre</i> — Brasilianas, 1 vol.	3\$000	reis.
<i>Fialho</i> — Pasquinadas, 1 vol.	2\$000	"
<i>Seneuil</i> — Economie politique, 2 vols.	4\$000	"
<i>Seneca</i> — Oeuvres, 4 vols.	10\$000	"
<i>Plauto</i> — Comedies, 2 vols.	6\$000	"
<i>Brunetiere</i> — Le roman naturaliste, 1 vol.	3\$000	"
<i>Veron</i> — Histoire de l'Allemagne, 1 vol.	3\$000	"
<i>Tiberguien</i> — Introduction a la philosophie	3\$000	"
<i>Veron</i> — La morale, 1 vol.	3\$000	"
<i>Eutrope</i> — Histoire romaine, 1 vol.	3\$000	"
<i>Leroy Beaulieu</i> — Le travail des femmes, 1 vol.	4\$000	"
<i>Ferrero</i> — La Europa Giovani, 1 vol.	4\$000	"
<i>Letourneau</i> — La biologie, 1 vol.	3\$000	"
<i>O Panorama</i> — 15 vols. encadernados	60\$000	"
<i>Claparede</i> — Psychologie de l'enfant, 1 grande volume	8\$000	"
<i>Rouma</i> — Pedagogie sociologique, 1 vol.	3\$000	"
<i>Braunschvig</i> — Notre enfants, 1 vol.	3\$000	"
<i>Hugo</i> — Cromwell, 1 vol.	3\$000	"
<i>Bervliet</i> — La memoire, 1 vol.	3\$000	"
<i>Poincaré</i> — La science et l'hipothese, 1 vol.	3\$000	"
<i>Hartenberg</i> — Traitement des neurasthenique	3\$000	"
<i>Theophilo Braga</i> — Cancioneiro portuguez, 2 vols.	6\$000	"
<i>Ortigão</i> — Banhos de caldas, 1 vol.	4\$000	"
<i>Picard</i> — La science moderne, 1 vol.	3\$000	"

Nestes preços não se inclue o porte pelo Correio
Pedidos á "REVISTA DO BRASIL" - Caixa 2 B - S. PAULO

EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

Acaba de ser posta á venda a quarta edição dos
"Urupês"

de Monteiro Lobato, impressa em magnifico papel
Preço: brochada, 4\$000 réis; encadernada, 5\$000 réis.

Lima Barreto — "VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ"

Magnifico romance da vida carioca, recebido com unanimes
louvores pela critica nacional. — Preço; 2\$000 réis.

Martim Francisco — "RINDO"

Colleção dos seus melhores trabalhos de critica e humoris-
mo, comprehendendo as seguintes partes: O casamento do
mano, Uma pagina do futuro, Carta-careta, Um poeta, His-
toria universal, Patria paulista, Soluções dum Tico-tico, Os
grudes, Tribunal do Jury de S. Paulo. — Preço: 3\$000 réis.

Encontra-se á venda, igualmente, no escriptorio da "Revista do Brasil" e
nas livrarias — A FILHA DA FLORESTA — pelo Prof. Thales C.
Andrade, conto maravilhoso, para creanças. — Preço 600 réis.

Desconto aos revendedores.

Nesses preços está incluido o porte - Pedidos á "Revista do Brasil" - Caixa 2 B - S. PAULO

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street - LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscripto £ 2.000.000

„ Realizado £ 1.000.000

Fundo de Reserva £ 1.000.000

Succursaes: Manchester, Bahia,

Rio de Janeiro, Montevideo,

Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicais, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE
E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS
TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.



AGUA PURGATIVA

MINERAL GAZOZA

A agua mineral gazoza purgativa é aplicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febres gastricas e, em geral, em todos os engurgitamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu efecto immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chicara de chá. Ella não exige nenhuma dieta.

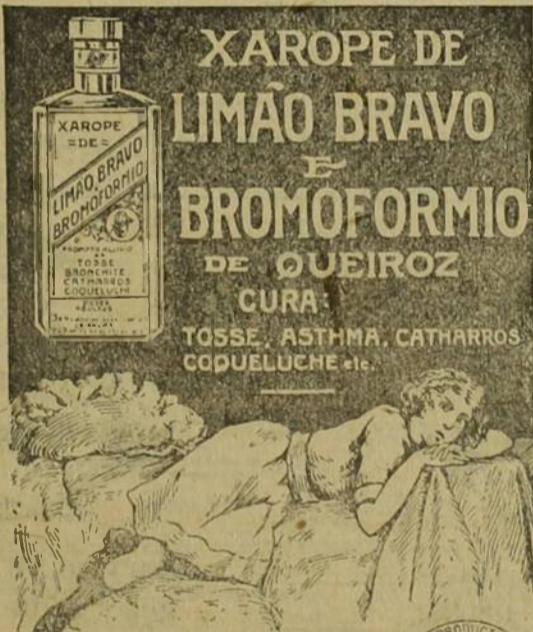


COMPOSIÇÃO:

Sulfato de sodio anhydro	96.265
Sulfato de potassio anhydro	0.239
Sulfato de magnesia anhydro	3.268
Sulfato de cal	1.949
Chlorureto de Sódio anhydro	2.055
TOTAL das substancias fixas	103.776
Em um litro de agua gazoza purgativa

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

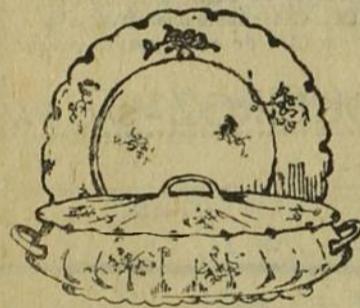
SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO



DROGARIA AMERICANA
Rua Libero Badaró 144
SAO PAULO

:: Casa Franceza ::
de
L. GRUMBACH & C. IA
Rua São Bento, 89 e 91
SÃO PAULO

O MELHOR SORTIMENTO EM APPARELHOS PARA
:: JANTAR DE PORCELLANA DE LIMOGES ::

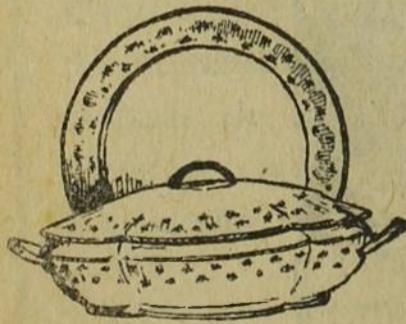


Serviço 60 peças Havi-
land "Julietta" . . 450\$

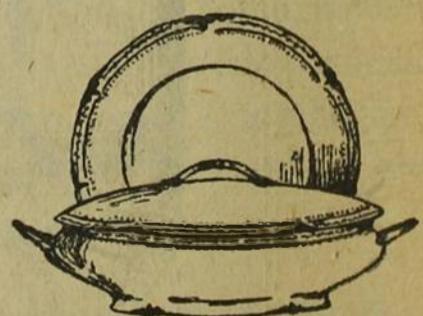
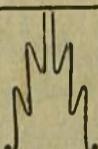


Serviço 60 peças Havi-
land "Romeo" . . 550\$

PORCELLANAS FRANCEZAS SÃO AS MAIS FINAS



Serviço 100 peças Havi-
land "Plissé Or" 1:800\$.



Serviço 98 peças Limo-
ges "Aida Or" . 1:800\$.

A MAIOR CASA EXISTENTE NESTE GENERO
NO BRAZIL

R EVISTA DO BRASIL

Junho, 1919

O perigo *yankee*...

Deante do capitulo dos perigos, os brasileiros temos a bôa e santa philosophia do Siddartha, que é a de não ter philosophia alguma: fincam-se os olhos no umbigo, e como o umbigo não dá mostras de maiores perturbações, deixa-se correr o marfim. Sempre assim foi, desde que houve perigos sobre a cabeça do indigena, e assim continuará sendo, enquanto houver perigos, umbigo e marfim.

Não é, pois, motivo de espanto que, levantada a discussão em torno das novas manifestações imperialistas dos Estados Unidos, o Brasil se ponha na sua attitude predilecta, sem preocupar-se siquer com a escolha do molho com que prefira ser comido.

Que existe o perigo em questão não é necessario discussir-se. Elle tem que existir como producto mesmo da plethora de vida norte-americana, como é força que surja onde quer que uma nacionalidade ou uma raça tenha attingido a determinada fase de sua propria evolução. O perigo *yankee* existe. Prova-o a frequencia das allusões, na imprensa americana, á «missão civilisadora» dos Estados Unidos, prova-o a attitude dos chefes do Partido Republicano, contrario ao de Wilson, e, sobre tudo, prova-o o que de lá voltam dizendo os nossos intellectuaes.

Facto notavel: todo o brasileiro pasma ante as mil coisas americanas e não tem palavras que lhe bastem para exaltar as qualidades da gente que constróe «arranha céos» de cincuenta andares, e fabrica *films* interessantes como nenhuns. Mas tudo isso de longe, enquanto não foi passar a sua candida admiração pela *Fifth Avenue*. A regra de todos que por lá andam é tornarem com pareceres mudados. Verificam que os Estados Unidos são um povo forte,

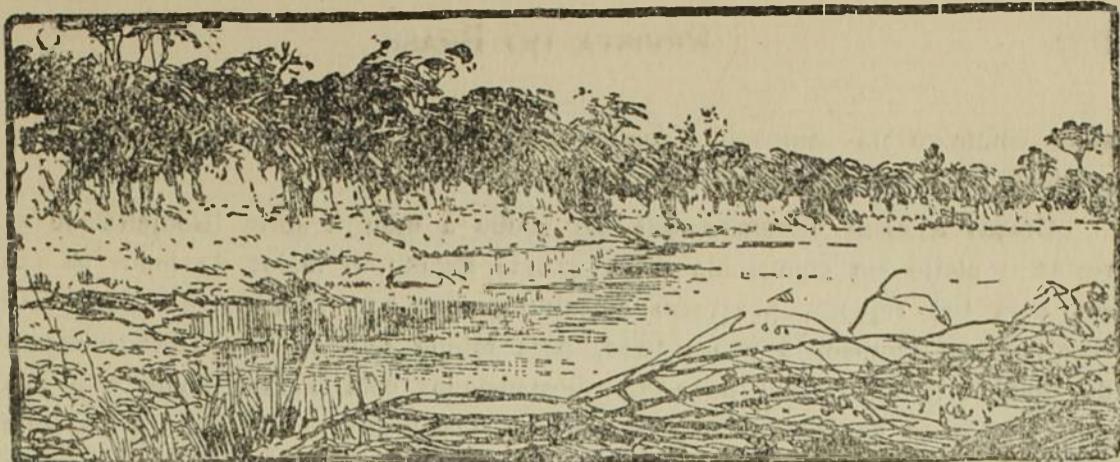
organisado, sem duvida nenhuma, mas que soffre as suas mazellas como outro qualquer povo. Porque nós aqui só conhecemos a Republica do Norte pela réclame verdadeiramente á americana que ella se faz, pelos films de luxo, pela engenharia de exportação e pelos Almanaques de Ayer.

Seja, porem, como fôr, com admiração ou sem ella, quem perscruta com sentidos de bem sentir a vida *yankee*, nota-lhe accentuada tendencia expansionista. Expansionismo de um, perigo de outro... Quem ainda se não convenceu dessa realidade, ficará certamente bem edificado ao ler o seguinte trechinho do discurso do presidente Wilson ao presidente Epitacio, por occasião de um jantar, em Paris:

«Em occasião memoravel, tinham os Estados Unidos advertido aos governos da Europa de que considerariam acto inamistoso qualquer tentativa que partisse desses governos, de derrubar instituições livres no hemispherio occidental. Fazendo-se assim espontaneamente os campeões da America, contra aggressões da parte da Europa, não haviam dado, comtudo, os Estados Unidos, nenhuma segurança decisiva de que elles mesmos não viriam a tornar-se jamais os aggressores.»

E, em complemento, medite no que se passa actualmente no Extremo Oriente. Alli, por um instituto da Liga das Nações, ficou o Japão investido de funcções identicas ás dos Estados Unidos, na America, isto é, de orgam executivo de uma doutrina muito semelhante a de Monroe, applicada á Asia. Com isso, já da China começam a surgir os protestos do povo ameaçado, que se não conforma com o doce papel de protegido, conforme quer a Liga. Os chineses acham que os seus protectores nipponicos estão um pouco compenetrados demais na sua missão internacional.

O Brasil, olhos no umbigo, superiormente impassivel.



O “CASO INTERNACIONAL”

Esta conferencia do sr. Ruy Barbosa, proferida a 4 de Abril, em S. Paulo,— não só pela belleza e elevação de doutrinas, como tambem, e muito especialmente, pela gravidade dos documentos que deu a publico — num paiz verdadeiramente organizado teria promovido uma forte agitação politica: as Camaras teriam discutido o caso e o Governo no minimo obrigar-se-ia a explicações. No Brasil...

Senhores:

As honras, com que S. Paulo me acolheu, há dez annos, nenhum dos que as presencearam, as poderá esquecer. A nação julgava-se ameaçada na sua existencia constitucional, quando, a rogos instantes da política deste Estado, na vespera da Convenção de Agosto, aceitei a candidatura presidencial, que aquella assembléa suffragou ao outro dia. O conselheiro Rodrigues Alves se escusára ao sacrificio, que aceitei, sem lhe medir as difficuldades, nem me importar dos resultados.

Com S. Paulo em 1910

A' carta, em que, invocado como um dos dois arbitros no caso, desaplaudira eu a candidatura militar, e lhe mostrara os perigos, vibrava intensamente no espirito da nação; e, havendo-se mister de um holocausto, que nos desempenhasse a honra, salvando, ao menos, os principios em risco, não era eu homem, que me evadisse ás consequencias da luta, renhida em torno da idéa, cuja iniciativa me pertencia. Rendi-me, commovido, subordinando o meu assentimento só a uma condição: a de que S. Paulo entrasse de corpo e

alma commigo na campanha, dando-me por companheiro de chapa, na vice-presidencia, o seu governador.

Graças a essas circunstancias me coube a mim a sorte lisonjeira de arrastar o pleito em companhia deste grande Estado, o maior de todos os nossos pela sua riqueza, progresso e cultura, mas não sómente do Estado oficial, senão tambem e sobre tudo, para minha felicidade e desvanecimento, da opinião geral do seu povo. Consustanciados com o meu nome e o meu programma, os habitantes de São Paulo e o seu governo, deram, pelo entusiasmo sem precedentes com que se entregaram á campanha eleitoral, um espetáculo de rara beleza na historia do civismo brasileiro, elevaram a uma altura excepcional o prestigio do nome paulista, e coroaram o seu candidato á presidencia do Brasil com uma votação, de que não havia, nem ha exemplo, em relação aos mais queridos e nobres dos seus filhos.

Quando a violencia e a fraude se laurearam a si mesmas, no Congresso Nacional, deselegendo o candidato eleito, e elegendo o derrotado, a politica de S. Paulo, cedendo a considerações, que não devo julgar, mas que, de certo, obedeceriam a moveis de ordem superior, não entendeu que conviesse resistir ao attentado. Da minha parte, eu, que não teria essa attitude, se outro fosse o candidato, não quiz, tratando-se de mim, aconselhar a repulsa; e, dest'arte, se liquidou a situação, sem o mais leve abalo da harmonia, com que juntos lutaramos, juntos venceramos, e juntos, depois de vencedores, acabaramos por nos ver despojados.

O caso de 1913

Não tardaria muito que nos viessemos, de novo, a acercar uns dos outros, como nos acercámos, quando se estabeleceu o problema da successão do marechal. Nessa época, certa noite, recebi a visita do senador Francisco Glycerio e do deputado Galeão Carvalhal, em minha casa, á rua de S. Clemente. Dos dois, ainda um vive. Iam ambos, em commissão especial da Colligação, nas mãos da qual estava a solução do caso, comunicar-me oficialmente que a escolha das candidaturas estava assentada, sendo eu o candidato a presidente, e a vice-presidente o senador paulista, que me falava.

A' chapa faltava apenas a acquiescencia da commissão executiva do partido aqui, para onde o senador Glycerio viria, com esse intuito, no dia subsequente, como, de feito, veiu. Reunida a commissão, vingou, no seu seio, por tres contra dois, a chapa organisada. O conselheiro Rodrigues Alves, porém, declarou que sobrestava na deliberação, adiando-a para dahi a vinte e quatro horas. No prazo dado celebrou a commissão a sua assentada. Mas o conselheiro não compareceu: mandou por si um de seus filhos; e este, desembolsando um papel, mostrou nelle a copia de um telegramma, que seu ilustre paer, naquelle data, expedira ao sr. Wenceslau Braz, oferecendo-lhe a candidatura presidencial. A esse sopro evaporou-se a maioria da commissão, annullou-se o voto do partido, que ella representava, desmanchou-se a resolução assente, mandou-se a Colligação passear, e teve-se por destrinçado o

incidente, sem bulha, nem matinada. Eis como se faz, no Brasil, um presidente de republica pelo arbitrio de um só homem.

O orador e o Conselheiro Rodrigues Alves

Não commento, senhores. Nem me queixo. Registo. Em 1910 envidara eu as maiores diligencias, para mover o conselheiro Rodrigues Alves a consentir na sua candidatura. Em 1913, antes daquelle incidente, suscitava eu de novo, para a magistratura suprema, a candidatura do eminente paulista. Tendo sustentado, tambem, o seu governo, quando a revolta militar batia ás portas do Cattete, não sei por que artes da minha desfotuna teria incorrido nesse desagrado seu, tão claro depois, em tantos rasgos da sua vida, para commigo.

Quem mudou?

Como quer, porém, que seja, não tinha eu motivos de suppôr que a politica paulista houvesse concebido contra mim os sentimentos, que os factos destes ultimos dois mezes nos attestam. Se alguém mudou, certamente não fui eu. O homem de 1919 não dediz um ápice do homem de 1910. As idéas, por que hoje se bate, são estrictamente as mesmas, por que, ha nove annos, se batia. Constavam essas idéas de um programma solenne, pelo qual São Paulo foi ás urnas, entusiasticamente, commigo. Esse programma, não o repudiei agora. Antes o ratifiquei e reassignei, hoje, linha por linha. Com elle, inteiro, immutado, intacto, é que volvo, hoje, ás urnas eleitoraes.

Em que será, pois, que terei desmerecido, ao presente, das sympathias desses homens publicos, em cuja estima tanto entrára? Que brasileiro, do nosso, ou de outro qualquer tempo, recebeu jámais, da politica ainda hoje reinante no grande Estado, expressões tão extraordinarias, não só de admiração quanto á sua pessoa, mas de coadunação com as suas idéas? Como se inverteu isso tudo? O homem é o mesmo, as mesmas as suas convicções, o seu rumo o mesmo. Se, pois, não variei, são elles os que variam, elles os que se desdizem, elles os que recuam. Recuar, de que? Da liberdade, que eu advogava, e advogaveis commigo? Da democratização do regimen, que eu queria, e vós querieis commigo? Das reformas progressistas, que eu sustentava, e vós commigo sustentaveis?

Retrocesso

É, então, um passo retrógrado, que darieis na evolução do Estado. Se em mim o que, presentemente, vos desgostaria, não é o individuo, haviam de ser os principios, então, a que o seu nome se acha associado. Estarieis, portanto, retrocedendo. Até onde? Quando os governos desandam, quasi sempre lhes está pelas costas, o precipicio, que temem pela frente. Até onde o retrocesso? Quando a politica retrográda, cada recuo occasiona, successivamente, outro, até á queda mortal. Os que medram no desenvolvimento mate-

rial, desmedrando na moralidade, estão perdidos. A riqueza accelera o progresso; mas bem cedo acaba por apodrental-o, se o cultivo do espirito a não preserva de se corromper.

Não se concebe um S. Paulo engrandecido na opulencia, no luxo, no goso, um S. Paulo florescente, soberbo, radioso, mas moralmente gasto, materializado, encharcado no despreso do ideal. Não se admite um São Paulo sulcado de estradas, coberto de lavouras, ridente de jardins, cidades e escolas, mas, nos centros da sua vitalidade humana, nos elementos da sua organização institucional, roido, brocado, gasto, nessa velhice prematura da juventude avariada, a mais triste, a mais cruel, a mais velha das velhices.

Não se contou com o povo

O situacionismo paulista, agora, me rejeita e se desquita da minha companhia. Mas consultou elle, por ventura, antes desse repudio, moralmente inexplicavel, o sentimento paulista? Não: consultou sómente as arcas do seu tesouro, as legiões da sua polícia, a disciplina das suas facções, a inconsciencia dos seus operadores eleitoraes, a corrupção dos seus jornalistas; e, não contentes de empapar o seu territorio todo nesses vicios, os exerce em grande na nossa metropole, e os leva a toda a parte, onde quer que haja, na sociedade, na imprensa, no corpo legislativo, almas á venda, consciencias de aluguer, nomes offerecidos á prostituição politica, pennas, cabeças, corações em almoeda.

Com o povo, não, com o povo não se contou, a não ser para desdenharem da sua cordura, da sua impotencia, da sua inutilidade; e com o povo é que eu estou, á porta da rua, no topo das escadas, ainda hontem subidas e descidas pelos consulares da grande corrupção, que a turba, nos theatros, avergôna de opprobrios, e o officialismo, nos palacios da nossa democracia, enche de liberalidades.

Murmura de balde a multidão achincalhada. Mas os elementos de regeneração que ella accumula no seio, lhe asseguram para não longe o triunfo. Outróra, os termos destes prognosticos se contavam por tempos. Hoje é por dias. O mosso, paulistas, não andará distante. Não sereis mais callosos que os «mujiks» da Moscovia nem mais submissos que os conscriptos da Allemanha.

Mabaças

Os dados que acerca deste assumpto divulgaram os jornaes, e cuja fidelidade, na especie, não passou por contestação, revelam entre a maneira como se bifou, em 1913, aqui, a minha segunda candidatura, já vencedora na Colligação, e o modo como, este anno, daqui surratearam a terceira, quando já considerada victoriosa entre os situacionismos estaduaes, de quem depende, na constituição inescripta do regimen, a escolha dos presidentes. Esses elementos de averiguação, digo eu, revelam entre o caracter dos dois episódios uma coincidencia bem singular de meios e manobras.

No caso de 1913, aceita pela maioria dos directores do partido situacionista a chapa do meu nome, o chefe balda a resolução adoptada, simulando espaço-a para o outro dia, e, no intervallo, a substitue pela sua, brindando, *ex proprio Marte*, com a candidatura já dada a outrem, o sr. Wenceslau Braz.

No caso de 1919, o conselho (não sei se lhe erro o nome) o conselho, directorio, ou coisa equivalente, do mesmo partido, abraça, por doze contra tres votos, a minha candidatura, encarregando um congressista estadual, com um congressista federal, de lhe negociarem o concurso dos outros Estados; e os dois emissarios, trampolinando vergonhosamente com o mandato recebido, como não conseguissem encartar a do sr. Altino Arantes, agenciaram a do sr. Epitacio Pessoa, trocando nesta a que tinham recebido a incumbencia de promover.

Não pôde sofrer duvidas, senhores, que os dois lances, no zorro da tramoia e no raro da moralidade, são mabaças.

Bem sabeis que, nem numa nem na outra hypothese, a ludibriada maioria dos directores se desaguisou com os que a ludibriaram. Donde se vê que em ambas, bem sabiam estes o que faziam.

Povo de um lado, governo do outro

Muitas vezes, de mim para commigo, entro senhores, a matutar sobre esta contradição entre os sentimentos com que me aprecia o povo de São Paulo e os com que me desapreciam, geralmente, os seus governos. Mas, por mais que scisme no enigma, ainda lhe não achei senão uma sahida: a de que as situações paulistas me aborrecem, justamente porque a população paulista me estima. Parecerá extravagante a decifração. Mas é a mais curial do mundo. Nada mais consoante ao uso é regra. No Brasil republicano, quando o governo está de um lado, podeis apostar, certo e recerto, que o povo está do lado opposto.

Primeiros prodromos

Debaixo da administração Arantes, porém, não são estes indicios de agora os primeiros do aborrecimento e desamor que lhe inspiro, sem atinar por onde lhe terei cahido em desgraça. Já em 1916, me dava elle mostras da sua entranhada malevolencia, que eu não as poderia perder, nunca mais, de vista.

Foi aqui, foi á sombra do governo de S. Paulo, que o monstruoso desvario do sotaministro das Relações Exteriores contra o embaixador brasileiro em Buenos Aires veiu buscar prestigio e guarida. Não errou porta. O presidente do Estado acolheu o sotasecretario com um almoço cordial; e um cordial discurso, alvorocadamente dado logo á estampa, acabou de assentar as cataplasmas officiaes sobre o escândalo, de que vinha contuso e embostelado o suplente do sr. Lauro Muller.

As tres phases

Estas reminiscencias me conduzem naturalmente, senhores, ao caso internacional que, em relação a mim, se desdobra, com feições caracterisadoras, em tres phases memoraveis: a embaixada a Buenos Aires, a simulação do convite para a de Pariz e a candidatura á presidencia. Nesses tres lances nasce, evidentemente, das mesmas influencias a hostilidade, que me visa a pé quedo, mal encapotada e de tocaia. Nelles tres a acção alleman, antes da nossa belligerancia e após ella, descoberta ou cobertamente, assignala a sua presença, com a collaboração da politica brasileira. Nos dois ultimos, porém, no embelêco da embaixada a Pariz e na mistela da candidatura presidencial, a solapa teutonica veiu, inesperadamente, emendar com outra obra de sapa estrangeira, no trabalho subterraneo das quaes a barbaria deu de rosto com a civilisação, ajudando-se uma á outra, sem prévio entendimento, na destruição do homem, a quem, sobre todos, os aliados e, especialmente, os notte-americanos, devem a participação do Brasil na guerra das nações. Escutae, brasileiros, e aprendei. *Erudimini.*

O convite de 1916

Tenho ainda commigo a carta que, em 1916, aos 10 de Junho, enderecei ao sr. Lauro Müller, e que este, em pessoa, me foi devolver, esse mesmo dia, de noite, na casa de meu filho Alfredo Ruy, declarando-me que o presidente, de modo nenhum, aceitaria a minha excusa, e que o seu secretario não voltaria a elle sem que eu a reconsiderasse; porque o governo não podia tornar atrás e não tinha quem me substituisse naquella missão.

Caí no erro de annuir; e com esse desattender ao conselho dos meus presagios, recebi a lição, que me aproveitou no caso da embaixada a Pariz; mas entrei na zona hostil, onde me vejo pago de cada um dos meus serviços mais reaes ao Brasil com as mais grosseiras maldades.

O discurso de Buenos Aires

Não necessitaria eu de allegar mais justificações á posição que assumi, em Buenos Aires com o discurso alli proferido na Faculdade de Direito e Sociencias Sociaes, uma vez que elle recebeu do Congresso Nacional a consagração mais autorizada, a da competencia entre todas competente, com o acto do corpo legislativo, que mandou reproduzir nos seus anaes, fazendo-as assim suas as minhas palavras.

Não deixarei, porém, de recordar as com que, naquella corporação de mestres, expliquei a minha attitude.

«Não me occupo, dizia eu, de política, senão com o aspecto juridico dos acontecimentos. Não é o embaixador do Brasil, cuja missão, de mais a mais, já está concluida, o que vós outros recebestes e elegestes membro honorario do vosso corpo docente: é unicamente o jurista. Mas, para trazer o espirito absorto nestas questões, existe, ainda, no jurista, a consideração da

parte, modesta, porém notoria, da parte assidua, laboriosa, intensa, que tomou nos trabalhos da ultima Conferencia da Paz e o cargo, em que está investido, há nove annos, de membro da Corte Permanente de Arbitramento. O meu caso vem a ser o do juiz, que pergunta pelo codigo das leis, cujas regras pôde ser chamado a applicar, o caso do legislador que treme pelas instituições, em cuja elaboração collaborou, o caso de um signatário daquelles contractos, que busca saber se entendia o que fez, se não se observa o que ajustou, se contribuiu para melhorar os seus semelhantes, ou para os enganar e fraudar.»

Estas declarações alli enunciadas entre os aplausos do ministro das Relações Exteriores e do nuncio apostolico, numa assembléa que reunia o escol da politica, da sciencia e das letras argentinas, esclareceram a minha situação, deixando-me á vontade, para dizer o que eu queria: para formular a nova expressão da neutralidade, a sua verdadeira expressão actual, para fulminar com a espuria a neutralidade entre a barbaria e a justiça, para mostrar á neutralidade real os seus novos deveres, para sustentar que ella ainda estava em tempo de renunciar a esse abstencionismo criminoso, para chamar a America, os Estados Unidos, o Brasil ao cumprimento dos seus deveres de clamar e romper, de reagir ou protestar.

Camara e imprensa Argentina

Essa maneira de interpretar o meu papel, alli, naquella occasião, de assumir, depois da missão diplomática, já consummada, a missão jurídica, de levar á tribuna, depois de esgotado o meu mandato político, a voz do embaixador da Conferencia da Paz, o protesto do signatário das convenções de Haya, a sentença do membro da Corte Permanente, bem se pode medir quanto calou fundo na consciência dos nossos bons vizinhos pelo acto do presidente da Camara dos Deputados, que, declaradamente, se absteve de comparecer ao meu embarque, para se achar presente no momento, á sessão daquella assembléa, e, deixando, como deixou, a presidencia, dar-me a mim, na mais solenne e commovente das allocuções, os agradecimentos de sua nação, por haver eu escolhido a tribuna argentina, para advogar as idéas, que dalli advogara.

Que maior glorificação poderia eu receber em desaffronta dos abocanhadores brasileiros, em cujos dentes anda atassalhada a obra de civismo e de humanidade, que tão alto nos elevou no conceito internacional?

Pouco depois do sr. Demaria na presidencia da Camara, com a sua moção alli unanimemente adoptada, a «Nación», na imprensa, aos 6 de Setembro, dava aos resultados da minha embaixada este relevo:

«No Brasil, sobre tudo, sente-se fundamente, como aqui, a obra de approximação e comprehensão realizada pelo vigoroso talento de Ruy Barbosa, que desempenhou no nosso centenario o cargo de embaixador com a dignidade de um homem livre de uma democracia livre.

«O sr. Ruy Barbosa não podia ser na politica internacional de nosso

paiz diferente do que sempre foi na politica internacional do seu proprio paiz. Dahi a sua palavra ter tocado o sentimento civil, o que vale dizer pacifico, republicano, de ambas as nações.» («Jornal do Commercio», 6 de Setembro de 1916.)»

A camara Franceza

Em França a Camara dos Deputados consagrou solennemente com a designação da «data historica» a do dia em que o congresso brasileiro votou a publicação do meu discurso da Faculdade buenairense nos seus annaes.

O «Tempt», no seu editorial de 13 de Abril de 1917, recordava as palavras, em que eu, naquelle discurso, dissera: «Entre os que destroem a lei e os que a observam, não ha neutralidade admissivel. Os tribunaes, a opinião publica e a consciencia não são neutros entre a lei e o crime.»

Transcrevendo-as assim, o grande orgam pariziense as commentava, dizendo:

«Estas palavras, pronunciadas ha dez mezes, nos traziam *por antecipação o éco da mensagem do presidente Wilson*. Ellas punham em plena luz o problema juridico e moral, que os nossos exercitos diligenciam resolver com o seu sangue. Ellas fixavam as metas do futuro.»

Desta sorte a opinião da França, pelos seus mais eminentes interpretes, me dava a honra de acreditar que as idéas da minha conferencia de Buenos Aires, não só balisavam o futuro internacional, mas se anteciparam ás do presidente Wilson na sua celebre mensagem.

A opinião americana

Mais que tudo isso, porém, me cumpre notar aqui a consideração com que o espirito norte-americano recebeu aquella attitude, aquelle discurso, aquellas idéas.

Os cidadãos dos Estados Unidos residentes na Europa dirigiram, em Outubro de 1916, ao presidente Wilson, a mensagem estampada em 27 desse mes do «Tempt», e da qual, no dia immediato, o «Jornal do Commercio», num despacho do seu correspondente especial em Pariz, nos ministrava este resumo, que acaba por uma transcrição textual:

«A mensagem dos norte-americanos domiciliados fóra do seu paiz, publicada hoje, contém referencias á accão generosa e nobre do Brasil, emprestando seu apoio moral á causa dos aliados, e recorda a manifestação com a que a Camara dos Deputados do Rio de Janeiro demonstrou a sua solidariedade com as idéas expostas em Buenos Aires pelo notavel jurista brasileiro senador dr. Ruy Barbosa, por occasião da sua conferencia de Julho, na Faculdade de Direito da Universidade daquella capital.

«Transcreve a mensagem as palavras do dr. Ruy Barbosa, appell-

lando para a estreita união de vistos dos povos do Novo Mundo, em oposição aos despotismos da força bruta, e conclue pelo seguinte commentario:

«Já que nos não pertenceu essa iniciativa, sigamos, ao menos, esse exemplo, e, uma vez que nos não foi dado assignalar uma data historica com o nosso protesto, creemos uma data duplamente historica por efeito da nossa solidariedade com essas idéas.

«Adoptem as palavras de Ruy Barbosa e façam quanto puderem por emprestar-lhes maior força todos os americanos, que amam realmente o seu paiz, e têm fé nos principios da independencia americana.»

Aqui está, senhores, como a *colonia americana* do velho continente me considerava e distingua. Reconhece ella que «a iniciativa» do papel da América, nesta guerra, pertencia ao embaixador brasileiro em Buenos Aires, ao seu discurso naquella cidade; reproduz-lhe a linguagem; consigna que ella criou «uma data historica»; lamenta não se ter formulado o protesto, alli aconselhado; pede aos seus concidadãos que, «ao menos, sigam esse exemplo»; exorta, enfim, «os americanos todos, que amarem realmente o seu paiz», a «adoptarem as palavras» desse estrangeiro, e a «fazerem quanto possam, por lhes dar a maior força.»

Nem é tudo, senhores. Numa correspondencia escripta de Nova York, pelo sr. Leopoldo Graham, cidadão norte-americano, á «Nacion» de Buenos Aires sobre certas tendencias mal vistas do pan-americanismo, e transcripta em Pariz, no «Brésil» de 15 de Outubro de 1916, essa testemunha insuspeita assim depunha, concluindo:

«Accrescentarei que o entusiasmo causado, recentemente, em Buenos Aires, pelas declarações do eminentíssimo homem de Estado e jurista brasileiro o sr. Ruy Barbosa tem exercido, indubitablemente, uma influencia restrictiva sobre o governo de Washington, e muito contribuirá para diminuir as probabilidades de que esse governo siga um rumo tendente a subtrahir-lhe as vantagens de relações commerciaes mais estreitas.»

Diferenças

Nestas palavras do correspondente norte-americano da «Nacion», onde se atribue ao meu discurso de Buenos Aires «uma indubitable influencia restrictiva» sobre a politica do governo de Washington no continente americano, transluz a diferença essencial entre a maneira, pela qual o embaixador brasileiro á Argentina comprehendia a posição de sua terra ante os Estados poderosos, e o modo como outros embaixadores têm encarado esta situação.

A meu ver, é pela sua dignidade que as nações militarmente fracas se tornam respeitaveis ás fortes. Outros, pelo contrario, são de parecer que é pela sua humildade. Como se vê, entre as duas politicas, a minha e a delles,

ha uma divergência radical, um verdadeiro abysmo. A minha quereria um Brasil á argentina. A outra nos daria um Brasil á cubana.

Bem pode ser que esta seja mais commoda que aquella... ao menos para os que se incumbem de a executar. Porque não ha nada como as grandes amizades; e as com que se aquinhôa o ministro de um estadito, quando se reduz a corteázo da potencia, junto a cujo governo o acreditam, é uma dessas melgueiras, pelas quaes vale a pena dar a vida. Mas a cartilha, por que eu rezo, a por que rezei em Haya, e em Buenos Aires, a que por rezaria em Pariz, é outra: é a de zelar, com discrição, mas com firmeza, o pundonor de minha terra não dando a suppor que ella seja capaz de sorrabar a ninguem.

Satisfacções à Allemanha

O governo do Rio de Janeiro foi chamado a contas pelo governo de Berlim, para se descarregar da culpa, em que o envolia, aos olhos da Allemanha, a imprudencia do seu atrevido embaixador. Da resposta não se sabe senão a summa, pelas agencias allemans. Mas é de crer haja sido bem trajada á prussiana; visto como, segundo essas agencias o Brasil se explicou a contento do kaiser, isto é, disse bem da sua justiça á maneira alleman. Naturalmente lançaria ás ortigas o embaixador como um tresloucado, um diplomata sem geito para a coisa, de cujos serviços a república sentia ter lançado mão em tão má hora. E, se foi isto só, bem pouco foi; pois, se não mente a fama, houve uma grande autoridade (Deus lhe fale n alma), que, declarou ella, se estivesse no poder, teria dado cabo de mim com o raio de uma demissão. Valha-me Nossa Senhor Jesus Christo!

Felizmente houve, na imprensa brasileira, quem dësse o troco á fanfarría alleman e á pascacice brasileira. Haja vista a nota, que *A Noite* estampou, em Setembro de 1916, no dia 4.

Ei-los, senhores:

«A Agencia Wolf explicou em Berlim que o Brasil se justificára perante a Allemanha do estranho procedimento do embaixador Ruy Barbosa em Buenos Aires e do Parlamento brasileiro, com respeito ao entendimento do principio de neutralidade.

«Parece que qualquer reflexão sobre o assumpto levar-nos-á á convicção de que andou levianamente a nossa chancellaria, dando explicações em caso que ellas não podiam ser pedidas.

«Desde que apareceu o teôr exacto do monumental discurso do embaixador Ruy Barbosa, a «situação ficou fartamente esclarecida. As palavras de s. exa. não podiam, nem queriam valer senão como estudo de um jurista, membro do Tribunal Arbitral de Haya. Não poderia o governo brasileiro ser questionado sobre o valor dessas palavras, uma vez que aquelle que as enunciara, deixara bem claro ao enunciar-as a qualidade em que o fazia. A pergunta do governo alleman ao governo brasileiro só poderia, por desnecessaria, ser uma impertinencia.

«Nem o governo brasileiro, nem o governo allemão, tinham a menor sancção sobre actos de quem, ao commettel-los, fazia-o como membro de um Tribunal Internacional, superior a todos os governos e a todos os paizes.

«Toda e qualquer conversa sobre esse assunto devia ser repelida pela nossa chancellaria.

«Restava o acto do Parlamento brasileiro.

«Para explicação de seus intuítos e da extensão de seu entendimento, falecia á nossa chancellaria competencia para dala. Nem ao governo allemão cabia pedil-a, visto que elle bem deve saber o que valem os votos de um Parlamento num paiz de representação popular.

«Tudo, pois, quanto sobre o assumpto converssasse o governo brasileiro seria com grave offensa ao bom senso e ao prestigio da Nação.»

...difamação ministerial

A germanice ministerial, porém, não estava ainda contente com a hajulice das satisfacções, que dera. Era mister alguma coisa mais, alguma coisa, que regasse os bofes ao sr. Paoli, alguma coisa como emporcalhar a reputação do embaixador brasileiro, não aqui só, mas até no paiz onde elle acabava de representar o Brasil. Vêde, senhores, que ralé de miseraveis, mas, ao mesmo tempo que raça de imbecis!!

Com estas duas qualidades não se recua diante de nada. O governo argentino despendera sommas enormes com a régia hospedagem, que nos agasalhou. A sociedade portenha liberalisou-nos obsequios, distincções e honras, de que se dizia não haver, até então, exemplo nas relações delles comonosco. Força era corresponder a finezas tantas, ao menos com a mais ligeira e trivial das cortezias. Devidamente autorisado, pois, dei um jantar, a cuja mesa se assentou o presidente da Republica, e convidei a sociedade buenairense a um chá, que o melhor della honrou com uma affluencia desusada. Não fui eu, mas a nossa legação brasileira, quem ajustou o chá e o jantar. Não fui eu, mas a nossa legação, quem pagou o jantar e o chá. Não me passou, alli, pelas mãos um real, que meu não fosse. Não abri, alli, uma conta. Não deixei, alli, uma divida. Não gastei, alli, um vintem, que não fosse do meu.

Pois, não obstante, senhores, de tal modo se mecheu o monturo ministerial, que acharam meio de apparentar, contra mim, uma estrallada á brasileira, onde se acabou por mostrar que, lançadas todas as contas, a embaixada, com ordenados, ajudas de custo, viagens, recepções e tudo, nos custara a somma colossal de duzentos a duzentos e poucos contos. Essa historia toda saiu do Itamaraty, onde se ageitou sob a direcção do sub-secretario de Estado, e, debaixo dos olhos deste, se entregou ao cozinheiro de um dos fréges da publicidade ministerial, donde, com a succulenta graxa, o devido alho e as competentes mòscas, se atirou, com um «sáial», ao appetite dos clientes dessas tascas.

Era, porém, no estrangeiro, era na propria Argentina, donde eu me retirara coberto de honras, todas grangeadas para o Brasil, era ahi que o go-

verno brasileiro me queria detrahido, enxovalhado. O telegrapho recebeu dos porcalhões o embrulho, com a espórtula desembolsada pelo Thesouro. O journal, que alli o reeditou em castelhano, é o mesmo que, ainda agora, quando aqui se debatiam as candidaturas presidenciaes, nos enviou, por duas ou mais vezes, umas apologias do sr. Lauro Muller, nome de que ninguem, afóra elle e os seus, se lembrava para tal serventia. E dalli voltou, outra vez, de torna viagem, o prato d'alhos, graxa e mòscas ás vitrinas de sensação da nossa publicidade.

Eis senhores, até onde tem baixado a nossa administração internacional. De balde esquadriňharelis os vãos mais furtivos da chronica escandalosa nos annaes da diplomacia, em busca de alguma coisa, que se meça com esta na torpeza do trabalho de invenção. Os nescios não viam que se escarravam a si mesmos e lambuzavam a cara com o muco dos proprios pulmões. Como no ditado: «Cuspo para o céu, cae-me no rosto».

Era o paiz que elles enlodavam e não a mim. Não a mim. Não a mim; porque não me custava mais do que uma vassourada a varredela desse lixo. Mas ao Brasil; porque natural é que se ajuize de uma nação pelo seu governo. Na Republica Argentina essa indecencia internacional, a flagrancia da grosseria dessa analyse publica do nosso ridiculo desembolso com o custo de pequeninos obsequios rendidos ao paiz, de que acabavamos de receber tamanhos, e a que nos haviamos mostrado anciosos de render a mais alta homenagem com a enviatura de uma embaixada, essa indecorosidade monumental cahiu no desprezo de toda a gente. Viu-se que não podiam estar com os sentimentos de uma nação qualquer, por baixa que seja, quanto mais do Brasil, que tem dado cópia bem diversa da sua fidalguia, os actos de ministros e diplomatas desta láia.

O «Jornal do Commercio»

No Brasil a impressão causada entre todos por esse accesso de alarvaria diplomática era a de que achamos a imagem bem nítida nesta nota do «Jornal do Commercio», na edição de 30 de Agosto de 1916. Vale a pena o relembrar-a:

«Vemos, com sincero pesar, que ainda não acabou a arritante questão em má hora suscitada pelo espírito leviano de alguns a propósito da embaixada brasileira nas festas do Centenario de Tucuman.

«A essa representação deu o eminente sr. conselheiro Ruy Barbosa todo o brilho excepcional de seu genio e de tal modo se houve que, ao regressar ao Rio, foi recebido entre as aclamações do povo, que não lhe ragateou homenagens. Mas, nesta terra, parece que não se respeita mais coisa nenhuma e, em poucos dias, a apotheose da chegada era transformada, pelos outros, num dissídio, que ameaça prolongar-se, para nossa vergonha.

«Observa-se já, nas almas retas, uma tristeza geral pela continuação desse espectáculo imprudente, entretecedido de nonadas, com o desenterro

de episódios mortos, que não devem servir a vida inteira para repasto de orgulhos mal contidos, ou, de outro lado, para revides excusados, por mais respeitáveis que hajam sido, a seu tempo, e possam ainda ser, essas expansões, pelo seu evidente fundo de patriotismo.

«E' um desserviço clamoroso que se presta, já não diremos á *causa da concordia*, tão superiormente servida no *Prata* pela longanimidade percursiante do embaixador sem par, mas ao proprio socêgo do Brasil, tão necessitado, neste momento, de harmonia entre os seus filhos e infelizmente tão conturbado pelas paixões ruins, que só servem para augmentar a confusão ambiente. As pessoas de responsabilidade estão no estricto dever de não participar, directa nem indirectamente, dessa *furia maligna que tudo envenena e conspurca sem causa e sem base, com acinte a pessoas e pouco ou nenhum caso pelas conveniencias de outra natureza, que deviam igualmente ser attendidas com o maior escrupulo.*

«Se tivessemos autoridade para fazer um appello, aqui o deixaríamos expresso numa supplica, para que *guardemos ao menos isto, que já nos vae faltando: o respeito de nós mesmos*, que é uma condição essencial de compostura, ou se traduza em veneração pelos grandes homens, mortos ou vivos, ou signifique apenas a consciencia do proprio decoro pessoal!»

A volta do Ministro do Esterior

Já uma semana antes annunciara a imprensa que o presidente da Republica, atalhando, logo em começo, a excursão do sr. Lauro Muller aos Estados Unidos, que se dizia haver de ser longa, o chamára ao seu posto, onde lhe estavam exigindo a volta as loucuras do seu deplorável substituto.

Mas, o nobre ministro, que attendeu logo ao appello, não vinha com boas intenções. O que o preocupava era varrer-nos a testada, que o embaixador a Buenos Aires atravancara de certos fardos incommodos ás nossas relações com a Alemanha. E' o que bem claro está nos discursos, que o secretario das Relações Exteriores veiu semeando pelo nosso litoral em seu regresso ao Rio de Janeiro.

Do primeiro delles temos o resumo, evidentemente authentico, feito ou revisto pelo autor e dado a lume no «Jornal do Commercio», na sua folha de 9 de Outubro, em um telegramma de Belém, depois estampado em todos os periodicos daquelle Estado.

Ahi se nos depara este concludentissimo trecho:

«Depois de varias considerações sobre o jubilo de que estava possido ao ver-se tão desvanecedoramente recebido no extremo norte do seu paiz, disse que sentia a verdade das palavras com que o orador o saudara, mesmo quando alludindo á actual situação internacional se referira ao facto de ser o Brasil paiz soberano, livre, dotado de plena

consciencia do seu valor e deveres, e que não podia, portanto intervir em questões para as quaes não o chamavam interesses, nem direitos.

Disse ter de affirmar, ainda uma vez, não ser a neutralidade a indifferença ou cumplicidade, e sim manifestação de consciencia, soberania e dignidade de um povo, que zela pela sua honra, que se orgulha de possuir historia fulgurante, que lhe dá a segurança do brilhantismo do seu futuro, não podendo absolutamente servir de papel misero ao lado das outras unidades.

Se sua accão na chancellaria brasileira tem dado logar a manifestações e contrariedades, é porque não busca gloria inconsciente, que se esborracha facilmente, e sim a certeza de servir os interesses do seu paiz, que necessita de todos os seus filhos, disciplinados e cohesos, trabalhando conjuntamente, embora divergindo ás vezes.

Discutamos a politica interna, mas não hesitemos em seguir, na politica internacional, o unico caminho compativel com a nossa dignidade.»

Estes periodos tentam, evidentemente, ser, ponto por ponto um revide irresponsável á minha oração de Buenos Aires, ás iléas alli por mim desenvolvidas sobre a neutralidade, sobre os deveres do Brasil na grande guerra, sobre as nossas obrigações de não abandonar sem protesto aos azares da barbaria crescente os principios, as leis, as convenções que assignámos em Haya.

Dois dias depois, um telegramma do Recife, impresso no mesmo jornal, nos proporcionava á leitura, não uma summa, senão um topico textual de outra allocução, a que o ministro das Relações Exteriores acabava de profetir, naquelle capital, resaudando o governador de Pernambuco, em resposta ao brinde, que este lhe dirigira.

Ahi sobresae este lance, que a historia politica do Brasil deve inscrever:

«Volto ao meu torrão natal e é grande a minha satisfacção em ver o nosso querido Brasil. Venho como republicano e como homem de governo, para servir á Republica e á minha patria. A bondade do sr. governador quiz ver nos serviços, que enumerou, meritos, que não me assistem. Um só se poderá apontar: é o da sinceridade, é o do esforço que emprego, para suprir as deficiencias do meu saber.

Neste momento, tão grave para o mundo, nós nos temos procurado garantir, segundo as tradições da nossa historia, dentro das lições do direito internacional, que nós aprendemos no convivio universal, no respeito aos tratados, que assignámos, e que, até hoje, não rasgamos, procurando a união de todos os homens, e fazendo com que os odios fiquem sobre o Oceano, e a paz reine sobre a America. Essa convicção não é um estado de indifferença, e, um dia, quando a razão voltar, quando se ouvirem as vozes dos neutros, quando se respeitarem as convicções, que estão postergadas, então se comprehenderá esta grande verdade. Mas, até lá, o nosso dever é manter a politica, que está na consciencia de todos os homens, uma vez que nem o direito,

nem os interesses, nem os mefindres, nem as offensas attingem a nossa patria. O nosso dever é abrir o campo deste paiz vasto e liberal, que é o Brasil, para a actividade de todos, e conservar para com todos a mesma amizade.»

Expressões dos discursos ministeriaes

O ministro brasileiro fala «nos tratados, que assignámos», occultando que mais solennes, os mais importantes desses tratados, os que assignaramos na Conferencia da Paz, estavam rôtos pelas aguias dos Imperios Centraes, e que não era possivel subsistirem, para abrigar os Estados pequenos, quando os exercitos dos grandes Estados não bastavam para impedir que as ambicções germanicas os dilacerassem. Quer que «os odios fiquem no Oceano, e a paz reine sobre a America, como se os portadores do odio, os tigres da guerra submarina, respeitassem estas plagas americanas, para onde não tardariam a nortear os seus assaltos. Sustenta, em summa, que «nosso dever é conservar para com todos a mesma amizade», isto é, que entre a Europa liberal e a autocratica, entre a Europa do direito internacional e a Europa conquistadora, entre a Europa, onde nunca se accenderam appetites contra a nossa terra, e a Europa, que já nos carimbava, nos seus mappas, como projecção territorial da Allemanha, tão boa era, para o Brasil, uma, quanto a outra.

Sangue allemão

Não havia ahi, porém, nada que admirar. O que falava pela bocca do nosso ministro, não era o sangue brasileiro: era o sangue teutonico, de que s. exa. é oriundo. Em 1911 o sr. Lauro Muller se declarava «digado por um respeito filial ao Rheno de seus paes», e se ensoberbecia «do nobre povo, de que descende», assoalhando-se com entono «brasileiro de sangue allemão». Em 1915, quando a guerra contava um anno, ou mais de um anno, de horrores, falando, já ministro do Exterior, em Porto Alegre, ao Club Germania, num banquete com que este o obsequiava, gabou-se de estar entre os teuto-brasileiros, accrescentando que «nos filhos deve prevalecer o sangue dos paes.»

Estes factos se acham documentados e estudados num escripto, com que o sr. Medeiros e Albuquerque collaborou nas columnas d'«A Noite», aos 16 de Abril de 1917. Eis os topicos essenciaes dessa comprovação:

«Os raros defensores da attitude do dr. Lauro Muller procuram fazer crêr que elle só é combatido por causa do seu nome. Se, de facto, assim fosse, nenhuma accusação seria mais inepta. Os protestos, que se levantam contra os actos do dr. Lauro Muller, vêm exclusivamente da confissão por elle reiteradamente feita de que é tão allemão como brasileiro. A's que já foram publicadas — e que não sofreram menor contestação — vale a pena juntar hoje mais uma.

Já aqui se transcreveram dois trechos de um discurso pronunciado

pelo dr. Lauro Muller, em Berlim, em 1911. Num deles, o ministro actual do Exterior dizia: «Dahi resulta tambem que nós, *brasileiros de sangue allemão*, cheios de orgulho pelo nosso Amazonas, somos ligados por um *respeito filial ao Rheno de nossos paes*.» Em outro logar elle se confessava orgulhoso «*do nobre povo de que descende*.»

Foi, portanto, o dr. Lauro Muller que fez em publico o exame da sua propria psychologia. Mas não o fez uma só vez. Em 1915, já como ministro, passou por Porto Alegre, quando ia para a Republica Argentina. Em Porto Alegre a sociedade *Germania* lhe offereceu um banquete. Respondendo ao orador que lhe levantou o brinde official, o dr. Lauro Muller pronunciou um discurso, que foi publicado lá, no «Correio do Povo» e aqui transcripto n'«A Noite», de 12 de Maio, 1915.

Nesse discurso, falando das diversas raças que povoam o Brasil, alludiu aos teuto-brasileiros, em cujo numero estava. E accrescentou «*que nos filhos devia prevalecer o sangue dos paes*.»

Assim, não é a questão do nome, que não tem a menor importancia, o que faz combatermos a acção actual do sr. ministro do Exterior: são as suas repetidas confissões de que se sente allemão.

Não somos nós: é elle quem o diz. Que o diz e que o repete. Que o diz, que o repete e que o prova.»

«E' mesmo interessante notar a gradação desses dois discursos, um proferido em 1911 e outro em 1915: no primeiro, o sr. Lauro Muller se confessava tão brasileiro como allemão; no segundo, vae até dizer que se sente mais allemão do que brasileiro, pois que nesse *prevalece o sangue de seus paes*.»

Adiantando a proposição, nem sempre exacta, de que «*nos filhos prevalece o sangue dos paes*», e alardeando a sua descendencia de paes allemães, o indiscreto teuto-brasileiro estabelecia, elle mesmo, que, na sua individualidade, a pátria allemã se acha acima da brasileira, o sangue brasileiro está subordinado ao sangue allemão.

Não somos nós os que o dizemos: é elle. Mas, se assim é, fallece de todo em todo competencia á sua individualidade, mais germanica do que nacional, para discutir com qualquer filho desta terra pontos de vista brasileiros, quando em desaccôrdo com ponto de vista allemães. Nem se pôde admittir que um homem de origem, sangue e sentimento tão confessadamente allemães, possa chegar a ser um homem publico, senador, ministro, senão na terra de seu sangue, na terra de seus paes, na sua Alemanha.

Quando mesmo, porém, não houvesse a sua confissão, para estabelecer o cunho germanico da sua personalidade, ahi estariam os seus actos e os sentimentos que nesse se revelam. A crueldade da sua dissimulação, a sua indifferença ao uso dos meios exigidos pelos seus fins, o seu habito de acariciar e apunhalar são as qualidades caracteristicas dessa mentalidade, peculiar ao germanismo, em que se entretecem moralmente num só estofo a guerra, a politica e a espionagem.

O discurso do «Jornal do Commercio»

Quando se annuncio o meu discurso do «Jornal do Commercio», pronunciado em Abril de 1917, não se mediram intervenções pessoas, conversinhas e rogos, para que eu, nesse comicio, não atacasse o governo. Respondi que o não faria e não o fiz; porque não era tal o meu intento. Mas, ao mesmo passo que me cercava esse trabalho de blandicias, para que se não escorrasse a pelle do ministro, pela sua secretaria se expediu uma circular, que eu vi em varios exemplares, advertindo aos membros do corpo diplomático acreditados no Rio que lhes não era lícito ir ouvir-me, porque eu ia «falar mal do governo». Excepto o ministro da Belgica, a quem, naturalmente, não se afigurou legitimo, em boa diplomacia, o expediente, os outros todos se deram por avisados, e não compareceram. Achaeis que elles obedeceriam ao lembrete, se não soubessem que era official?

Eis aqui o caso, tal qual «A Noite» o narra aos 16 de Abril de 1917:

«Chegara, ha dias, ao nosso conhecimento que os senhores ministros das nações aliadas belligerantes haviam recebido cartas pedindo-lhes que não comparecessem á manifestação da Liga Brasileira pelos Aliados ao conselheiro Ruy Barbosa, sabbado ultimo, porque o eminente senador bahiano falaria mal do governo junto ao qual são aquelles ministros, acreditados. E, hoje, tivemos entre mãos duas dessas cartas, recebidas por dois representantes de duas daquellas nações, cartas essas escriptas com caracteres fóra do cummum e sem assignatura, nas quaes se lia, entre outras coisas, isto: «*Ruy Barbosa parlera mal du gouvernement auprés duquel vous êtes acredités. Vous ne pouvez pas l'écouter.*»

«Essas cartas, ou melhor, esses bilhetes, não tinham, como dissemos assignatura alguma, nem nenhum signal caracteristico pelo qual se pudesse descobrir a sua origem. Quem terá sido o genial autor dessa perfidia, praticada junto de todos os ministros aliados? Seja quem fôr, pôde-se gabar de ter conseguido o seu fin: dos destinatarios das cartas *anonymas*, o unico que compareceu á manifestação foi o sr. ministro da Belgica. E' um pequeno incidente, que pôde servir aos historiadores futuros.»

O torpedeamento do «Paraná»

Infelizmente, senhores, quando o sr. Lauro Muller traçou com a sua espada virginal a extrema entre os dois imperios, deixando o das vagas ao odio, e reservando á America o da paz, não consultara nem a Guilherme, nem a von Tirpitz; e o resultado veiu a ser que, bem depressa, os dois domínios entraram um pelo outro, mergulhando o da paz no do odio, e invadindo o do odio ao da paz.

Quando, aos 4 de Abril de 1917, o primeiro navio brasileiro sossobrou ao choque da guerra submarina, havia de ter começado a dar fé o nosso ministro do Exterior de que, não podendo os navios do continente ameni-

cano, consignado por s. exa. á bemaventurança *da paz*, navegar em sêcco, a travessia do oceano, deixado por s. exa. aos horrores *do odio*, os exporia aos botes deste, não obstante a genial partilha do sr. Lauro Muller na oração de Recife.

O papel da nossa chancellaria, como hoje lhe chamam, por essa occasião, ainda não recebia em cheio a luz da verdade. Creio, porém, que, com certos documentos, até agora inéditos, da nossa diplomacia, lograremos derramar sobre esse episodio interessante alguma claridade.

Aos 5 de Abril de 1917 a nossa legação em Pariz telegraphava á secretaria das Relações Exteriores esta notícia:

«N. 39 Acabo receber telegramma do consul Havre, dizendo: Paraná torpedeado esta noite dez milhas de Barfleur guarnição salva *tres homens mortos*. — (Assignado) — *Magalhães*.»

Respondendo, na mesma data, a esse, o nosso ministro das Relações Exteriores, por um telegramma, também de n. 39, com o escrupulo que todos lhe reconhecem, perguntava «*se o submarino prestou qualquer socorro*.» Quem havia de curar das attenuantes allemans, senão o ministro brasileiro?

O telegramma do commandante do «Paraná», dirigido á Companhia Commercio e Navegação, que o estampou, em 7 daquelle mez, nos jornaes do Rio, exprimia-se deste modo:

«Cia. Commercio e Navegação. Rio. «Paraná» torpedeado torpemente sem aviso á meia-noite. Quarto macilinista e dois foguistas foram mortos, ficando ferida grande parte da tripulação, em consequencia da explosão. Espero que me remetta, urgente, créditos. Fomos salvos depois de 12 horas em botes das torpedeiras francesas. *Foi um cumulo o procedimento barbáro dos allemães*. (assignado) PEIXE, commandante do «Paraná».

Este depoimento era categorico. Capitulava, designadamente, de allemães os torpedeadores. Outro telegramma, entretanto, dado á luz pelos jornaes dahi a quarenta e oito horas, já hesitava em reconhecer a nacionalidade, terminantemente designada no anterior.

Eis os seus termos:

«Affirmamos que o torpedo attingiu o navio a bombordo, no compartimento das machinas, um metro abaixo da linha de fluctuação. Depois da explosão, o submarino veiu á superficie e atirou-nos cinco tiros de canhão. *A maior parte da equipagem viu. Foi impossível reconhecer a nacionalidade*. Todos os officiaes vão bem: o ferido é o foguista, cujos ferimentos são leves. Protesto feito no consulado e no tribunal. (assignado) PEIXE, commandante do «Paraná».

Como é que o que no primeiro se déra por liquido, já entra em questão no segundo? Naturalmente, posto em torniquete o commandante do navio, para declarar, fóra de toda a duvida, se, realmente, estava certo da nacionalidade. receiou, titubeou, e se esquivou á resposta. Mas, seriamente, senhores poderia ter sido francez, ou inglez, o submarino, que torpedeasse uma embarcação empregada em transportar mantimentos para os aliados?

Circumstancia curiosa. Segundo a lista da tripulação do «Paraná», extraida n'«O Paiz» de 7 de Abril de 1917, o primeiro machinista era Oscar Sperb, allemão (a julgar pelo nome), naturalizado ou não, ou descendente de allemães. Pois esse individuo mereceu ao ministro das Relações Exteriores a honra de ser singularisado neste telegramma especial:

«N. 42. Desejamos que, entre as pessoas do navio «Paraná», que forem inquiridas, esteja o primeiro machinista Sperb, chamando-se a depor o maior numero possivel de brasileiros natos.»

Todos os «brasileiros natos» eram amalgamados anonymamente nessa generalidade, e só o allemão, por naturalidade ou descendencia, se destacava num unidade singular, com aquellas instruções particulares. Por que?

Abrindo-se, como se abrira, a investigação logo depois do torpedeamento, natural era que se envidassem todos os meios por acudir a anciedade publica, excitada e clamante no Rio de Janeiro. Em vez, porém, de lhe accelerarem a satisfação, que urgia dar-lhe, o de que se o ocupavam os brasileiros do Itamaraty, era de catar, para o allemão do «Paraná», o privilegio de uma consideração, que lhe assegurasse preeminencia exclusiva entre os demás tripulantes.

Evidentemente, a recommendação, com que rematava esse despacho telegraphic, de se chamar a depôr o maior numero de «brasileiros natos», não entrava alli, senão para esbater a impressão do carinho, em que se envolvia, pelo muito zelo de nosso chanceller, o brasileiro não nato, se cabe este euphemismo aos allemães de casca brasileira.

A opinião publica, entrementes, insistia pela acceleracao do inquerito. Mas, como não lhe pintassem bem ao ministro as conclusões, a que essa averiguacão parecia tendente a chegar, segundo as noticias recebidas, abriu-se outra porta ás tentativas de justificação alleman, ideando-se, no Itamaraty, um inquerito supplementar, que, com os devidos rodeios e cautelas, se determinava, em 10 de Abril, ao nosso ministro na França, mediante este telegramma:

«SSS. Rio Janeiro — 534 — 51 — 10 — 6 h. 15 — V. MALTE
Ministre Brésil. Pariz. N.º 49. Num dos telegrammas endereçados dia-
riamente PEIXE e que Companhia publicou, aquelle commandante PA-
RECE DIZER QUE NÃO PODE ASSEGURAR NACIONALIDADE
SUBMARINA. Muito convém que esse ponto fique averiguado inque-
rito supplementar se preciso para não demorar remessa inquerito já
feito que continuamos aguardando aniosamente (a). Ministre Exterieur.»

Este telegramma era expedido, como se vê, no dia 10, já depois das 6 horas. Ainda então continuava o nosso ministro a ter duvidas sobre se era, ou não, germanico o submarino criminoso. Nessa mesma data, porém, deve ter sobrevindo a communicação do inquérito impacientemente aguardado; e tão inequivocas vieram a ser, a tal respeito, as suas conclusões, que logo aos 11 de Abril recebia o sr. Paoli a nota, pela qual suspendiamos as nossas relações com o imperio allemão.

Ainda, assim, porém, não perdia de todo o nosso ministro as esperanças no seu alvitre do inquerito addicional. Eram já os 12 do mez, quando o cabo telegraphico transmittiu a Pariz este derradeiro despacho, inédito como os anteriores:

«SSS Rio de Janeiro. 48 — 20 — 12 — 14 h. 2 —

V M T E. C T F — 11 W —

«Ministre Brésil. — Pariz.

«N.º 52. Recebido seu 45. Inquerito supplementar parece agora dispensavel, entretanto vossencia pôde fazel-o reservadamente. Ministre Extérieur.»

Ora por que ainda, em tais alturas, aquelle supplemento de inquerito? E, a fazer-se, por que *reservadamente*? Uma de duas. Ou os resultados, em que dera o inquerito concluido eram decisivos; e, neste caso, por que, para que, a bem de que insistir numa inquirição já concludente? Ou, se não era concludente, com que direito se renunciaria ás averiguações, ainda possiveis? Mas, em ambos os casos, como se ha de explicar a clausula de *reserva*, num assumpto que impacientava a opinião, e em que, portanto, ella não podia deixar de ter conhecimento de tudo?

Entanto, á vista da suggestão insinuada nos termos facultativos do telegramma do ministro do exterior, a legação de Pariz não se animou a deixar de proceder ao inquerito suppletivo. Este, porém, se consumiu, sem deixar intersticio, por onde escapasse a responsabilidade germanica nô dencia, a que só resistiam os escrupulos judiciaes do nosso meticuloso chanceller.

Suspensão de relações com a Alemanha

A força da opinião publica, entretanto, a despeito dessas esperanças, que lutavam contra si mesmas, arrastara o governo á suspensão de relações. Mas a nota ministerial de 7 de Abril é o documento mais claro do conflito, em que, no animo do ministro, o sentimento do seu dever não comtendido, responsabilidade visivel sempre, desde o começo, com uma evi-seguia abafar a reacção do seu sangue.

O orgam do governo brasileiro, alli, só encontra phrases expressivas, para traduzir «o grande pezar, que tem, em reconhecer que é *forçado*, á vista do quanto se passa, a suspender as relações diplomaticas e commer-

ciaes, com a Allemanha.» «Ao cumprir», diz elle, «esse penoso dever», aproveita «a occasião, para ter a honra de, ainda uma vez, apresentar asseguranças de sua «alta consideração» ao ministro da potentia, que nos acabava de assassinar tres brasileiros, torpedeando, como essa nota mesma accentua, um navio nosso, «torpedeado e, depois de torpedeado, ainda alvejado com cinco tiros de canhão», não tendo sido «intimado a receber a visita para averiguación do seu caracter de neutro», não recebendo aviso de que ia ser posto a pique, nem acudindo os torpedeadores com «a mitiana assistencia humanaria ás pessoas, que nelle se encontravam», e que, depois do torpedeamento, ainda foram alvo de bombardeio.

Estas circumstancias, terrivelmente criminadoras, não as poude a nota ministerial esconder.

Mas ás vidas brasileiras alli cortadas, apenas se allude, nesse papel de envolta com os «interesses commerciaes», prejudicados no tragic incidente. O organi do nosso governo não achou, para esses crimes, attentatorios, não só dos direitos humanos, mas tambem dos da nacionalidade brasileira, não achou, para taes crimes, ao menos uma expressão de equivalencia ás do «grande pezar», ás do «penoso dever», com que traduzia os seus sentimentos pela cessação das nossas communicações com o imperio do kaiser.

Notae, senhores, que, a respeito do abalo dessas relações, não se ousava o nome de *rompimento*, nem, sequer, o de *interrupção*, que já é rotura. Utilisava-se o mais anódyno de todos: o de *suspensão*, onde resumbrá o cuidado em não arriscar incompatibilidades ulteriores e já se insinua a volta futura «ás relações amistosas», cujo estremecimento se deplora.

Sobre essas aberrações inacreditaveis, onde se sentem os instictos ancestraes do ministro, o vigor das suas origens alienigenas, em luta com a nacionalidade que elle representa, e o proprio governo, de que é membro, um eminente jornalista brasileiro, o sr. Medeiros e Albuquerque, teve a felicidade inestimavel de traduzir a sentença da justiça, com uma lealdade e precisão dignas de ser recolhidas pela historia nas suas inscripções lapidares.

«Ninguem ignora», dizia elle, «que se não fosse a iniciativa pessoal do sr. presidente da republica, francamente secundado pelos dois ministros militares e outros membros do governo, talvez ainda hoje estivessemos fazendo o joguinho das notas diplomaticas. Assim que a noticia do torpedeamento aqui chegou, o sr. Paoli apressou-se em pedir um inquerito á Allemanha. Era sua intenção publicar uma daquellas respostas, que a Allemanha costuma dar, negando mesmo as mais meridianas evidencias. Se a nota alleman chegasse antes do inquerito brasileiro, estabelecer-se-ia uma situação embaraçosa.

«O sr. ministro do Exterior, que só isso desejava, fez o possivel para se chegar a esse resultado. Se não fosse a presteza da «nossa Legação em Pariz e a intervenção directa e pessoal do dr. Wenceslau Braz, a nossa chancellaria, aqui, retardaria o mais possivel a decisão brasileira, para o sr. Pauli ter tempo de fazer o seu jogo.

«Forçado, porém, ao rompimento, o nosso Ministerio redigiu uma nota, que é um modelo. *Nella as unicas manifestações de pezar, não são pela*

morte dos marinheiros brasileiros, aos quaes apenas se faz apenas uma allusão commercial. Nella, todas as manifestações de pezar são pelo penoso afastamento do sr. Pauli e pela suspensão das relações.

«Evidentemente, ninguem pediria que a nossa nota fosse redigida grosseira ou mesmo impolidamente. Mas a polidez tem limites. Limites forçosamente muito estreitos em certos casos. Dois adversarios cortejam-se; mas não se apertam as mãos, nem se abraçam effusivamente. Não é, no documento em que se censura a outrem o assassinato de tres brasileiros, que se devem esquecer todas as referencias de pezar por essas mortes, pondo em contraste o penoso dever da separação e a alta consideração pelo representante do assassino. E na nossa nota só o que apparece, como triste, delicioso, despedaçador é a suspensão das relações com a Allemanha. Não se sabe mesmo como se deixaram de dizer nella algumas coisas desagradaveis aos tres responsaveis por este lamentavel facto, que aliás já o jornal oficial do partido do sr. Lauro Muller qualificara como *individuos perigosos á manutenção da paz e da ordem publica...*»

Os Estados Unidos declaram a guerra

Nesses entremes desdobrava abril os successos que iam lançar os Estados Unidos na guerra contra os Imperios Centraes.

Aos 6 do mez o presidente Wilson proclamava o estado de guerra com a corôa da Allemanha, o Senado americano votava o primeiro credito militar, e o secretario da Marinha mobilisava as forças navaes, comunicando o governo de Washington ás outras republicas americanas a posição, que assumira.

Quasi todas, se não todas ellas, se deram pressa em responder a essa cortezia, definindo a sua situação ante a belligerancia, que se acabava de romper entre os dois continentes, e a alliança, que entre elles, ao mesmo tempo, virtualmente se contraia. A chancellaria brasileira, porém, ruminou, remoeu e remanchou a resposta até aos ultimos dias do mez, até aos 28, quando, cedendo a algumas farpas e fisgas da imprensa, fizemos a nossa entrada... não de leão... para declarar a nossa *neutralidade* na guerra entre os Estados Unidos e a Allemanha.

Entre les deux...

Os norte-americanos registam no seu annuario, ás cincuenta e tres paginas do volume, essa data, na qual, já com os torpedos allemães ás ilhargas, já com as nossas veias sangradas por elles, com as aggravantes da traição e noite, com as da cobardia e inhumanidade, com as da crueza e da evasão, com todas as aggravantes concebiveis, ainda recalcitravamos, ainda resmoneavamos, ainda respingavamos á honra, declarando-nos indiferentes entre a democracia de Washington e a estratocracia de Berlim, para não sairmos da mònica do discurso do Recife, para não desnulherizarmos a nossa administração das Relações Exteriores, para mantermos entre

os amigos e os inimigos, entre os Estados Unidos e a *Mitteleuropa* •
nossa *entre les deux mon cœur balance*.

Polica bifronte

Eis aqui está, senhores, (prescindindo agora do lado cívico da questão) como, fazendo-se o mal e a caramunha, chorando-se pela Alemanha, e *flirmando-se* com os Estados Unidos, se assinalava o íntimo da verdade nessa política de duas caras, cuja última phase culminou no americanismo actual, que exclui, renega, denigre os verdadeiros amigos, os amigos velhos, experimentados e desinteresseiros da amizade americana, para buscar nos velhacoutos do bochismo os serventuários da conciliação entre os dois hemisférios do nosso continente.

A viagem do Sr. Paoli

No entretanto outras especulações, ainda mais zorras, ocupavam o árbitro da orientação brasileira na grande colisão entre o mundo autocrático e mundo liberal. O nosso ministro do Exterior, que, aos três annos, quasi inteiros, de guerra entre a democracia e o cesarismo, ainda pendia escandalosamente para este, e que volvera dos Estados Unidos, como Bernstorff, impenitente no seu visceral germanismo, — enquanto a América do Norte ensaiva as azas d'aguia, para transpor o oceano, e desempatar a luta indecisa, tratava aqui, no seu cantinho de caranguejeira, de dar o que quer que fosse á Alemanha em desconto da cartada, que se perdera com a suspensão das relações.

Agora era mistér, ao menos, no agenciar dos interesses germanicos, acautelar a bagagem do ex-ministro Paoli e dos ex-consules allemaes no Brasil. No *Foreign Office*, em Londres, e, em Pariz, no *Quai d'Orsay*, não se ignorava que, deixando o Brasil, o representante do governo alemão carregaria com todo o arquivo secreto da espionagem, que nas suas mãos tinha o centro de organização e irradiação, não só por todo o Brasil, mas por toda a América Meridional. Convinha que não desamparassemos o alemão nessa extremidade. Era um serviço bom de semear para contas futuras. Mas do que fez a nossa chancellaria nessa obra de enchemão não se poderia ter vislumbre, se me não tivesse chegado ás mãos o documento reservado, que ora vos vou lêr, e de que espero acompanhareis o ordume denso, retrincado e subtil, palavra por palavra.

E' um longo telegramma, que o nosso ministro das Relações Exteriores, passou, em 1917, data de 20 de Abril, ás nossas legações em Pariz e Londres.

Eis-o, senhores:

«SSS — Rio — 635 — 266 — 20 ... 1 h. 55 V. M. L. T.

«Ministre Brésil — Pariz.

«55. — *Confidencial*.

«Comunique por nota representantes aliados dariamos passaporte Enviado extraordinario allemão pessoal Legação, consules, famílias e servícaes, conforme relação apresentada. Pedi solicitassem respectivos governos *salvo-conducto* podessem livremente passar até Noruega, bordo vapor «Rio de Janeiro», Lloyd Brasileiro, propriedade governo brasileiro, exclusivamente destinado essa missão. Enviado Extraordinario francês respondeu *salvo-conducto* sob condição vapor seguir directamente porto aliado, *exame bagagem e outros artigos*, acrescentando censurado impertinente destino final fosse um porto Hollanda que além do mais suprimiu sua propria navegação por falta segurança. Enviado Extraordinario inglez tambem impoz condição exame em porto inglez.

VOU PASSAR NOTA COMMUNICANDO vapor «Rio de Janeiro» IRA CADIZ. Hespanha, CONSIDERANDO GOVERNO BRASILEIRO substituidos salvos-conductos concedidos para Noruega e CONSIDERANDO INEXISTENTE EXIGENCIA DE ESCALA PORTO ALLIADO ou inglez e destino Hollanda visto ser agora perspectiva feita para PAIZ NEUTRO.

«DISTANCIA EXCLUE IDE'A DE QUE POSSAM LEVAR DA QUI PARA SUA PATRIA QUALQUER CONTRABÁNDOD de GUERRA. Queira maxima urgencia obter desse governo declaração de que NENHUMA RESTRICÇÃO fará das indicadas ou outras para a *viagem directa* do Rio de Janeiro a Cadiz, assegurando *salvo-conducto* passageiros mencionados na lista já aceita. Não parece habil nem cortez neste momento em que cada vez mais nos aproximamos que se esteja pondo difficuldades indirectas a uma viagem que o sr. presidente da Republica está resolvido que se faça em qualquer caso. Mudança viagem para Hespanha sendo aceita nas condições indicadas permittir-me-á EVITAR RESPONDER DESAGRADAVELMENTE ás restricções sobre-tudo fracezas, porto destino. (assignado) Ministre Exterieur.»

Seria crivel, senhores, que um ministro do Brasil, um ministro das Relações Exteriores, o chefe da nossa diplomacia, houvesse escripto este acervo de impertinencias, indelicadezas e desatinos?

Allemânia e Brasil

Não bastava termo-nos, desde o nosso protesto, encolhido tanto na linguagem, incomparavelmente mais inexpressiva que a do uruguayo e a do argentino, comquanto o tratamento germanico nos não houvesse guardado as attenções observadas com a Argentina e o Chile. Era esta a maneira como o governo de Berlim traçava angariar as sympathias das duas unicas republicas da America do Sul militarmente interessadas, supondo que, de modo, conseguiria insular o Brasil, e desinteressar as duas potencias da sorte de nosso paiz no assalto que o governo de Berlim projectava e tinha preparado contra a nossa integridade territorial.

De todo o continente americano, o Brasil era o paiz mais interessado

no desenlace desta guerra. Porque em nenhum dos outros a colonisação alemã assumiu a forma de uma ocupação territorial, apparentemente pacífica e civil até agora, mas apparelhada, pela exclusividade absoluta do seu germanismo, para os rompimentos dos laços de sujeição ao Brasil, a sua desaggregação, a sua annexação á Alemanha.

Esse perigo, a sua contingencia, a sua evidencia, a sua imminencia, accentuavam-se, ultimamente, no contraste entre as indignidades, com que nos tratava o governo alemão, sua sobranceria, sua arrogancia, seu menosprezo, e as condescendencias que teve, ao menos até certa altura, com a Argentina e o Chile, cujas relações elle buscava desviar da sua antiga, provada e natural amizade com o Brasil.

Aqui, como em toda a parte, se desenvolvia o systema alemão de fomentar a intriga e as hostilidades nas fronteiras, quando não no proprio território dos paizes, contra os quaes volve a sua avidez. Assim, com a Inglaterra, nas Indias, no Egypto, na Irlanda. Assim, com a Russia, na Grecia, nos Balkans, na Persia. Assim, com a França, na Hespanha. Assim, com os Estados Unidos, no Mexico.

Dantes a guerra era de armas, e nos campos de batailha. Só penetrava no território dos belligerantes pela invasão e com a ocupação. Hoje o varão e agita com conspirações, as insurreições, as destruições, que o exercito da espionagem, innumerável, omnimodo, omnipresente, leva por toda a parte, com as machinações diplomáticas, que por toda a parte se insinuam, e com a corrupção da publicidade, com a penetração da venalidade, com as alliciações do suborno, que em todos os paizes do mundo se tem sentido, de que até o governo americano se queixava, na grande mensagem de Wilson ao Congresso.

Ainda o caso Paoli

Nós, em resposta, não nos contentamos de pôr a surdina á voz obsequente e ganida; não nos contentavam de nos amarrar á neutralidade, quando os Estados Unidos, em condições iguaes ás nossas, entravam na guerra. Ainda queríamos acobertar com as nossas fraldas a espionagem sul-americana do sr. Paoli.

Com esse intuito, muito diversamente do modo como se houveram, no caso do sr. Bernstorff, os Estados Unidos, o nosso governo, sob a pressão do nosso chanceller, deliberou dar á legação alemã despedida a mais solenne e honrosa das saídas, proporcionando-lhe, a ella e aos funcionários consulares alemães, num navio brasileiro especial, uma viagem de estado, e assegurando-lhes de antemão, pela sua intercessão instante com os governos aliados, em uma nota que a tal respeito lhes dirigiu, a mais livre passagem através das zonas de guerra e das esquadras belligerantes.

Nesse documento, estampado nos jornaes aos 13 de Abril, o governo brasileiro pede a cada um daquelles «providencie para que nem o «Rio de Janeiro» encontre impedimentos na sua travessia, nem o sr. A. Paoli e toda a sua comitiva soffram qualquer embarazo até seu porto de destino.»

Do longo telegramma confidencial que, pouco ha, vos li, já vistes que o governo da França e o da Gran Bretanha não estiveram pelos autos. Queriam devassar o couto, que a chancellaria brasileira se emprenhava em dar á bagagem, isto é, aos papeis de segredo, ao thesouro mysterioso, evidentemente guardado nas malas do pessoal allemão, diplomatico e consular.

O nosso chanceller, porém, não abre mão da sua caturreira. Olho de aliados não bisparia os arcanos da honrada espiagem teutonica. Por lhe evitar a ella o desgosto, o chanceller brasileiro tenta mudar a derrota ao «Rio de Janeiro». Não aportaria em costas aliadas. Não surgiria em portos da Hollanda, ou da Noruega. Governaria a Cadiz, terras da Hespanha, sugidoiro amigo.

Eis o que o Itamaraty resolve. Mas não sem arrumar ao *Quai d'Orsay* e ao *Foreign Office* com algumas lições boas e duras. Esta, por exemplo, que é supimpa: «*A distancia exclue a Idéa de que possam levar daqui para sua patria qualquer contrabando de guerra.*»

Ora vejam lá: quem tal suspeitaria? Contrabando de guerra, só para longe terra. Para Hollanda ou Noruega seria possivel. Para costas de Hespanha, que esperança!

O Presidente está resolvido

Mas as bellezas, nesse papel, vão em crescendo. Após a que se acaba de admirar, rebrilha esta outra: «*Não parece habil, nem cortez, neste momento em que cada vez mais nos aproximamos, que se estejam pondo dificuldades indirectas a uma viagem, que o sr. presidente da República está resolvido que se faça em qualquer caso.*» Que tal, senhores, a explosão de *habilidade e corteza*? Que tal o annuncio da resolução fatal, assumida pelo sr. Wenceslau Braz, de passar por cima de Clémenceau e Lloyd George, de Pariz e Londres, da França e da Inglaterra, para assegurar ao ministro do paiz, com quem cortaramos relações, o privilegio de atravessar á solta, com o mais formidavel dos contrabandos de guerra, com o archivo dos seus espiões os mares policiados pelo poder naval da Aliança?

Dilemma aos Aliados

Mas, de surpresa em surpresa, eis como acaba o admiravel exemplar de literatura diplomatica: «*Mudança viagem Hespanha, sendo acceita nas condições indicadas, permitir-me-á evitar responder desagradavelmente ás restrições sobretudo francesas, porto destino. Transmitta este, urgencia, Fontoura, Londres, para agir urgentemente.*»

Caso tragicó, senhores. Os governos aliados estavam entre a parede e a espada. Mas que espada, amigos meus! A do sr. Lauro Muller. Jesus! Dizia o padre Vieira que, «ordinariamente, quem tem muita espada, tem pouca lingua». Mas, Santo Breve da Marca, o caso de uma tarrasca irmada de Carlos Magno, com um palmo de lingua e uma bainha de guela como a do Inimigo. — esse caso, quem o vira, que não desmaiasse? Eram de

metter pena os apuros da Republica franceza e do Imperio britannico entre o sr. Paoli e o sr. Lauro. Não havia por onde sahirem. O mangiar questa minestra, o saltar questa finestra. Ou concordavam na viagem alleman rumo Hespanha, ou veriam, «sobre tudo os francezes», como o chanceller brasileiro lhes havia de «responder desagradavelmente».

Seria possivel que o presidente da Republica houvesse autorisado taes rodamontadas?

A viagem não se fez

«Não sei por que janella saltaram Lloyd George e Clémenceau. O que sei, é que non mangiarono quella minestra. Nem a França, nem a Inglaterra empallideceram com as roncas do Itamaraty em socorro do ministro e dos consules allemaes. Nenhuma dessas potencias conveiu em que o ministro Paoli arribasse para a sua terra com o espolio inestimavel da espionagem teutonica na America do Sul. Não se realizou a viagem do *Rio de Janeiro*, apesar «do presidente da Republica estar resolvido a que ella se fizesse em qualquer caso»; e o ministro allemao, em vez de se fazer ao mar com o seu sequito de espías graduados, via de Castella, em um navio do governo brasileiro, rodou pelas fronteiras do Rio Grande do Sul, com a sua carga de malas, nas quaes, segundo uma reportagem d'«A Noite», não admittiu jámais que mexessem, tendo-as sempre ao seu lado, com incessante vigilancia, debaixo dos seus proprios olhos.

Pirraça e criancice

«Não sei se os ministros do Exterior, em taes casos, esperneiam como criancas. O que, porém, se me representa, é que foi um desses accessos, um desses espasmos, o que turvou ao nosso chanceller aquella sua invejavel serenidade quando, no meio de tantos desastres, aos 30 de Abril, se lhe inteiiriou e sacudiu o punho, expedindo ao governo britannico e ao francez, mediante a nossa legação na capital ingleza, este despachosito de pirraça:

«Ministro do Brasil. — Londres. — Queira fazer sentir ahi que governo brasileiro tem recebido declarações dedicação espontanea dos nossos patricios descendentes de allemaes, que, como os patricios descendentes de paizes europeus latinos, se declaram promptos cumprir com lealdade seus deveres de brasileiros. Transmitta Magalhães, Pariz.
(a.) — Ministre Exterieur.»

Que seria, se essa novidade espantosa, de alta diplomacia e raro interesse nacional, chegasse aos ouvidos de Jorge V e Poincaré? Naturalmente, nos mandariam pedir, ao menos emprestados, os nossos teuto-brasileiros, para limparem o coração aos teuto-britannicos e aos teuto-francezes dos resquicios de herdado germanismo.

Mas por nosso mal, ao que me dizem, os nossos ministros em Londres

e Pariz, mais sisudos que o chefe, não fizeram sentir coisa alguma dessa criarçada a nenhum dos dois gabinetes. E assim, mais una vez, escapamos de fazer rir o mundo á nossa custa.

Muda a politica internacional

Destarte acabou, na presidencia passada, o periodo allemão. Esse guinchinho telegraphic era o derradeiro canto do cysne de Lohengrin. Cinco dias depois, aos 3 de Maio, se exonerava o sr. Muller, e dahi a dois lhe assumia a successão o sr. Nilo Peçanha, sob cuja direcção a nossa politica internacional, graças a Deus, procurou novo rumo, fazendo-se na volta directa da Europa occidental, em vez de continuar a pairar e bordejar, meio ao mar meio á terra, entre os nossos amigos e os nossos inimigos.

A herança, que se offerecia ao seu successor, era a dessa suspensão de ralções, que não abalára as sympathias da nossa chancellaria pela obra do kaiser que nos envergonhava' diante da Europa e dos Estados Unidos, que nos apresentava ao mundo como um paiz, onde um governo de tendencias germanistas levava de rôjo uma nação absolutamente consorciada em sentimentos com os adversarios da Allemanha.

A respeito dessa posição hybrida e adulterina, dessa politica sem nome nem sexo, nunca occultei o meu sentir. «O Estado de S. Paulo» o presumiu, em 1917, na sua edição de 13 de Abril, em uma entrevista minha com o seu correspondente, o sr. Sertorio de Castro:

«O sr. Ruy Barbosa considera o rompimento de relações uma medida inefficaz, lembrando a propósito que era pensamento corrente seu «que o governo do Brasil devia acompanhar a attitude dos Estados Unidos». Entretanto os Estados Unidos, sem pautar a sua acção pela influencia de nenhum caso concreto, mas apenas pela defesa dos direitos dos paizes neutros, ameaçados pela guerra submarina, romperam relações e nós nada fizemos para acompanhá-los nesse acto e quando se declararam em estado de guerra. Cumpre accrescentar que não houve acto de declaração de guerra, mas sim o reconhecimento do estado de guerra. «Nós nos limitamos a romper relações. Assim procedendo, o Brasil não conquista a amizade de nenhum dos belligerantes, nem tampouco a dos Estados Unidos.»

«Sustenta desde a sua conferencia de Buenos Aires que a Allemanha declarou guerra a todos os paizes neutros do mundo, desde que deliberou com a campanha submarina, destruir os seus navios e matar as tripulações e passageiros. Não importa que a Suecia, a Dinamarca e outros paizes neutros se tenham conformado com esse attentado, conservando-se inertes. Terão suas razões para isso. Nós, sem quebra da nossa dignidade, e apenas por mês ou por germanophilismo é que não podíamos acompanhá-lo nessa attitude. Acha que o momento é de extrema gravidade. Sua exa. diz em seguida: — «Se nos Estados

Unidos onde ha vigilancia do governo, os allemaes têm praticado numerosos e repetidos attentados, que não se dará no Brasil, onde pôdem agir livremente?»

Mas, nesta segunda phase, bem que tivesse um dos maiores contentamentos da minha vida, o de ver o Brasil desabraçar-se das influencias, que o retinham á beira do seu dever, sem ousar cumpril-o, e abraçar de todo, com a declaração de guerra, a causa aliada (resultado para o qual todos sabem, aqui e no exterior, o contingente de accão decisiva, que me coube), não vi deduzirem-se dessa premissa as consequencias, de que ella não se poderia separar.

O dr. 'Nilo Peçanha não teve sobre o presidente da Republica todo o ascendente necessário, para lhe destoldar o animo das apprehensões, que o velavam quanto aos riscos da victoria alleman. As alterações ministeriaes, que cuido se lhe prometteram, que eu lhe aconselhara como condições preliminares á sua entrada no Ministerio, e que, evidentemente, eram necessarias para lhe assegurar tranquillidade, efficiencia, liberdade no governo, não se lhe deram nunca. O que, em tal estreiteza, logrou elle realizar, era o mais que se poderia na situação insegura, a que se expuzera. Mas não era o que elle queria, nem o que relevava, para que nos conselhos da alliança entrassemos com o credito de sinceridade, com a seriedade, com a autoridade, que importava.

Fraquejar com a Allemanha

Dahi a fraqueza da nossa posição, com que os aliados nunca se iludiram. Nunca tivemos a coragem da nossa attitude. Não nos utilizamos das vantagens da occasião, para extirparmos da nossa terra as damninhos e inverteradas raizes do germanismo. Não debemos á nossa contribuição para a guerra a importancia, que devia ter.

Tudo porque, das taes *altas regiões*, como lhe chamam, sendo, por via de regra, as menos altas da mentalidade nacional, não se espancou jámais a crença na invencibilidade alleman, a desconfiança da efficacia aliada, o temor de uma liquidação contraria, mais dia menos dia, á nossa resolução de esposar a causa advera ao prussianismo. Era mister, que, se elle acabasse vencedor, tivessemos, para pleitear, no seio delie, as nossas attenuantes, as condescendencias, transigencias e inconsequencias, que assinalaram a nossa dubiedade, num periodo, onde era necessário não vacilar, fosse qual fosse o lado, que elegessemos.

Contraste

Ainda ha pouco, a Suprema Corte dos Estados Unidos, confirmava a sentença pronunciada na instancia inferior contra Eugenio Debs, chefe do partido socialista e um dos candidatos á presidencia da Republica no quadriennio

vindouro, como incuso no crime de sediçāo por discursos em que contrariara o concurso dos Estados Unidos á guerra.

No Brasil, pelo contrario, onde aliás curtimos, não só o Estado de sitio, mas o estado politico de guerra, com todas as restricções do direito commun, que só esse estado comporta, a censura, desvirtuada, adulterada, invertida, pesava sobre a nossa liberdade constitucional, convertendo-se na mais odiosa das armas de compressão, em beneficio da politica reinante nos Estados brasileiros, em beneficio dos seus régulos e reizetes, como aqui em São Paulo. — entretanto que, naquelles, desses Estados, onde sobrava a colonisação alleman, e em outros, se deixava a rédea solta ao journalism germanista, para atacar os aliados, calumniar a causa por nós esposta, e chocalhar á vontade o mais insolente derrotismo.

Factos

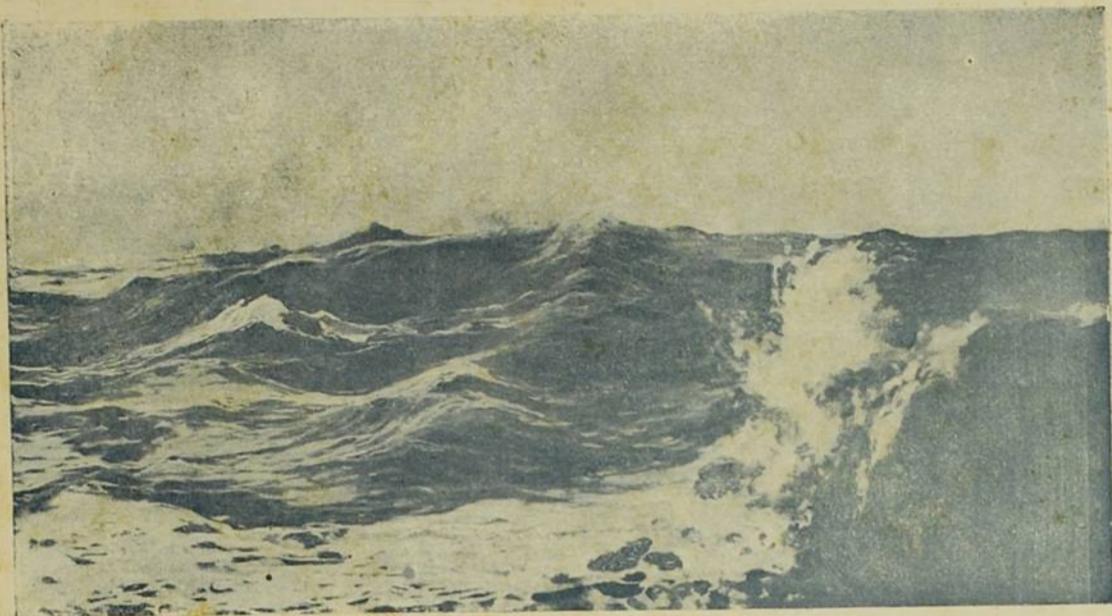
Haja vista, senhores, o curso, que seguiu, em Santa Catharina. «O Dia», orgão oficial do governo desse Estado, e de que nós deu amostras inolvidaveis «A Noite», no seu numero (entre outros) de 16 de Abril de 1917, exhibindo «O germanismo official de Santa Catharina» nos documentos, que lhe suppeditava aquelle periodico, prussianisante de não sei quantos costados.

Haja vista o caso dos cinemas de Joinville, onde é de rigor inevitável que todos os programmas e annuncios de taes diversões populares sejam redigidos e estampados em puro alleman, sob pena de não terem concorrença, porquanto, naquella colonia do governo de Berlim, a maioria da população, falando alguma coisa a nossa lingua, lela, absolutamente não o sabe. Tal o depoimento de um actor portuguez, colhido tambem pela «Noite» na sua folha de 15 do mesmo mez, com o intuito de nos demonstrar «A germanisação no Brasil».

Haja vista as declarações, que, na «A Rua» de 20 do corrente Março, estampou o sr. Dunshee, a que o povo chama *Deutsch* (pronunciem *doitche*) sobre a sua volta á camara dos deputados, que o seu ultra-allemanismo o obrigara a deixar. Este senhor diz alli coisas como estas:

«Restava mais de mez ainda para que se ferisse o pleito, quando fui procurado aqui, por dois influentes elementos de Santa Catharina que, em nome dos teutos-brasileiros, propunham a apresentação do meu nome como candidato avulso por aquelle Estado, convencidos que estavam de que a parte tomada por mim, nos debates da Camara, sobre a guerra com a Allemanha, me determinara o prejuizo da perda do mandato.»

«Correu o tempo, continuará a correr e, mais tarde, veremos quem tem razão: se eu, ou se os que se empenharam na attitude do Brasil, contraria á Allemanha. O meu caso, hoje, tem outro aspecto. O conselheiro Rodrigues Alves falleceu. Os teutos-brasileiros continuam na mesma disposição de apoio ao meu nome. E' muito provavel que volte á Camara.»



Tempestade

(QUADRO A OLEO DE A. NORFINI)



O Gigante morto

(AQUARELLA DE A. NORFINI)



Cavallos no Campo

(QUADRO DE A. NORFINI)



O repentista vencido

(AQUARELLA DE A. NORFINI)

«O eleitorado tanto vota no monarchista, como no republicano; no germanophilo, como no declaradamente aliado. O essencial é que haja a recommendação dos chefes políticos.»

Entretanto, a guerra ahi está, e, na America do Norte, este homem seria capitulado em sedição por todos os tribunaes, como Eugenio Debs, o candidato presidencial do socialismo. No Brasil, é um membro, em elaboração, da Camara Federal, aonde nos anuncia vae volver com o mesmo entono germanophilo de outrora, para aguardar alli a volta da fortuna, que breve converterá em desbarato a victoria aliada e em victoria o desastre allemão.

Singular belligerancia

Seria um não se acabar nunca, se vos quizessemos apenas submeter, aos olhos, de cada genero, uma dessas singularidades, que imprimem à nossa belligerancia a mais singular das physionomias.

Aos 6 do mez passado, por exemplo, segundo a lista, que nos depara um vespertino carioca, dos passageiros chegados ao Rio, pelo «Frisia», ou por elle transportados para Santos, vemos, de enfiada, naia menos de vinte e quatro inculcados como brasileiros, mas cuja verdadeira naturalidade se denuncia em vinte e quatro nomes, dos mais genuinamente allemães que entre allemães se conhecem.

Se brasileiros fossem realmente, por que não atravessaram a Suissa, e sahiram pela França? Por que, para volver ao Brasil, elegeriam por sahida a Hollanda, aguardando alli com essa paciencia toda, o primeiro paquete hollandez? Sendo brasileiros, outrossim, por que se conservaram no territorio inimigo, depois de rotas as nossas relações, depois de anunciada, por nós a guerra á nação, em cujo solo estavam? Neste caso porém, como se poderiam deixar estar nesse paiz, no imperio germanico, a não ser na condição de prisioneiros? Mas, como prisioneiros, de que maneira, e quando, se teriam desembaraçado se, por occasião do armisticio, não se tratou de prisioneiros da nossa nacionalidade?

Mais. Alli mesmo se enumeram, declaradamente, como «allemães» não menos de outros treze passageiros, conduzidos por aquelle navio, não só para Montevidéu, e Buenos-Aires, mas tambem para o Rio.

Outra, da mesma especie, sendo ainda mais expressiva. «O Imparcial» de 18 de Março proximo findo, (a pag.³ 12) estampa uma lista de imigrantes, recebidos em 1918 nos portos brasileiros, lista fornecida pelo director do Serviço do Povoamento ao ministro da Agricultura. Pois bem: nessa lista se regista, com declaração oficial, o ingresso de um allemão.

Pois será tudo isso, realmente, *estar em guerra* com a Allemanha?

Vamos, porém, a uma ainda melhor. Esta não consta de jornaes: mas nem por isso é menos exacta. Ao declarar-se por nós a guerra ao Imperio do kaiser, a inspecção militar, no Rio Grande do Sul, exigia a exhibição de passaportes aos allemães, que alli pelas nossas vias ferreas transitasse. Mas o governo do Estado logo se interpoz contra essa provisão, aliás de caracter impreverivel. As autoridades da estrada não con-

descenderam. O governo estadual, porém, tangeu os pausinhos no Rio, e, dahi em diante, cessou a medida, que não calhava aos interesses germanicos. Com este bello regimen, os subditos inimigos passaram a viajar, alli, pelos caminhos de ferro brasileiros sem exigencia dessa condição de vigilancia policial, e, já dispersos, já em grupos, ou lotes, entram pelo Estado Oriental, ou pela Republica Argentina, a terras de Santa Catharina e do Paraná, aonde vêm, livremente, ora agenciar os seus negocios, ora dar conta das commissões de espionagem ou politica alleman, commettidas ao seu cargo. Que linda maneira de ser belligerantes!

Já vos constou de outra nação, que a usasse?

Agora outra, não menos séria. Tive nas minhas mãos traslado authentico dos documentos officiaes, donde extraio a narrativa. A firma alleman Zaller, Willinger & Comp., de Porto Suarez, na Bolivia, consignara 490 couros a Ernesto Carvajal, consul desse paiz em Corumbá, com a nota de *transito* para Montevidéu.

Deste abuso deu aviso o nosso consul em Assumpção ao inspector da Alfandega de Corumbá; e este, como seja notoriamente vedado, cm quanto durar a guerra, o commercio entre inimigos do paiz, residentes no exterior, com brasileiros, ou estrangeiros residentes no Brasil, deteve as mercadorias, não consentindo no pretenso *transito*, a que as destinavam. O consul boliviano, consignatario dos couros, representou á autoridade aduaneira contra o seu acto. Mas ella o manteve.

Reclamaram, para o Rio, os interessados ao ministerio da Fazenda, que lhes deferiu, sob o pretexto, claramente insustentavel, de não ser «perturbado o transito de productos bolivianos». O inspector explicou, mostrando que não se tratava de productos bolivianos, mas de mercadorias negociadas por allemaes, nem de *transito*, mas de nova *exportação*, visto como os generos, que se importavam da Bolivia, por consignação a um extrangeiro domiciliado em Corumbá, dahi se remettiam para Montevidéu.

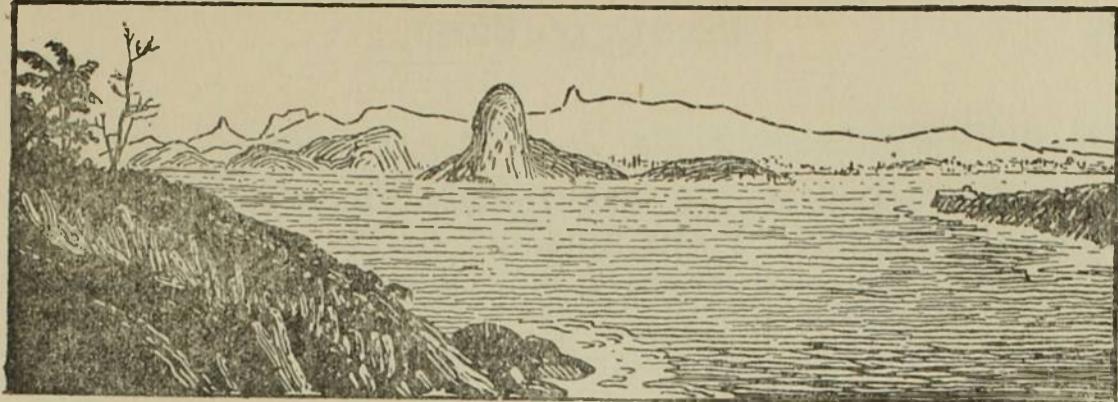
Perdeu o tempo a autoridade fiscal brasileira. O Ministro da Fazenda insistiu na sua arbitraria vontade, que se executou, mas não entregando á Alfandega os curos ao consignatario, senão para que este os devolvesse ao porto da sua procedencia.

Dest'arte se observou em parte a lei, graças á honestidade e constancia do inspector desautorado, a que o povo de Corumbá testemunhou, em calorosa demonstração, o seu apreço. Mas o pobre funcionario perdeu imediatamente o logar; e se viu preterido, successivamente, a 21 de Agosto e 31 de Outubro do anno transacto, em duas promoções, a que tinha direito. nessas datas, o de mais antiguidade, nos quadros a que pertencia

Eis, senhores, como se galardoam no Brasil a probidade e a competencia nos servidores do Estado. Eis como, criados na violação habitual de todas as leis, violamos as mais imperiosas e categoricas de todas as leis: as leis de guerra. Eis como nós desempenhamos dos mais elementares deveres dessa belligerancia, a que nós declaravamos associados, mas em relação á qual nem os compromissos de legalidade sabíamos guardar.

(Conclue no proximo numero.)

RUY BARBOSA



VIAJANDO ⁽¹⁾

(Coizas do meu Diario)

1913

Na Madalena — Abril, 12

— Do decantado templo, cuja imperfeição é notoria, pouco vi: fiel ao seu nome, Madalena estava em concertos. Não recebia vizitas. Excetuou-me rapidamente.

Do altarmor, branco, a interroimper-lhe a penumbra, bem poderiam ser dispensados uns insensíveis anjos cujas azas deveriam demandar recintos menos empoeirados. Rodiam o edificio estatuas dezeguaes, que se abrigam em aberturas eguaes esburacando exteriormente as paredes. A de Santa Cristina está vizivelmente engasgada, mas a de S. João Crizostomo prova, pela veemencia do gesto e supremacia do olhar, que o «boca de oiro» nunca fez papel triste.

Columnas corintias imitando templos romanos; cupolas bizantinas; auzencia dum plano comprehensivel; arte incerta... Pois si é nesta egreja que a aristocracia prefere celebrar seus caizamentos! Fraquissima autoridade em questões matrimoniaes, nem por isso deixou a padroeira de ser canonizada. Irregularidades da logica.

(1). Vide numeros de Agosto a Maio.

Nos medicos

— Biexaminaram-me em horas diferentes, dr. Landouzy, dr. Huguier e seu ajudante dr. Hubert. Por cento e sessenta francos descobriram-me uma porção de molestias. Por duzentos matavam-me!

Prescreveram: «evite constipações, coma devagar, mastigue bem, não fume, nada de frutas verdes, deite-se cedo.» Para chegar a esse resultado eu não precisaria de exames e consultas. Até hoje ninguem me receitou constipações, insomnias e fumo, nem frutas verdes.

Tenho no parlamento collega que, todos os annos em fim de sessão, com entono replicante, lê um mesmo discurso de oitenta paginas, caligrafia meuda, receitando para os males do Brazil agricultura e gado. Meteu-se-lhe a certeza de que o auditorio aconselha a abolição dos bois e da laboura. Esse homem acaba medico em Paris.

Na Comedie Française — Abril, 13

— Nunca ouvi falar fracez tão bem! Nunca ouvi pronunciar os adverbios com a intuição de Siblot e a muzica penetrante de Cecilia Sorel.

Reprezentou-se o «Cazamento de Figaro». Gozei, extasiadamente gozei daquelle classico monologo que aformozia o 4.º ato. Disse-o George Berr com tal sentimento, com tanta compunção de magoa, que aos soluços finaes eu não sabia si aplaudisse com a platéa, si gemesse como o artista! E, como elle, muito ensaiados todos; nem uma vacillação, nem meio gaguejo: uniformes, entendidos todos na interpretação do pensamento de Beaumarchais, mas duma uniformidade que não constrangia a intelligencia do auditorio, interprete tambem duma obra que, por superiormente humana, independia da epoca e do local onde nascera.

Em certo estado do espirito, e ouvindo uma produção extraordinaria, o teatro serve mais para pensar que para divertir; e eu sabia que o «Cazamento do Figaro» era filho, e dos melhores, da filozofia democratica do seculo XVIII. Não lhe perdi, dos cinco atos uma palavra siquer!

Palmeei Leconte, uma vitória da arte. Moça, linda de rosto, não bonita de corpo, encarregada do secundario papel de Querubim, mero incidente da inimitável comedia, Leconte, no 3.º ato, peso argucioso da sena, pela malícia no manejo da ingenuidade, pelo discernimento apaixonado com que modula a voz e segue as vibrações do bandolim, empolga a sensibilidade de dois mil espectadores, exige o

aplauzo, prolonga o louvor, e por momentos faz esquecer que alli estejam platéa, teatro, peça!

— De passagem, e porque dispunha ainda de tres quartos de hora para chegar á «Comedie Française», ouvi, de Pièrre Brisset, trechos de conferencia argumentante de o homem descender de sapos e traãs.

O conferencista falava por conta propria.

Abril, 14

— Vizitando. Vizitado. Estive com oito patricios. Nove se queixaram do Brazil. Nem um elogiou o governo.

.....

O grande zero — Abril, 16

— Como se explica o silencio da filozofia grega a respeito do budismo que lhe ficava tão territorialmente proximo? Porque essa religião, a maior, a mais adotada, a mais duradoura, transbordou para a China, não penetrando no ocente mais vizinho, mais facil de estradas, mais adeantado em navegação? Porque não foi informador o seu contato com os sucessores de Alexandre? Porque, vizitantes de suas extremidades occidentaes, a desconheceram Pompeu, Lucullo, Julio Cesar, Trajano e Gordiano, generaes letRADOS? Com estas perguntas no raciocinio, entrei no «Muzeu Cernuci», apregoada expoziçao de coizas budistas.

Audacioza ladroeira! Logração descarada.

Logo ao ingresso dois budas dissimlhantes: um, chinez, mongolico, de olhos transversaes, cabeça diminuida; de olhar doce e estupido, completamente indiano o outro. Evito-os. Subo escada e asneira: o patañar é quazi impedido por um buda de quatro cabeças circumdadas por dezenas braços. Penetro. Lá dentro? Budas, budinhos e budões, e mais um buda grande, do volume de tres homens, rodeado de mostradores onde estão, pequenos duma pollegada, chusmas incalculaveis de budas.

Influenciado por Julio Ribeiro, tresli ha trinta annos nas leis de «Manu»; bramanicamente cogitei da terrivel sil-laba «Aun», chegando até a desconfiar de que filozofára a pretexto de sudras e em defesa do paria-tchandala. Estou pagando esses pecados.

Neste mundo o outro é exploradissimo. Decadente embora, o budismo explorador ainda tenta e arranja alguns negocios; não funciona improdutivamente como empreza reli-

gioza. O principe Arda-Chidi, seu fundador, tambem nasceu de virgem immaculada, e foi tambem tentado por demonios.

— Abundam as reliquias, apezar de proibidas pelos ortodoxos. Nellas enxertadas, mas transparente alluzão á «mãe do divino» (anterior á propria civilização de Creta), vejo uma «Nossa Senhora» com um cristinho esverdeado, contrafeito. Tolice maior: na primeira sala, curvando-se para reconhecer quem chega, estão um Confucio desdentado e uma Siva muito encardida. E toda essa salada teologica sem um catalogo que dezatrapalhe a curiosidade! Apenas, grudada, pode ser lida em alguns objetos a declaração de terem vindo da colleção Stoclet ou da colleção Kann: o que me adeanta tanto como si me fizesse andar para trás.

Venço escadinha impertinente. Mostram-se prateleiras pejadas de garrafas verdazues, verdeclaras e verdescuras: ingerencia da floresta india nas crenças e na arte falha do ariano primitivo? Emprego meia hora mais, vendo coizas que eu já conhecia e reparando noutras que já léra. Desço. Sento-me perto do Budagrande, e pergunto-lhe com a mais meditada das pachorras:

— Que fizeste, Sidarta - Gontama - Çaquiámuni, que fizeste, que fizeste, Buda-Chedi, do immenso poderio que a condescendencia humana te concedeu? Em que contribuiste para o acrescentamento da intelligencia na face da terra? Onde a tua astronomia? Onde a tua geometria? Onde o desdobramento da tua industria e dos teus titulos de credito na escrituração do progresso? Que fizeste para a autonomia do individuo? Que, para a higiene das populações que te acolheram as doutrinas? Teu nome não aparece na bussola, na imprensa, na construção naval, na eletricidade. Pezada é a tua arquitetura. Paralitica de pernas, inerte nos braços, tua escultura avulta o gosto e entontece a arte. Tua pintura é insensata. Nunca foi ouvida a tua oratoria.

Como reação, foste inferior ao poder que derribaste. Tua liturgia é venal. Tua metafizica é desvairada: aceitaste as transmigrações bramanicas para as conduzir ao não-ser; substituiste o deus-uno, o deus-criador, por um deus-força, por um deus-motor a influir na natureza vizivel, que ora afirms e ora negas! Produziste o monaquismo, a penitencia, a apatia.

De cantor de Sacuntala, o maior poeta da tua raça, só se salva para a gloria da imaginação humana o que buscou inspiração nos vestigios da filozofia que combateste.

Da condenação no grau maximo das penas estabele-

cidas pela critica historica só te livra a circumstancia atenuante de não haveres, como tuas irmãs do ocidente, incluzivé a mexicana, solidificado o militarismo, dilatando por seculos o sacrificio de vitimas humanas.

Grande zero! Zero podre. Dezinfeta, com a tua auzenzia, a normalidade da civilização. Rumo ao nada, grande zero!

No Parque Monceau — Abril, 16

— Corrigindo a meteorologia oficial, o sol está aquecendo Paris. Busco o «Parque Monceau». Brotos lhe embellezam as arvores. Expande-se a natureza. Centenas de crianças, gordas, correndo, rindo. Muitos berços. Muitas mães. Como a franceza tem sido calumniada! Grupos de meninos, em exercicios fortes, encetam amizades que, algumas, escapando á ruindade da sorte, lhes constituirão na velhice um dos maiores prazeres. Recordar também é viver.

Conversando com um operario cuja perspicacia me agradara, e pensando ambos no espetaculo que nos deleitava, comecei a ver uma França que eu ignorava mas dejejava: uma França firme, futoroza, com a especie em marcha e o porvir em preparo.

• •

Na Bolsa do Trabalho — Abril, 16

— Funciona este diretorio socialista, aqui perto do Hotel Moderno, em solido e vasto edificio que o governo facilitou ao operariado defronte dum bom quartel onde ninguem se queixa de falta de armas embaladas. Nas ruas proximas ha exxertos de espionagem.

Fiz-me comprehendido. O segundo companheiro a quem me dirigi atravessou commigo divizões e subdivizões, salas de grandes assembléas, e pequena de grandes deliberações.

— Prepara-se uma «gréve»; ha outra, na Belgica, em regular andamento. Tudo coordenado; tudo sem motim, sem derramamento de sangue. Evidentemente o operariado é a ordem. Evidentemente o operario é o mais competente gestor dos seus direitos, dos seus deveres, dos seus interesses, dos direitos, dos deveres, dos interesses da maioria social, portanto. No Brazil, sei-o praticamente, nem um operario contribuiu para o esfacelamento das finanças nacionaes. Podem allegar essa innocencia os politicos, que só julgam illicito o que lhes não traz lucro?

Escola Classica do saco do Alferes

— E' loucura ir a «Folies Dramatiques». Pratiquei-a, impellido pelo desejo de decifrar os tres pontos de interrogação que integravam o annuncio da «Virgem Insultada» de André Manprey.

O panno de boca é vermelho, vermelhas as trezentas e tantas cadeiras da platéa, vermelha de bluza a artista que inaugura o papel de Rigoleta, e pela cor vermelha termina o drama com o assassinato do commissario Cochonillo. Praticado perante duzentos e muitos espectadores, facultou-lhes esse terrivel crime a decizão de cazar a ingenua Luiza com o advogado Breguet que lhe jurara amor eterno no começo do terceiro ato: terceiro e ultimo, o que impede o matrimonial, que logicamente se deveria efetuar no quarto.

Plena arte dramatica do bairro da Saude. Quantas saudades me dezencavou a «Virgem Insultada!» Fui numero essencial, em Janeiro de 1875, em Tatuhy, na inauguração do teatro. Fui orador oficial, tendo como ajudante na eloquencia o ajudante farmaceutico Caneiros Bastos. Discorri com ardor; uma alluzão a Palma ia motivando delirio no auditorio. Palmeado o meu discurso, um caboclo, Fabiano de nome, abraçando-me, assim me felicitou: «Vossa senhoria quando fala parece um cavallo parelheiro.»

— A' porta, indiferentes ao sacrificio de Cochonillo, dois soldados muito altos e largos, reencontrados, trocavam amabilidades. Indago-me: para que quer a França soldados grandes? Na guerra moderna, quando o corpo a corpo mais raro se torna, o menor alvo mais probabiliza a vitoria. Menor que o russo, bateu-o o japonez.

Metafisica — Abril, 17

— Excursionista, percorro a «Galeria Lafayette», o «Bon Marché», a «Belle-Jardinière». Centenas de carros entregando encommendas. Empregados aos bandos. Boliço e reboliço. Roupa, muita roupa, para todos os tamanhos, todas as cores, todos os feitios; tudo quanto se imaginar para tapar o corpo, limpa-lo, corta-lo, raspa-lo, auxilia-lo, prepara-lo. Botinas, canivetes, papel de carta, tezoura, sedas, velludos, chitas, guardanapos, morim, vestidos de cauda, romances de Rosni, fosforos, relogios, panellas, cadeiras de balanço, camizas, ventozas, meias, lenços, chapeus, perfumarias, fronhas, chinellos, estatuetas, cintos, toalhas, lapis, barbante,

gravatas, joias, rolhas, escovas, bengalas, calices: tudo o que ha ou possa haver, ha e haverá nessas trez casas. Quanto ao enroupamento uma pessoa núa pode, em meia hora, alli se vestir para a vida inteira.

Progresso! Do pitecantropo, aproveitador do couro do irracional para se vestir contra o frio, ao pelintra que prova e não paga um terno de roupa por quinzena, que distancia!

— «Felix Potin»: comida á qualquer hora para todas as fomes, para todos os preços, para todas as gulas, para todos os paladares, para todos os fastios. Carnes e mais carnes. Ovos aos milhares. Massas, conservas, queijos; montanhas de pão; vinhos e aguas mineraes em quantidade para afogar o oleitorado oposicionista do Cubatão; verduras, doces, frutas, comidas frias...

Ninguem melhor que Apuleio expoz o sistema da alma do mundo. Faltou, porém, ao retorico um «Felix Potin» que lhe encaminhasse o estudo comparativo do microcosmo com o grande todo.

Aquella multidão que, pezando e pagando alimentos, adur parece comprar materia prima para dejeções, está realmente apromtando em cada individuo esse calor central cuja diferença de gradação com a atmosfera determina, no corpo humano o aparecimento da pelle. Identico processo produziu na crosta do planeta, o fenomeno da vegetação.

... E da vegetação tira o homem o melhor dos seus alimentos, entre os quaes é sempre conveniente designar as batatas. Reciprocamente filiadas, eternamente unidas: a civilização e as batatas!

Abril, 18

— Caça-me o filho dum politiqueiro do antigo 5.º distrito da província de S. Paulo. Relata-me coizas rezervadas para mim e para o publico. Ouço-o assim como quem conversa com uma prima velha: escuto-o pensando noutras coizas: na valentia dos bulgaros, no exercicio illegal da medicina, na regularização do serviço domestico, etc.

Tempo é capital que não volta. Na minha idade, um dia perdido é um desastre.

Pena de morte — Abril, 19

— Lecombe, endereçado á guilhotina, trepou ao telhado da prizão, lutou contra os soldados a tiros de telha,

fe-los recuar, e, cabeça abaixo, atirou-se sobre o lagedo. Morreu como um bravo.

— Repugnantes, as particularidades dos cinco guilhotinamentos, hoje demanhã em Versailles. Porque não cloroformizam a vítima? Porque lhe não evitam o secular minuto d' terror? Ha, na Alemanha, o degollamento a machado; fôra mais clemente o ácido prussico. Na China ha o martirio da gota d'água; mais generosamente rapido seria cravar um alfinete no ouvido do condemnado.

Este capitulo do direito de punir (?) tem, no Brazil, uma originalidade atroz. Durante o longo reinado de Pedro II havia, de direito, a pena de morte, mas de fato a sua revogação. Veiu a Republica; revogou de direito a pena de morte, restabelecendo-a porém de fato.

No Paraná, em S. Catarina e Rio Grande do Sul, ha poucos annos, com apoio de republicanos eminentes, os fuzilamentos se normalizaram. Nelles perdi tres amigos: Batovy, Serro Azul e, intimo este, dr. Alfredo de Paula Freitas. Relatava o coronel Moreira Cesar que, na chave combinada com o marechal Floriano Peixoto, a fraze «ponha em lugar seguro» significava ordem de fuzilamento. Um dos executores da pena de morte, o general Ewerton Quadros, era espirituista fanatico.

Socialismo — Abril, 20

— Volto á «Bolsa de Trabalho». Fica-lhe á vista, obeza, a estatua da «República», em cujos baixorelevos, aliás minuciosos de cronologia, faltam duas certidões de obito: 18 Brumario de 1799 e 2 de Dezembro de 1851.

— O momento operario justifica a dezuzada concorrência. Em Berlim o dezassombro de Liebknecht denuncia estar a caza Krupp, a maior contribuinte dos cemiterios no ultimo seculo, comprando deputados para manter agitações e renovar armamentos. Na Belgica o proletariado reclama acrescimo de direitos politicos, decide paralização de trabalhos, regulariza a distribuição de alimento ás crianças e aos hospitaes, collabora em summa na direcção social.

— Expliquei como pude a realidade do cazo brasileiro. Filha duma metropole em decadencia; mescla de indio, etiope, e cauaceo predominante; sem aristocracia legalizada e sem indole para suporta-la; com a tendencia democratica facilitada desde o fracasso da tentativa feudal em 1532-49: estava a nação brasileira, praticamente, adeante da França

e da Italia em dezenvolvimento socialista. Esclareci: tanto á estupidez da nossa policia, parceira de roletistas, perseguidora dc operarios e ladra habitual do seu mobiliario, como ao erro sindacalista num paiz sem classes, onde patrão e criados têm o mesmo prato, o mesmo medico e quazi a mesma roupa, e onde afinal de contas todos são operarios, deve o Brazil o relativo atrazo em que se acha quanto á solução legal do problema do quarto estado.

Em S. Paulo (acrescentei referindo-me ao meio nacional que mais conheço), onde infelizmente a tontice dos delegados policias os convenceu de que, só elles, representam a sociedade inteira, já se não trata propriamente duma incorporação do proletariado, mas de razoável regulamentação do trabalho e do exercício do capital: do direito que a esses dois contendores equitativamente assiste.

Seis meses de estudada propaganda, um anno de reciproca tolerancia, acentuei, e a contento geral encerraremos no Brazil a, aqui, perigozissima contenda.

Amizade. Precocidade. Bestialidade — Abril, 21

— Quem tem muitos amigos não tem nem um. Quem tem um amigo é rico; quem tem quatro é opulento; quem acredita ter mais é tolo.

— Izidoro Haas. Vizito-lhe a sepultura. Depois de pais e espoza era eu a pessoa que elle mais estimava; meu coração sempre lhe pagou capital e juros dessa divida. Encontramo-nos, acazo feliz!, em estrada no interior paulista, e de momento começámos trinta e sete annos de amizade intima, de franqueza, de confiança, de preocupação reciproca, de lealdade permanente.

Amizade corajoza! Em 1884, no terror subserviente, foi Izidoro a unica pessoa que se animou a ir á estação férrea esperar minha familia que viera por terra enquanto eu, que a bordo não enjooo, vinha por mar enjoando os outros. Na prizão, debaixo do travesseiro, encontrei bilhete de Izidoro: soubera antecipadamente do meu quarto e dos meus guardas...Duas são as classes de amigos: os meus amigos e os amigos do meu. Izidoro pertencia á primeira.

— Roberto Haas: nove annos; voz, ao mesmo tempo, estridente e agradavel; diz cançonetas com intelligencia espertissima.

Constante, mas injusta, é a ironia contra as precocidades. Raras vezes, é certo, os meninos prodígio pagam

em merito os encomios recebidos na infancia. Sobrepujam-nos mais tarde, quazi sempre, os innotados; sofreram insucesso, nos exames para admissão, Tolstoi, Prevost-Paradol, Sarcey, Taine, Brunetière, Claude Bernard: e ninguem lhes vaticinava as culminancias a que atingiram!

Não sei, porém, de precocidade que tenha falhado completamente. Explicavel: desequilibrio, anormalidade, só excepcionalmente poderá o precoce progredir: em regra, ou morre ou muda. Heinechen, que aos tres annos conhecia latim, francez, historia, geografia e o Pentateuco, só viveu um anno mais, ao passo que o sr. Jorge Tebiriçá, agronomo suíss, promete vida longa.

A' turma dos precoces opõe-se a dos pasmados. Esses, sim, quaesquer que sejam as circumstancias, correspondem sempre ás promessas de sua juventude e á expectativa dos de sua geração. Um pouco menos palerma, um pouco mais pateta, não varia o pasmado, de insignificancia e de rumo. Em todas as questões, decisiva, a ignorancia lhe serve de leme, e de bussola a atrapalhação.

Roberto, a precocidade que cauzou esta nota, é brasileiro paraense, neto de francez alsaciano. Melhor: é o primeiro estudante de sua classe.

— Num bonde. Tenho o prazer dum sinistrinho. Automovel aristocratico recebe um esbarro. Forma-se ajuntamento. Soldados tomam notas. Aproveitando o alvoroço, uma mulher procura viajar sem bilhete. Debate. Chocam-se opiniões. Intervenho citando o verso da Eneida

Scinditur incertum studia in contraria vulgus;

ninguem me dá e ao mantuano importancia; dou-a eu á mulher pagando-lhe a da passgem. Desço. Vejo grupo de curiosos. Um hercules de feira parte correntes e levanta pezos descommunaes, discursando não receber senão um soldo de espectador que o queira favorecer. Deixo dissimuladamente cair no tapete vinte francos. Imperturbavel, recolhe-os o hercules proseguindo nos seus exercícios.

Duas despezas inuteis. Duas bestialidades no meu passeio. Eu seria o mais millionario dos brasileiros si só houvesse despendido 9\$500 todas as vezes que tive em mãos uma nota de 10\$000.

Abril, 22

— Expõe-se a perder tempo quem vai a expozições de segunda ordem. Na de humorismo, rua La-Boetie,

apenas Pière Stephen lembra as minuciosidades engracadas de Bordallo Pinheiro. O muito caro J. Remandat desta vez conseguiu, por haver concedido ao lombo dos porcos a forma de bochechas femininas, evitar o descazo publico; prevenido, eu já sabia que o talento desse artista pertencia á familia do impossivel!

Salva-se, salvando-se duma impressão funeraria, a pequena e sofrivel exibição de tapetes turcos.

Graçola: no subsolo, com o distico «Expoziçao Universal, de 1913», numa sala dividida por grades baixas, estavam quatro pares de botinas sob o titulo «Seção de transportes», e, sob o de «Instrucçao Publica», uma pedra de ardozia, dois lapis, tres canetas e quatro livros velhos.

Chantilly — Abril, 23

— Partilhei com o intelligente dr. Jozé Virgilio Cardozo o convite de d. Luiz para uma vizita a Chantilly, o mais regular dos muzeus francezes e presente da familia Orleans á terra que os desterrou.

Tudo delicado e ordenado. Magnificente, o trisecular mobiliario. Reunião dessa simplicidade e gosto que, a datar do seculo XVI, intentou em França tal qual reação contra a Renascença, Chantilly, antiga propriedade de intellectuaes, si inferior a Fontainebleau em valor artistico, vizivelmente superior lhe é em organização, em classificação sobretudo.

Um pouco enfermo, guia-nos o principe com pacientissimas informações. Não o achou em falha qualquer das nossas perguntas. Discutia, ensinava, elucidava. Dava-nos prazer tanta intellectualidade num patrício. D. Luiz é a maior rezerva da patria. Sabe do Brazil tudo o que os seus perseguidores ignoram.

— Venho preparado. Marquei de vespera, mais ou menos, o que devia admirar. Vou á «Capella», obra de talhe, artisticamente ennobreida por explendido altar em marmore; fica-lhe atrás a urna que contém o coração dos Condés. Na livraria, treze mil volumes, illude-me, como a todos, a porta estreita da entrada. De madeira mas muito bem fingidas, obras de Ennio, Annibal e Silla, perdidas lamentavelmente. De 1534, uma rarissima e conservada edição das «Antiguidades Judaicas», de Jozefus, me esgrava a inveja com incentivos de furto.

Na sala das batalhas, «Galeria do Principe», o esma-

gamento da infantaria espanhola em Rocroi apropria-se-me do elogio, mal podendo saltitar minha memoria na variedade de telas que a confundem. Entre os esmaltes de Leonardo de Limouzin sobresae o tipo simpatico da duqueza de Montpensier. A «Napolitana Chorando», de Robert, é duma tal veracidade que harmoniza a gente com o pezar alheio. Na sena dos «Dois Foscari», parece, estamos a ler o trecho do bardo inglez no colorido anhelante de Delacroix. Na «Joanna d'Arc», de Chapu, os braços chamam, o collo apaixona como que reclamando um collar de beijos. Pela abundancia de idéas, surpreende a «Surpreza» de de-Gruze, o celebre pintor de crianças: é de enfeitiçar a menina olhando ao longe, receioza sem medo, curioza sem espanto.

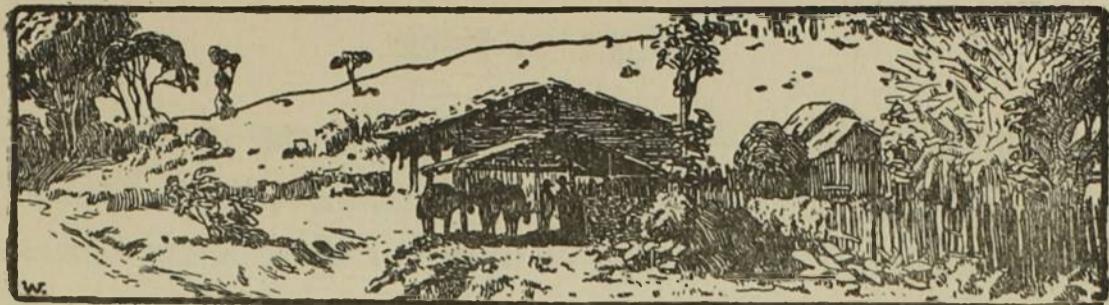
Limitada, valioza sem ser estupenda, a colleção numismatica. Não me demoro examinando-a. Apressa-me o ultimo, e melhor, dos meus apontamentos. Já minhas conhecidas de divulgada copia, eram as «Tres Graças». Original, o quadro? Sim. Afirmam os competentes: insistindo no trabalho, o proprio Rafael deliberou aumental-o.

Si me não chamam, fico aqui a olhar, a comparar as tres deidades, á espera de adjetivos que lhes traduzam as perfeições. Mais as olho, mais as comparo, mais dou preferencia... ás tres.

• • • • • (Continúa)

MARTIM FRANCISCO





GRAMMATICA VIVA...

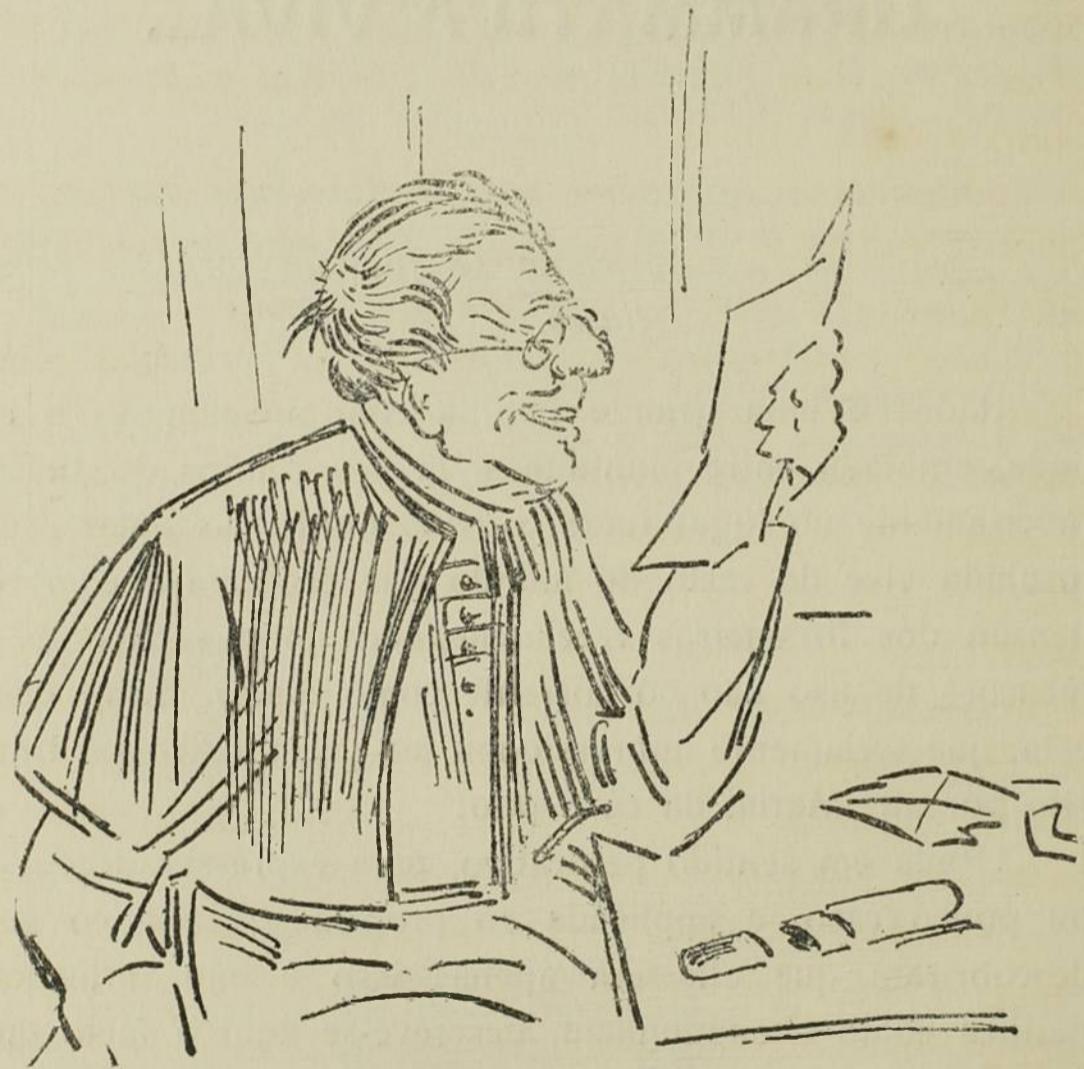
De como se formam locuções familiares.

Itaóca é uma grande familia com presumpção a cidade, entalada entre montanhas, lá nos confins do Judas, precisamente no lugar onde o demo perdeu as botas. Tão insulada vive do resto do mundo que escapam á comprehensão dos forasteiros recem-chegados muitas palavras e locuções de uso não só corrente como diario. Entre ellas esta, que seriamente impressionou um grammatico em transito por ali: Maria, da cá o pito!

Usada em sentido pejorativo, para expressar decepção ou pouco caso, e applicada ao proprio grammatico mal descobriram que elle era apenas isso e não influencia politica como o suppunham, descreve-se aqui o facto que lhe deu origem. E pede-se perdão aos grammaticões de verdade pelo crime de introduzir a anecdota na tão sisuda e circumspecta sciencia de torturar crianças e ensandecer adultos.

‘O reverendo tomou do estojo os velhos oculos de ouro, encavalgou-os no batatão nasal, e feu pausadamente

a carta do compadre, que dava notícias da saúde, pedias, e communicava a proxima «ida para ahi do doutor Emmerencio do Val, nosso ex-ministro em Vienna d'Austria, homem de muito saber e distincção de maneirás, um desses diplomatas á antiga, como já os não ha nesta republica que etc. etc.» em viagem de recreio pelo interior a matar saudades do paiz.



O reverendo coçou o toitiço com dedos sornas, e releu a carta demorando o pensamento nas palavras que pintavam o alto figurão itinerante em via de honral-o com a sua nobre presença.

Verdade é que dispensava tal honraria, boa sécca á pacatez glacial do seu viver abbacial, repartido entre missinhas de cinco mil reis (mais um frango), cachimbadas de

muito bom fumo de corda e os pitéus (senão ainda a ternura, como propalavam más linguas) da sua optima caseira e afilhada, a Maria Prequeté. Culpa toda sua, aliás. Quem lhe mandára a elle possuir a melhor casa de Itaóca e ser, modestia á parte, um homem de luzes nñotorias, autor de varios acrosticos em latim?

Já d'outra feita hospedára um eloquente inspector agricola, e, logo depois, o tal sabio que collecionava pedrinhas — grande falta de serviço! Um diplomata agora... Ahn! a coisa variava.

Que viesse, respondeu ao compadre, mas que não esperasse encontrar na roça desses «confortos e excellencias de vida que é d'habito nas grandes terras.»

Escripta a resposta foi o reverendo á cosinha conferenciar com a caseira acerca da hospedagem, e longamente confabularam sobre que pato seria sacrificado (sí o patão de peito branco ou aquelle, mais novo, com que a viuva do João das Bichas lhe pagára a missa, a gatuna!); sobre a toalha de mesa e a roupa de cama, sobre o tratamento a dispensar — V. Excia., V. Senhoria; V. Diplomacia... Após longo bate-bocca, salpicado de injurias em calão e algum latim, assentaram no pato da missa, na tolha rendada e no V. Excia.

Combinados estes preliminares, uma nuvem de nostalgia ensombrou a casa nedia do reverendo. Os olhos penduraram-se-lhe no vago, saudosos, e de lá só desciam para envolver, com ternura viciosa, o velho pito de barro que lhe fumegava na mão.

Notou a Prequeté aquellas sombras, e:

— Acórda, boi sonso! A mó' que está hervado?...

O reverendo abriu-se. Era o pito. Eram já saudades do velho pito... Pois não ia privar-se desse amigo de tantos annos durante a estadia do «empata»? Era educado.

Não queria impressionar mal a um homem de rara distinção de maneiras. E o pito, se é bom, é tambem plebeu, e mais que plebeu, chulo, Reconhecia-o, reconhecia-o... Entretanto tres, quatro dias — sabia lá a quantos iria a sécca? — de abstenção forçada, sem que a bocca sentisse o contacto bemaventurado do saboroso canudo amarello de sarro?... Doloroso!...

E o reverendo sorveu com delicia uma baforada macissa. Tragou-a. Depois, recostada a cabeça no espaldar, semicerrados os olhos, semiaberta a bocca, deixou-se fumegar gazosamente como uma piúca de queimada. Coisas boas da vida!...

Mas que remedio? O homem fôra diplomata, e em Vienna d'Austria! Confabulára com archiduques e cardeaes... Homem de requintes... Era forçoso transigir com o pito, o rico pito, aquelle amor de pito... Sim, porque a dignidade do clero antes de tudo. Lá isso...

Dias depois nova carta anunciou que «o tal das Europas» amanhã de tarde repontaria por ali.

Grande alvoroço de saia e batina. A Prequeté arregançou as mangas — braços a Machado de Assis tinha a morena! — e poz de pernas para o ar a casa. Varreu, esfregou, escovou tudo, demoliu teias de aranha, limpou o vidro do lampião, matou o pato, e desfez com decoada cincuenta pingos de gemma d'ovo que constellavam a batina nova do padrinho.

— Arre! que até parece uma gemmada! reguингou, entre reprehensiva e caçoista. Depois, relanceando-lhe o oshar para o alto da cabeça,

— Chi! a corôa está que é uma tapéra! — exclamou. E, expedita, zás, zás, dá-lhe uma alimpa de tesoura.

— E o breviario? — interpella de súbito o padre.

Andava sumido ha tempos o raio do livro; procura que procura, foi descoberto, afinal, no quarto dos badulaques, feito calço d'uma commoda capenga. A Prequeté — maravilhosa caseira! — c'uma dedada de unto põe-n'o escorreito e envernizadinho, a fingir com tanta perfeição uso diario que nem Deus desconfiaria da marosca.

— Que mais? — disse ao cabo, plantando-se a distancia para uma vista de conjunto no seu restaurado padrinho. E como d'alto abaixo tudo estivesse a contento,

— Está mesmo *pshutt!* concluiu, brejeira, borrifando-lhe por cima um chuvilho d'agua Florida para disfarçar o ranço.

Ficou o padre um amor de reverendo, liso e bem amanhado como um conego de oleographia. Elle o reconheceu ao espelho, e nadando nas delicias daquelle carinho semi par — e muito agradavel a Deus, pois não! pois não! — sorria-se babosamente com a casa inteira.

— Esta diabinha!...

* * *

A arrumação conclusa, da corôa do padre á cosinha, postou-se Prequeté de vigia á janella, indagando os extremo da rua, enquanto o reverendo, lindo como no dia da primeira missa, passeava pela saleta chupando as derradeiras cachimbadas do dia. Subito.

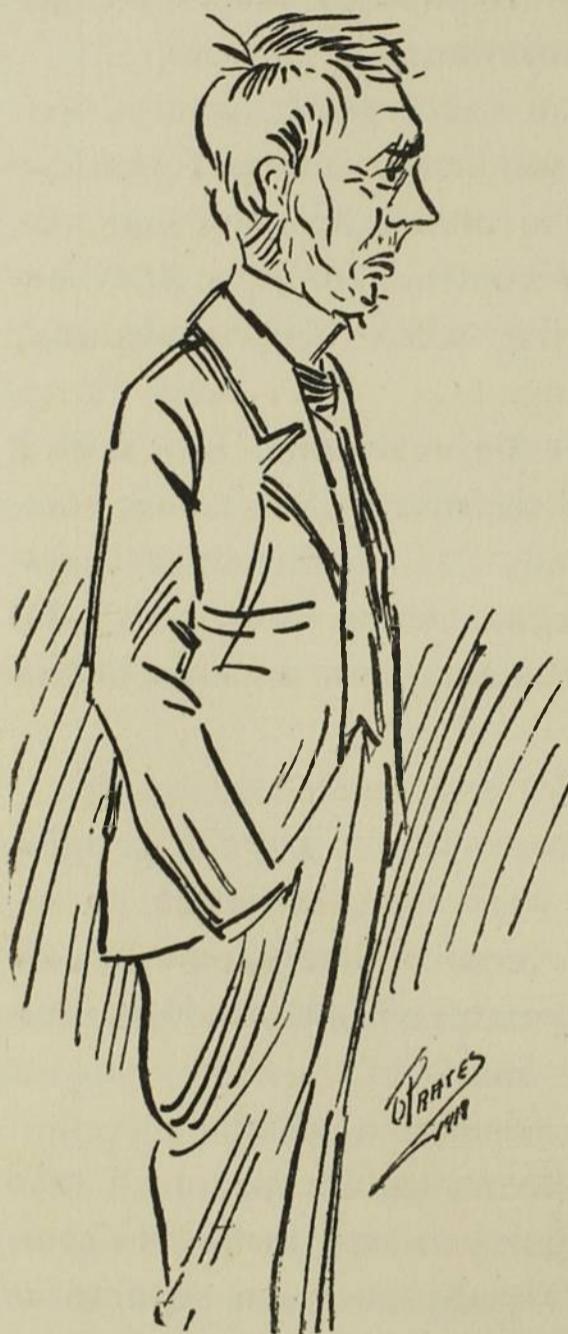
— E vem vindo o *reis!* exclamou a atalaia.

O reverendo mètteu o pito na gaveta, passou á mão no breviario e rumou para a porta da rua. Instantes depois defrontava-o um cavalleiro. O padre correu a segurar-lhe a redea e o estribo.

— Queira apear-se V. Excia., que esta choupana é de V. Excia. Sou o padre vigario, humilde servo de V. Excia.

O diplomata, como que resabiado com tão respeitosa

acolhida, deixou-se descavalgar. Mas sem garbo, esquerdão e reles, como ahi um pulha qualquer. Entrou. Trocaram-se rapapés, palacianos da parte do reverendo, mal achavascados, — quem o diria! — da parte do cortezão que conversára archiduques e cardeaes. Houve etiquetas revividas, sempre claudicantes do lado diplomático. Houve ceremonias.



baforava no copo, chupava os dentes... Um puro alarve!

O reverendo observava-o por cima dos oculos, e piscava para a caseira, que, pela fresta da porta, torcia o nariz á pificia excellencia excursionista.

Mas o doutor não era positivamente o que se esperava. Já no physico desiludia. Em vez d'uma figura tina, de mundano, sahiralhes uma magrella de barba recrescida, roupa surrada, chambão e alvar. Emfim — pensou lá comsigo o reverendo — o habito não faz monje. Quem sabe sob estas apparencias vulgares, e talvez rebuscadas, não luz o espirito de um Talleyrand ou as manhas d'un Metternich?

Foram-se para a mesa. No decurso do jantar accentuou-se a desillusão. O nomem comia com a faca,

Ao trincar do pato, desastre. O doutor deixou cair ao chão um osso, que apanhou logo, muito encalistrado. Depois, ás voltas com uma aza do palmipede, falseou-lhe a faca, resultando espirrar-lhe na cara um chuvisco de arroz. A Prequeté por sua vez espirrou lá dentro uma risadinha de mofa, acompanhada de um mortificante:

— Ché!

O reverendo entrou-se de duvidas. Era lá possivel que o Dr. Emmerencio do Val fosse um estupor daquelles?

A' sobremesa caiu a conversa em politica e o doutor desmanchou-se em sandices typo quatro de boa torração. Em quanto asneava, o padre matutava lá comsigo:

— E eu com ceremonias, e eu com bobices, querendo até privar-me do pito por amôr dum Zé-faz-fôrmas destes! Fumo-lhe nas ventas e já!

Nisto veiu o café. Em quanto o injerem o doutor entra a discorrer de remedios, pharmacias e projecto de estabelecimento.

O reverendo, decifrando o enigma, deteve a chicara no ar.

— Mas, então, o senhor...

— Sou pharmaceutico, e venho estudar a localidade a ver se é possivel montar aqui uma botica. Portei em sua casa porque...

O padre mudou de cara.

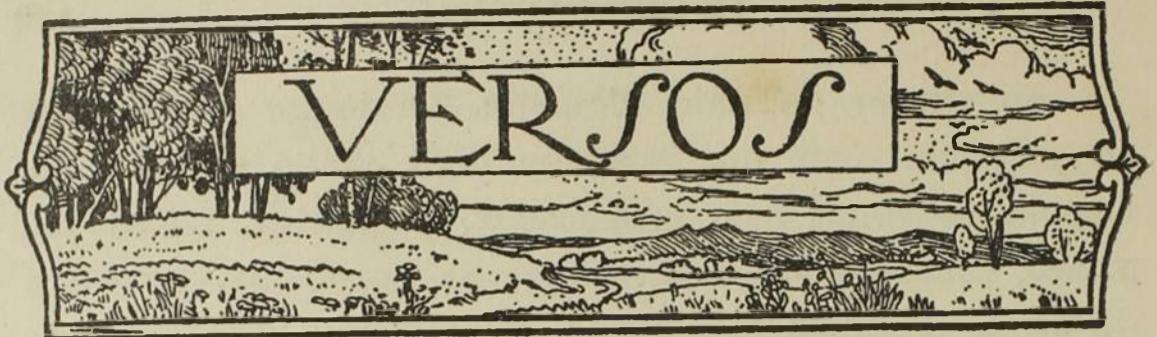
— Então não é o Dr. Emmerencio, o diplomata?

— Não tenho diploma, não senhor, sou pratico...

O padre sorveu d'um trago o café e refloriu na cara sorrisos de beatitude; depois, desabotoando sem pressa a batina, atirou com os pés para cima da mesa, expelliu um succulento arrôto de bemaventurança e berrou para dentro:

— Maria, dá cá o pito!

MONTEIRO LOBATO



PALAVRAS AO CÉU

Cultor apaixonado do Verso, que entende como uma arte serena e pura, o Pe. Lindolpho Esteres, si bem que pouco conhecido, é um dos nossos grandes poetas. Dizem-n' o bem estas composições, tiradas ao acaso de seu livro «EXILIO», a ser publicado proximamente.

*Céu, bello céu azul
das aquarellas limpidas e calmas,
suave região de amor ampla e longinqua,
onde se abrem os olhos dos que sonhám...
Pelas manhãs, sorrindo sobre as arvores,
na encenação fugaz d'uma paizagem,
lembra o longo véu, no ar ondulando,
que deixa para traz linda amazona...*

*Porém quando anoitece,
e de fulgidos astros te povoas,
— ouropeis que te enfeitam qual ao manto
de velludo cahindo sobre os hombros
maguados de uma Virgem Dolorosa —
O' bello céu, como tão bem imitas
alguem, que conhecendo as nossas maguas,
num pranto, enche de luz nossas cabeças...*

*Agora é que comprehendo
por que, por toda a terra, os infelizes
mortaes erguem os olhos, procurando
consolo para todas as angustias...
E sei por que, na solidão das noites
esquecidos de tudo, andando aos pares,
silentes, de olhos cheios de ternura,
os amantes, olhando-te, suspiram...*

*Nessas horas os poetas,
como as aguias reaes, alçam o vôo
nas azas da illusão, em ti buscando,
a suspirada patria das chimeras,
e, extase, pairando sobre o mundo,
correm atraç dessa dourada espuma
de sonhos, a fluctuar na Via-Lactea,
como n'um rio eterno e silencioso...*

*A! fui assim outrora...
Eu era poeta e não fazia versos
e, como elles, sonhando erguia os olhos
para entender tuas estrophes de ouro...
A! quantas cousas ternas solletrava
nessas velhas estrellas, sempre novas,
que me alheiavam deste mundo torpe,
mas que povoavam de illusões meu ermo...*

*A minha alma era um lago,
— pupilla azul ingenuamente aberta —
refulgente de dia aos teus encantos
e, de noite, espelhando os teus thesouros.
Que me importava que tu fosses vasto
si o mesquinho pedaço que eu possuia
de céu, a palpitar-me dentro da alma,
pela illusão, valia um céu inteiro...*

*Infelizmente, agora,
ao meu olhar o teu azul infindo,*

*pelas manhãs de sol, evoca apenas
um bem que eu desejei e nunca tive...
E por sobre a minha alma revoltada,
como a envolvel-a n'uma sombra ardente,
fluctua a mesma escuridão vasia
das tuas longas noites sem estrelas...*

*Porque me offereceste
um seio azul ridente de esperanças,
— esplendida mansão propicia ao sonho —
qual a mãe que offerece o seio ao filho?
Agora, como quem adormecendo
n'um jardim e accordasse n'um deserto,
eu sei que o teu azul todo era engano
e todo o teu sorrizo, uma mentira...*

*Céu, bello céu azul
das aquarellas limpidas e calmas,
á noite, todo constellado de astros...
Em vão te peço a inspiraçao antiga;
Não me redouras mais a debil fronte;
e, da minha vigilia, apenas ficam
uns pobres versos que ninguem comprehende,
como amargos despojos dos meus sonhos...*

OS ELEPHANTES

(Leconte de Lisle)

A Luiz Augusto de Campos

*Como um mar, cuja praia a vista não descobre,
muda e presa no leito, arde a areia infinita;
enche todo o horizonte um vapor cor de cobre
do lado da região que a turba humana habita.*

*Nem vida nem rumor. Fugindo ao céu que abafa,
o leão, farto, procura a mais longinqua furna;
sob os tamarindaes, vem beber a girafa
na mesma fonte azul da panthera nocturna.*

*Na espessura do ar, onde o sol rubro circula,
nem uma ave siquer passa batendo as azas;
ás vezes, na modorra, uma serpente ondula
as escamas que á luz scintillam como brasas.*

*Queda-se immoto o espaço e dorme tudo. A prumo
cae de cima o calor. E lentos, mas despertos,
os elephantes vêm caminhando no rumo
que os leva ao ermo natal, atravez dos desertos.*

*De um ponto do horizonte, elles vêm levantando
o pó, que sóbe ao céu em vermelhas columnas;
vê-se que para não sahir da róta, o bando
desmorona, com os pés, as areias das dunas.*

*A' frente, o velho chefe arrasta a mole obesa
que é como um tronco rude e gasto ao temporal;
bamboleia a cabeça e ao caminhar retesa
o enorme corpanzil, sob a espinha dorsal.*

*Sem apressar a marcha ou detel-a á preguiça,
o bando inteiro segue envolto em pó vermelho,
fazendo, sobre a areia ardente e movediça,
fundos sulcos atraç do elephante mais velho.*

*Trazem a orelha em leque e os olhos em torpor,
e, entre as presas, a tromba. Os vapores infectos,
subindo-lhes do ventre alagado de suor,
toldam o ar incendido e coalhado de insectos.*

*Pouco importam a mosca atroz, a sede, a fome
e o sol que lhes caustica o dorso em chaga viva,
si elles vão a pensar nessa região sem nome,
mas que servio de berço á raça primitiva...*

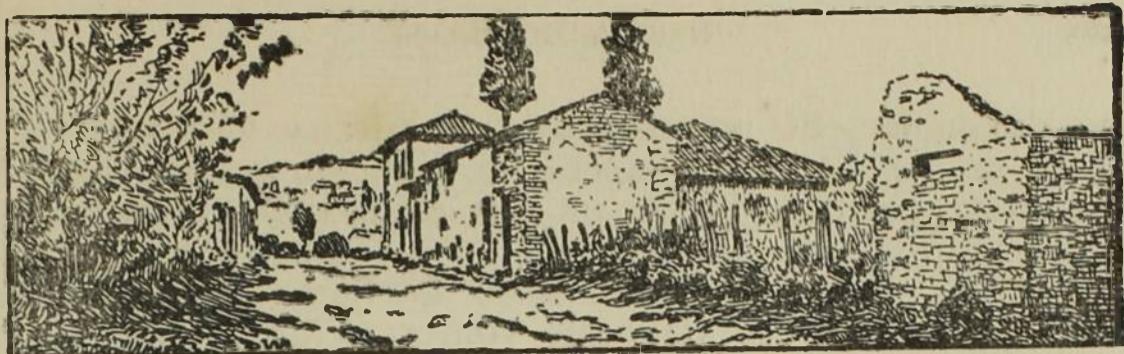
*De novo elles vão ver os rios e as cachoeiras
que o hypopotamo busca, ao sol, para nadar,
e onde vinham beber, esmagando nas beiras
os juncos, sob os pés, á branca luz do luar.*

*E assim lentos, mas sem que nada os amedronte,
investem pelo areal, a sonhal-a mais perto...
E a linha negra ondeia e some no horizonte,
deixando para traz, immovel, o deserto...*

LINDOLPHO ESTEVESES

(do «Exilio»)





ILLUSÃO AMERICANA

O Monroismo está em fóco, e ainda bem que está em fóco... Estudando-o sob um dos seus mais interessantes aspectos o sr. Fernando de Azevedo analysa aqui as illusões heroicas de Cuba e do Mexico, e bem assim as nossas ineffáveis illusões sentimentaes, em face da politica imperialista de Tio Sam.

ILLUSÕES HEROICAS — Cuba e Mexico — Estados Unidos.

A proposito da drenagem dos titulos brasileiros do mercado europeu para as praças «yankees», tem vindo á baila a doutrina do monroismo, que a Liga das Nações, em sua segunda edição, consagrou, e que na sua extensão abusiva pretende que a solidariedade dos Estados americanos implique para a grande nação da Norte America um direito de «contrôle» geral e de hegemonia, arvorando esse paiz em «Dom Quichote do novo mundo». O que não seria apenas uma política degradante para os nossos brios, mas visivelmente ameaçadora de nossos creditos, porque, isolando por assim dizer a America da Europa, quando «a America não é dos Americanos, mas sim da humanidade», teria a doutrina por fim, tornando o mundo novo o mais possível independente e separado do antigo, alcançar por esta insustentavel autonomia juridica, o complemento de uma autonomia economica em beneficio exclusivo do despotismo da plutocracia americana.

Mas esta grita patriótica levantada contra o fetichis-

mo da politica de approximação americana — á qual se ergue no Itamaraty um sanctuario, com um sacerdocio diplomatico a dedicar-lhe as ultimas escorralhas de incenso, e se sacrificia, com a autonomia de nossa politica externa, um pouco de nossa dignidade e intelligencia — levou-nos a uma injustiça flagrante contra o Mexico e Cuba, cuja situação nos sacódem aos olhos como um abantêsmo para a imprevidencia e para o sentimentalismo da politica indigena.

Por serem de facto as consequencias, a que de certo nos arrastaria a nossa politica externa, eguaes ás que Cuba e Mexico já sofreram ou ás que os ameaçam, seria pecar por nimia benevolencia para comnosco pôr no mesmo pé de egualdade com a nossa orientação diplomatica, como se igualmente fossem attentatorios á dignidade nacional, os acontecimentos politicos de que provieram a retalhação do territorio mexicano e a «capitis diminutio» da soberania de Cuba.

O que é certo é que da parte d'estes douis paizes a historia de suas desgraças se justifica e se illumina de illusões heroicas, por cuja esteira luminosa mareáram, aquella ilha no anceio de sacudir o jugo hispanico, e este paiz, na lucta épica sustentada por seu elemento sadio, em defesa da independencia contra partidos espurios, em revoltas custeadas e habilmente manobradas, em proveito proprio, pela insólita diplomacia da Casa Branca.

O erro da politica mexicana — politica mascula e tempestuosa — outro não tem sido senão desconhecer a missão, que se arrogou a America do Norte de intervir em seus negocios, e ocupar uma posição superior aos outros estados e portanto ao estado vizinho, cujos pruridos de independencia e arranques de altivez, como já lhe haviam custado a perda do territorio e sangrentas luctas internas, lhe tem valido por parte dos Estados Unidos esta ignobil campanha de diffamação systematicamente organizada, pela qual, aos olhos nos desenrolam palpitantes em seus films de arte rara essas scenas de cannibalismo, retratando-nos o Mexico de perfil, para maldosamente nos deixarem á imaginação mal informada pelo seu telegrapho a construcção de uma região salpicada de sangue e afogada na selvageria...

No emtanto este Mexico, em cuja politica interna ora surrateira ora ostensivamente tem intervindo os Estados Unidos, retalhando-a em partidos e bandos para melhor a dominarem, segundo o velho lemma do «*Divide, ut im-*

peres; este Mexico, cuja ferocidade, a nos basearmos nos informes americanos, levaria ás lampas a barbaria do imperio romano, este Mexico, com seus homens de faca e calháu e de caras de arremetter, já era desde o governo de Porphyrio Dias, como em 1896 notava o *Harper's Magazine*, a nação rica e prospera, em que «a vida, a propriedade e os direitos civis tinham uma garantia absoluta, tornando-se (são palavras dignas de registo) o paiz mais seguro de toda a America».

Ao Mexico descrevem-no os Estados Unidos, a cōres negras, pintam-no barbāo, porque o vêm rebelde e quasi invencivel; desacreditam-no, porque soube elle ter peito ás ameaças, quando lhe tomaram o pulso á indomavel energia; diffamam-no, porque é preciso fazer passar em julgado «seu banditismo» e crear um ambiente internacional adequado a futuras expansões de uma politica imperialista; vilipendiam-no emfim, pelo telegrapho e pelo film, para lançarem poeira aos olhos pasmos das outras nações americanas, para as quaes ensaia o passo o «Dom Quichote do novo mundo», a quem era inevitavel cortejasse emfim alguma «republica de Sancho Pansa».

A sorte do Mexico, que reage fazendo-se temido, é, pois, bem preferivel a de um paiz, qual o nosso, onde, como nos tempos de Nero, em que (no dizer de Tacito) *inertia pro sapiencia fuit*, a inercia passou por sabedoria, a covardia por prudencia, a bajulação por diplomacia. As «illusões heroicas» de suas luctas internas merecem os loiros, que não se regateiam á virtude infeliz, e são tão nobres como o objectivo alvejado pelos insurrectos cubanos no seu movimento justificavel de approximação do governo americano, cujo auxilio agenciaram; movimento nobre, pelo sentimento de independencia que o inspirou, quando lhes não bastavam as forças, que lhes dava o desespero, para vencer, e se lhes inflamava a confiança n'um paiz, de que não tinham a receiar maior mal do que padeciam. O espirito tyrannico e dominador, com que a Espanha pretendia abafar a insurreição em Cuba, pelo general Weyler, e nas Philippinas por Blanco e Polavieja, deu ensanchas á intervenção dos Estados Unidos n'esta guerra, na qual a opinião publica americana, não contente de sympathica e abertamente tomar partido pelos revolucionarios, reclamava do governo federal, a favor d'estes, a intervenção effectiva, que não se realizou logo no governo de Cleveland, não só porque se oppunha o presidente ás tendencias *chauvinistas* de certos americanos, como

tambem porque, apezar de votos expressos do Congresso mandando considerar os insurrectos como belligerantes, não queria arriscar-se, em fins já do governo, aos azares de uma guerra com a Hespanha.

De resto, por um lado o thesouro já exgottado a este tempo pela crise do credito publico, devido não só á plethora do metal branco e, logo depois, do metal amarelo, como tambem ao receio da *free conage* d'este metal; e de outro lado a lucta eleitoral em '96 entre Bryand, que desfraldava a bandeira do *soft money*, e Mac-Kinley, que se propunha a restaurar os valores americanos com o *sound money*, quando aggravaria aquella medida, e esta manteria a crise monetaria, haviam estes factos de retardar forçosamente, para depois da victoria do *mac-kinleysmo*, a intervenção dos Estados Unidos em favor dos insurrectos na guerra cubana.

Em favor dos insurrectos, na apparencia; e, de verdade, em favor dos grandes interesses, que emergiriam do protectorado da pequena republica a nascer, á sombra do monroismo, da inabilitade da Hespanha, que no protocollo preliminar da paz se compromettia a abrir mão dos direitos sobre Cuba, á cessão de Porto Rico, das Antilhas Hespanholas e de Manilha, ficando entregue ao tratado de paz a sorte das Philippinas, que com igual ardor propugnavam sua independencia.

A attitude de Washington, rompendo relações com Madrid, sob o pretexto de libertar os cubanos das crueldades dos generaes hespanhoes, e de defender na grande Antilha os interesses dos americanos, a que adviessem prejuizos das peripecias da insurreição, lembra-me a resposta feliz, que a Palmerston deu um dia o grande Gladstone, cuja politica exterior aliás foi por vezes impopular pelas tendencias ao imperialismo, por elle atacado ao principio de sua carreira.

Discutia-se a questão do judeu Pacifico, cuja nacionalidade britannica se reputava duvidosa, quando o *Foreign Secretary*, para cohonestar o bloqueio dos portos da Grécia, dizia n'um discurso celebre, que «da mesma maneira que outr'ora o cidadão romano se julgava ao abrigo de toda a injustiça, quando podia dizer: *Civis romanus sum*, devia tambem o cidadão inglez, onde quer que estivesse, ter a certeza de que o olho vigilante e o braço vigoroso da Inglaterra saberia protegel-o contra a injustiça». Gladstone, n'um discurso não menos celebre, a que Palmerston chamou «discurso de mestre», revidou dando-lhe um qui-

náu sobre a egualdade das nações e o principio de sua soberania:

«Que era um cidadão romano? Era membro de uma casta privilegiada; fazia parte de uma raça conquistadora, de uma nação, que trazia todos os outros povos acorrentados pela força de seu poder. Para elle era preciso um sistema excepcional de leis; para elle deviam ser reivindicados principios, que se recusasse a todo o mundo. E' este o conceito que faz o nobre lord das relações que devem existir entre a Inglaterra e os outros paizes? Pretende elle reclamar para nós o direito de ocupar uma posição eminentemente a respeito das outras nações? E' claro que elle adopta em parte esta ideia van de que nós temos a missão de censurar o vicio e a loucura, os abusos e as imperfeições nas outras regiões do mundo.»

Ora não é este conceito que faz a America do Norte das relações entre ella e as outras nações do continente americano? O que o monroismo na guerra de Cuba e nas luctas contra o Mexico reclamou não é exactamente este direito de ocupar uma posição preeminente a respeito das outras nações? Não se têm os Estados Unidos arrogado a missão biblica de governar as Americas, e talvez o mundo, de censurar os abusos e os vicios alheios? e não pensam muito naturalmente que aquelles que hesitam em reconhecer sua missão, não pôdem ser impelidos senão por intenções hostis ou pela animosidade pessoal, e que neste caso devem ser logo, por parte de sua diplomacia, objecto de uma guerra conquistadora?

* * *

ILLUSÕES LYRICAS — Ytamaraty - Casa Branca.

A's «illusões heroicas» da guerra de Cuba e da politica do Mexico se contrapõem porém, as «illusões lyricas» da diplomacia brasileira, rebaixada a satellite em torno de um paiz, cuja população eponyma não pertence, como a nossa, ao tronco latino; que tem uma ethnologia, um ideal, uma religião e um temperamento diversos, e cuja insolencia, avivada por um egoismo sombrio e por preconceitos cégos nos deveria levar a uma politica antes vigilante do que accommodaticia.

O perigo do despotismo economico se esboça em toda sua nitidez, nos horizontes internacionaes, como um corolario da supremacia commercial do americano, ao qual a situação geographica e seu caracter nacional asseguram uma esmagadora superioridade sobre os outros povos da America, a que aliás não faltam estas qualidades de assimilação, acclimatação e imitação, onde tomaram os Estados Unidos elementos para ameaçarem a concurrence nos grandes mercados do globo, para erigirem em senhor omnipotente o movimento capitalista, restabelecendo o perigo do militarismo allemão sob uma fórmula mais avassaladora — a do despotismo economico.

O ambiente da grandeza, que alli se respira, este desenvolvimento extraordinario, comparado ás lentas evoluções européas, era bem o meio mais propicio para avultar o orgulho americano, cujas raizes se embebem na gleba nutriz das doutrinas religiosas ancestraes, e que agora attinge á plena intumescencia com a gloria repetida de se terem sahido os Estados Unidos mais engrandecidos e fortificados das luctas, em que se empenharam e em que se crystallisou a convicção de que esse paiz, como já em 1896 notava Coubertin, recebeu do céo «a missão especial de renovar o mundo, construir o estado ideal e mudar a sorte dos povos».

Da ideia de renovação — a ideia-força que domina a civilisação transatlantica, era natural a transição para o *instincto de dominação* dessa politica, segundo a qual a America Central e America do Sul não passariam de «terrenos de caça reservados» á grande nação norte-americana. Este não é o pensar apenas da sua diplomacia passageira, é o *ideal nacional* subterraneo nascido do espirito dos puritanos enxotados da mãe-patria pela perseguição, e aos quaes atormentava «o aspero desejo (são palavras de Pierre de Coubertin) de uma regeneração individualista, concebida de maneira estreita, mas sincera» e de quasi cem annos de luctas contra os indianos, a Inglaterra, a França e a Hespanha. A conjuncão d'estas causas deu origem a este «typo estranho do Kentuckien», amante do whisky, do duello e das cartas, *fou d'éloquence*, querendo tudo amplificar; typo bizarro, a que se devem a annexação do Texas, a invasão da California, a guerra contra o Mexico; que estendeu o territorio patrio de um a outro oceano; que teve por porta-voz no senado o celebre Henry Clay, junto ao qual se sentavam Welster e Calhony, todos inebriados do mesmo sonho de grandeza,

e que levou, enfim, ao proprio Wilson a espanejar na Europa seu manto messianico, inculcando-se, com seus 14 principios, amigo da verdade a ponto de lhe respeitar a sombra, mais disposto a ser victima da injustiça, do que a praticá-la, para depois, nos salões do Quai d'Orsay, cortar pela magestade e cantar a palinodia deante do monarismo, cujos partidarios, pela sua influencia temivel, levavam á paréde o idealismo da Casa Branca...

Mas que admirar n'este ideal de dominação e n'este messianismo insolente, se no proprio paiz era até ha pouco irritante a animosidade dos americanos para com os descendentes directos de estrangeiros immigrados, se elles (o testemunho é de Kirk Munroe) affectavam ares de superioridade petulante para com seus concidadãos de recente adopção, pelos quaes não occultavam desprezo e aversão, quando foi a corrente immigratoria que imprimiu á prosperidade de seu immenso territorio este surto maravilhoso de progresso?

Este sentimento de orgulho está-lhes na massa de sangue e tem a prova cabal «na absorção do emigrante europeu pela civilisação transatlantica, e em sua rapida americanisação, que indica um poder inegualavel no elemento absorvente» tendo-se verificado que, *malgré tout*, uma geração da Europa parece perder toda a influencia sobre os filhos daquelles que a abandonaram para se fixarem no novo mundo e que ahi chegaram a crear-se uma situação, modesta embóra.

E' que ha no ar respirado, na existencia vivida, nos sonhos de gloria, no puritanismo de sua religião, alguma cousa, que prende a mocidade «que a penetra de entusiasmo e lhe inocula de certo modo todas as paixões e todas as heranças americanas».

O que, em parte, porém, nos deixa incrustados n'esta politica sentimental, politica de pannos quentes e aguas mornas, é talvez a ignorancia completa d'este paiz, que quasi se nos descobre sómente atravez da cinematographia lisongeira, do telegrapho cortezão, do livro de propaganda e do nosso diplomata enfatuado — o melhor instrumento de propaganda americana —, cabendo-nos a exhortação de Henri Ramin, em 1897, sobre o perigo tedesco, concluindo suas impressões da Allemanha: «E' tempo de nossa mocidade certificar-se da verdade e formar *de visu* uma opinião exacta e ideias, que, sejam quaes forem, serão sempre melhores do que a ignorancia».

Mas não é tão funda esta ignorancia que não saiba-

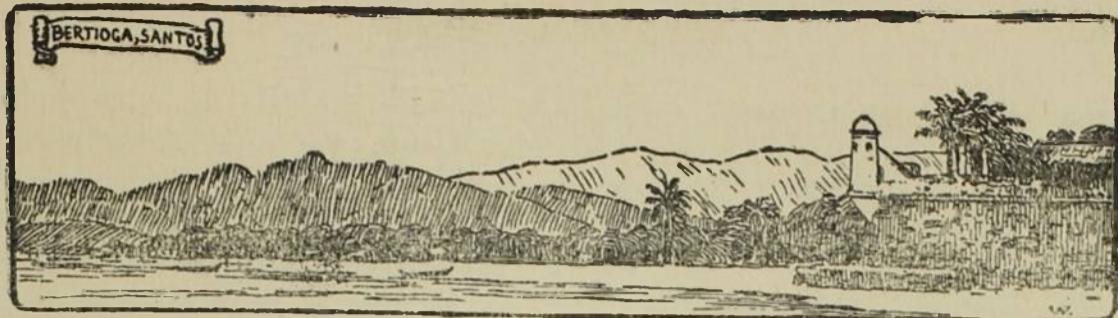
mos que pela doutrina do monroismo se arrogam os Estados Unidos o papel de protector e chefe das republicas americanas, que este paiz «tem o *instincto de dominação* e todos os meios de o exercer», e que este estado de espirito encerra os germens do despotismo internacional, apoiado pelos millionarios americanos, que, fazendo fortuna, «reconhecem preencherem uma função social e politica».

Renan, na correspondencia de Berthelot, referindo-se á religião de Napolis, para a qual os santos não são modelos de virtude e moral, mas thaumaturgos, especies de magicos sobrenaturaes, por cujo meio pôde a gente sahir-se de um embaraço qualquer como livrar-se de uma moestia, conta ter visto numa das capellas *ex-votos* em que se representava o ladrão solto pelo santo do meio da policia...

Assim é nossa politica de alfenim e de «illusões lyricas», uma quasi religião diplomatica, pela qual encaramos a Norte America não virilmente como um paiz igual, que nos propuzessemos imitar, modelo de actividade e perseverança, de energia moral e força constructora, mas como um thaumaturgo — uma especie de magico internacional — á cuja sombra viva a nação na indolencia, e por cuja intervenção possamos livrar-nos de um susto qualquer... ainda que, a preço da libertação, venhamos a ficar envolvidos nos braços transatlanticos de Tio Sam, a quem bem longe está o Brasil de afigurar-se algum osso, que se lhe possa atravessar na garganta.

Ha cousas, dizia Veuillot, que não se vêm nem se avaliam bem senão com olhos que já choraram. E uma d'estas, por certo, é o sentimento de independencia, cujo valor parecemos incapazes de comprehender, enquanto a experientia, que é uma cicatriz, nos não inocule o espirito de altivez ou o instincto de conservação, que faria ao coração do mexicano bater de desconfiança, e ao nosso, de entusiasmo pueril, ao resfolegar dos monstros nadantes ou ao ranger das carrêtas, em que se apoia a diplomacia da poderosa Republica norte-americana.

FERNANDO DE AZEVEDO



UM ALBUM DE ELISA LYNCH

Com estes capítulos, o sr. Affonso d'E. Taunay encerra a serie de artigos que lhe suggeriu a leitura do «Album» deixado pela amante de Lopez, e nos quaes foram acentuados e esclarecidos diversos pontos ainda pouco estudados da historia sul-americana em relação á guerra do Paraguay.

XVI

No *Diario do Exercito*, resenha quotidiana das operações de guerra, redigida pelo Visconde de Taunay, então Secretario do General Chefe das forças aliadas, o Conde D'Eu, varias referencias se encontram relativas a Mac-Mahon: acerbas queixas de sua parcialidade.

Quando a 4 de Junho de 1869, Lopes convidou o Príncipe de Orléans a prohibir o uso da bandeira paraguaya pela legião dos seus compatriotas, auxiliar dos aliados — isto sob a ameaça de novas crueldades contra os prisioneiros brasileiros — officiou Mac-Mahon ao nosso generalíssimo incitando-o a que obtemperasse ao pedido do dictador, e a tal propósito estendeu-se em considerações, a que o Conde respondeu peremptorio pelo officio de 13. Agradecendo-lhe o incitamento generoso, recusou com tudo o acordo e retrucou-lhe: «A missão que me foi confiada pelo governo Imperial sendo puramente militar, devo abster-me de aceitar a discussão que V. Excia. quer estabelecer sobre a legitimidade do governo do marechal Lopez.»

A 30 solicitava o ministro uma audiencia do Príncipe, e sendo-lhe esta concedida, com elle conferenciou no Quartel General de Pirajú, em presença de muitos officiaes do Estado Maior, o que só lhe permitiu falar sobre assumtos geraes, circunstancia que muito o irritou. Logo depois enunciava o desejo de voltar ao seu paiz e pedia passagem pelas nossas linhas avançadas. No dia seguinte retirava-se levando grande bagagem «quarenta e cinco fardos, dos quaes oito eram visivelmente cunhetes com dinheiro em moeda ou valores metallicos, denunciado, não só pelo peso como

tambem pelo timido,» narra o *Diario do Exercito* em data de 2 de Julho. Certamente parte das economias de Elisa Lynch, que a precavida mulher tratava de pôr a bom recato, por intermedio do diplomata...

Ainda, no *Diario*, com data de 4, lê-se o seguinte: «o general Mac-

Mahon tem praticado em Assumpção diversas tropelias indignas do seu caracter official, não só negando-se a pagamento da morada em que se acha, por pretender ser ella de propriedade do paraguayo Jara que o acompanha, como consentindo que este homem ande publicamente fallando a favor de Lopez, no sentido de alliciar gente. Os paraguayos têm sido os proprios denunciantes destes factos, mostrando-se indignados contra as propostas daquelle embaixador.»

A 6, pela tarde, embarcava o plenipotenciario a bordo do vapor *Eduardo Eweret*. «O dinheiro que levava na bagagem, relata o *Diario*, fôra convertido em letras passadas por Lesica, Lanes e Molina e montava no valor de vinte e cinco mil patações.»

«As irregularidades que em Assumpção praticava, commenta ainda o documento official, haviam

de provocar qualquer medida; por isso não pouca satisfação causou a sua retirada.»

Indignado com tal procedimento fôra o chefe do Estado Maior da nossa esquadra a bordo do *Eweret* «fazendo ao ministro sentir sua descorreza (*falta de etiqueta*) em deixar bruscamente e sem participação ás autoridades brasileiras, a praça de Assumpção, e o porto ainda sujeito ao bloqueio.»

E como para lhe vigiar os passos partira a corveta *Belmonte* até o Cerrito, a escoltar o *Eweret*.

Saiu portanto Mac-Mahon do Paraguay furioso com as autoridades brasileiras. Chegando aos Estados Unidos, fiel aos rancores e ás amizades, procurou fazer o maior mal ao nosso governo. Já porém Washburn fallara largamente. «traçando um quadro horripilante, mas exacto, do que vira», na phrase de Von Wersen, e assim muito poucos lhe prestaram attenção. Tanto mais quanto, logo depois, surgia o terrivel depoimento constituido pelos *Seven eventful years in Paraguay*, de Masterman — victima mila-



grosamente escapa, após mil martyrios, ás garras do tyranno. — Curiosamente leu o publico anglo-saxonio esta descripção apavorante e singelas das atrocidades lopezcas. «Não se pejou Mac-Mahon, comtudo, de affirmar pela imprensa que Lopez era o mais liberal dos governantes sul-americanos», affirma Von Wersen na sua *Historia da Guerra do Paraguay*. «Falso os actos de残酷 a elle attribuidos; assim mostrou-se indignado que a imprensa ingleza publicasse as calumnias propaladas pelos Aliados.»

Declara o autor prussiano que provavelmente agia o diplomata de inteira boa fé. Na curta permanencia no Paraguay «nunca tivera occasião de conhecer a realidade das cousas.»

Deixando a diplomacia, voltou Mac-Mahon á advocacia e á politica. Foi em 1872 nomeado thesoureiro da municipalidade de New-York e de 1885 a 1889 exerceu, sob o governo de Cleveland, a chefia de polícia da enorme urbs. Senador, em 1892, pelo estado de New-York dispunha de enorme prestigio nos meios politicos da grande cidade e ocupou elevados cargos em diversas associações notaveis. Falleceu em 1906. Jamais perdoou ao nosso governo imperial o attricto de 1869. Assim nos lembramos que em 1892 a nossa imprensa se referiu a um discurso seu, pronunciado num grande banquete, e em que, acerca dos nossos generaes e homens politicos do Imperio, exarou desagradaveis apreciações, calorosamente felicitando então o Brasil pelo facto de haver expulso a dynastia bragantina.

Da sua sympathia pelo tyranno paraguayo e sua amasia resta mais um documento literario até agora inedito: as dez estrophes que transcrevemos. Revelam um versejador de estro facil cheio do arroubo dos trinta annos, mas sem grande envergadura poetica. «Homem de bello talento e superiores qualidades de accão, possuia grande magnetismo pessoal» exprime-se a seu respeito um biographo. Deixara-se quiçá dominar pelos dotes hypnoticos da bella irlandeza, apezar do «magnetismo» que lhe era attribuido.

XVII

Depois dos desastres de Perebebuy e Campo Grande, quando a fuga para o Norte assumira as proporções de completa derrocada, dias terríveis deve ter vivido Elisa Lynch. Por mais insensível fosse ao sofrimento alheio, não é possível que lhe não abatesse o animo o martyrio das hordas em debandada de soldados, prisioneiros e *destinados* tangidos para a fronteira boliviana pela epilepsia do dictador, allucinado na sua obstinação ferrea e selvagem.

No dia 25 de outubro entregara-se prisioneiro o seu costureiro, referindo novas e hediondas barbaridades lopezcas e — circumstancia curiosissima — que mesmo então, apezar de tudo, de todas as privações, sustos e perigos, não conseguiu a antiga lorette esquecer as violentas inclinações das mulheres da sua condição pela toilette; o alfaiate a acompanhava sempre, a cortar-lhe novos vestidos.

A 7 de novembro narrava outro prisioneiro, o sargento Pedro Decoud,

que o coche de Elisa Lynch, por falta de animaes, era frequentemente puxado por homens, entre os quaes muitos officiaes. A 14 libertavam nossas forças numerosas senhoras das principaes familias de Assumpção, reduzidas já se vê á mais hedionda penuria; a 29 muitas outras, entre elles a conhecida Madame Lasserre, a escriptora da odysséa pavorosa dos *Destinados* de Lopez.

No dia 13 de janeiro de 1870, relatava o alferes Angelo Benites, recem capturado, que o dinheiro entregue ao general Mac-Mahon, além de seiscentas onças de ouro, cerca de dezeseis kilos deste metal, orçava por 28.000 patacões. Outros 20.000 tinham ainda ficado em poder de Lopez. Outrora verificara elle, Benites, que o Marechal enviara a certo Gregorio Benites, em França, vinte mil patacões.

Quando se deu a catastrophe de Primeiro de Março estava Elisa Lynch, como se sabe, ao lado do amante. «O numero de prisioneiros feitos sobe a 244, refere a parte official do Visconde de Pelotas, entre os quaes se acham os generaes Resquin e Delgado, quatro coroneis, dezenove maiores, tres medicos, oito padres, e um escrivão. Mme. Lynch e quatro filhos entraram no numero dos prisioneiros e são tropheus preciosos deste triumpho. Ao lado do carro em que ella pretendia fugir, foi dispersa a escolta que a guardava e morto o coronel Lopez, filho do dictador, que não quiz render-se.»

Sobre os pormenores de Aquidaban ha excellente apanhado do eminent historiador paraguayo, dr. Juan Silvano Godoy na sua *La muerte del Mariscal Lopez*. Refere uma serie de cousas que o nosso publico desconhece e que porissso, aqui transcrevo.

Na refrega soffreu Elisa as maiores emoções. Se já devia estar archicansada de Lopez e desejosa de se libertar de sua companhia, teve a dôr de assistir á morte do seu primogenito, do seu querido Pancho e ver outro filho, Henrique, rapazito de nove annos, atirado do cavallo abajo com uma coronhada na cabeça desfechada por um dos nossos cavallarianos. O coronel Silva Paranhos e o major Floriano Peixoto, percebendo de quem se tratava, apressaram-se em cercar o carro «de la odiada compañera del Mariscal Lopez», para lhe garantirem a vida, a dos filhos e demais parentes.

Deu-se então repugnante e macabro incidente: «cuando regressaba a pie al antig cuartel general paraguayo para tomar el camiño de Concepcion, la señora Lynch con sus hijos, sus servidumbres, los señores Paranhos y Peixoto deran con los restos del Mariscal Lopez, traídos de onde murió, enterrado a flor de tierra, rodeado de un gentio de mujeres y hombres, y un soldado brasileño bailando e haciendo piruetas sobre la barriga del cadáver que estaba cubierto. La señora Lynch ante este espectaculo, dandose cuenta de lo que sucedia, apesar de que acompañantes procuraban distrairla con su conversación, se lanzó hacia el logar, se abrió paso y desalojó el soldado de un empujón, dije con viveza dirigindose al coronel Paranhos y mayor Peixoto: «y es esta, caballeros, la civilisacion que nos han traído a cañonazos?» El mayor Peixoto afugentó los profanadores que eran personas de color.

Se desenterró el cadáver. La fosa fué alargada y aprofundada. Lynch compró por tres onzas una sábana blanca en la cual envolvió cuidadosamente el cuerpo del Mariscal estaba completamente desnudo y depositó a su lado izquierdo el del malogrado joven coronel Juan Francisco.»

Só depois de haver verificado que a inhumação estava perfeitamente segura e bem assinalado o local da sepultura é que a mãe infelicitada continuou a sua marcha.

Rapidamente passou Elisa Lynch, após o episodio do Aquidaban, pelos antigos dominios, em demanda de Buenos Aires, de onde partiu para a Inglaterra e onde teve com Heitor Varella o encontro que já narrei.

Julgava-se multimillionaria e a vida lhe sorria, livre do pesadelo paraguayo. Bem sabia que as quantias passadas por Lopez em seu nome ascendiam a alguns senão muitos mil contos, sem contar que a esta somma se devia ajuntar o valor de muitos milhares de arrobas de matte a ella consignadas na capital argentina.

Da desgraçada e impavida nação para cuja ruina tanto contribuira iria tranquilla e faustosamente usufruir os despojos, e isto quando no território do povo muito graças a ella dizimado, não existia — já não se falla em bois cavallos e carneiros — não existia uma só gallinha! repara energica e frisantemente o escriptor paraguayo citado.

Enganava-se porém. Das centenas de milhares de libras esterlinas depositadas em sua conta corrente do Banco da Escócia, mais de 200.000 se haviam volatilizado!... Accusa o Dr. Godoy ao medico inglez Dr. William Steward do furto desta enorme quantia. Fôra o Dr. Steward o dedicadíssimo chefe do corpo de saude do exercito paraguayo a quem, durante a campanha, prestara inexcedíveis serviços; casara-se no Paraguai e angariara a amizade e a maior confiança do dictador e sua companheira. Após a queda de Assumpção quizera o governo provisório confiscar-lhe os bens, mas o Visconde do Rio Branco, attendendo sobretudo ao facto de que o cirurgião se mostrara sempre altamente humanitário para com os prisioneiros brasileiros, obstara a que se levasse a cabo tão violenta medida.

Masterman, no appendice do seu livro, explica o facto, minuciosamente.

Era o Dr. Steward «tão rico quanto caridoso e poucos corações jamais houve tão bem formados quanto o seu» affirma num depoimento que se coaduna com a justificativa da acção do Visconde do Rio Branco, perfeito avaliador de grandezas d'alma.

Em 1866, sentindo-se Lopez doente, convencera-se de que o cirurgião britânico pretendia envenená-lo e um bello dia disserra-lhe os maiores insultos acenando-lhe com atrozes ameaças. Fôra Steward, apavorado, ter com Elisa Lynch e desta ouvira: «oh! Dr. receio muito que o presidente faça alguma cousa que eu nunca lhe possa perdoar!» Cada vez mais apprehensivo, não pudera o medico recusar um pedido de emprestimo (?) de 4000 esterlinos que a favorita lhe extorquia, dinheiro este sobre cuja sorte jamais ousara, como era de esperar, pronunciar-se.

Em 1868 obrigara ainda Lopez o Dr. Steward a remetter pela canhoneira ingleza *Beacor* mais onze mil libras a um correspondente de Lynch.

Aprisionado em Lomas Valentinas pouco depois, soubera o facultativo que o tyranno a titulo de represalia (?) mandara commetter toda a sorte de per- versidades com sua mulher e filhos pequenos, do que resultara a morte de uma das creanças. Além disto ordenara uma «razzia» geral dos bens do medico, que além das joias da mulher, da prataria e dinheiro, perdera, só em gado, mais de vinte mil esterlinos.

Assim, partindo para a Inglaterra, procurara obstar o pagamento das onze mil libras que um agente do seu antigo perseguidor, certo francez, chamado Gelot, pretendia realizar.

No processo que a Lynch lhe moveu depôz Masterman, cujas palavras tiveram a confirmação plena de personalidades notórias como o honesto ex-consul francez no Paraguai, Cochelet, do coronel Thompson, o antigo comandante de Angostura, de varios officiaes inglezes, do engenheiro Valpy, etc.

Provou o Dr. Steward que ao irmão, residente na Escócia, escrevera pedindo que agisse assim de se não effectuar o desconto de suas letras. Creio que os tribunaes inglezes lhe deram sempre razão.

Depois de 1870 viveu Elisa, algum tempo em Boulogne-sur-mer, conta Von Wersen. Diz-nos o Dr. Godoy que mais tarde transferiu a residencia para Paris. Apezar dos grandes prejuizos (?) ainda muito lhe restava, mau grado o confisco que dos bens de raiz averbados em seu nome e no de Lopez fizera o novo governo paraguayo por decreto de Maio de 1870.

Em Paris consumiu os restos dos despojos roubados ao infeliz e heroico Paraguai, a quem havia sido inenarravelmente funesta, e alli falleceu, em fins de 1888, nas visinhanças dos sessenta annos.

«Murió completamente pobre, después de haber despildorado los injen- tes recursos que le entregó Lopez, relata o historiador paraguayo, pues apesar de las docientes mil libras esterlinas que le robó el medico Guillermo Stew- ward, ella quedaba todavia con una fortuna que non fué capaz de conser- varla para sus hijos. La señora Lynch poseia propriedades en Paris: una soberbia casa en la que daba regias recepciones samanales. Mas tarde realizó sumptuosos viajes per el Oriente, etc. . . .»

Assim, acima de tudo, corteza até a raiz dos cabellos, dominada pelo conjunto desses sentimentos que formam a alma obscura das hetairas, tão cupida quanto prodiga, megalomaniaca e despreoccupada da sorte dos seus, ferozmente egoista, insensivel ao remorso, sectaria irreductivel do *après moi le déluge*, coube a Elisa Lynch uma ultima prova de carinho do insonda- vel destino.

Desapareceu, exactamente, quando os recursos pecuniarios lhe iam inteiramente faltar e um ultimo trecho de vida se lhe antolhava terrivel, para quem, como ella, tinha descommunaes appetites de dinheiro e ostentação.

Versada nas literaturas como era não lhe seria certamente desconhecida o famoso livro precautorio de *philosophia* balzaciana sobre o esplendor e a miseria das mulheres de sua categoria. Apezar de tudo, jamais pudera re- frear os instintos . . . Assim lhe veio a morte poupar muito desgosto e muita humilhação insupportavel . . .

AFFONSO d'E. TAUNAY.



CINCO ANNOS NO NORTE⁽¹⁾ DO BRASIL

Notas á margem do Relatorio do
Dr. Arthur Neiva sobre o Norte.

«Já na Historia Naturalis Brasiliae, de Piso e Marcgravius se encontram referencias á grande quantidade de plantas das rejiões secas e, á pag. 262 da edição de 1648, acham-se alusões aos rios secos, em contraste com o «Flumen unicum nobile est in hisce regionibus, vulgo Rio S. Francisco», etc., o que talvez constitúa o primeiro documento alusivo á secca.» Dr. Neiva, pag. 78.

A «secca» em o nordeste brasileiro, é uma questão secular, e que se não pode prever até quando durará. Até hoje, quasi todo o trabalho feito para minorar um mal tamanho, tem sido em vão. A razão é simples: num problema, como este, em que o bater do malho deveria ser a nota predominante, ouve-se o rabiscar da pena: em vez de trabalho — burocracia.

A «secca» de 77, para não falar em outras, foi uma calamidade. Maior parte, senão todos os cearenses grisalhos que conheço nos Estados limitrophes ao Ceará, como por exemplo, Piauhy, quando se lhes pergunta de onde são, respondem: «Cearense: sou de 77». Isto significa: Sou um dos desgraçados que ainda tiveram a felic-

(1) Vide numeros de Janeiro a Maio.

cidade de escapar áquella grande tragedia, em que se morria de fome pelas estradas, onde se encontravam os filhinhos sugando os seios das suas mães já cadaveres.

Depois de 38 annos, o flagello se repete! Que fizemos, nesse longo periodo de quasi 4 decadas, para evitar, ou ao menos attenuar as enormes proporções da hecatombe? Nada, ou quasi nada! Uma cousa, em verdade, fizemos, e foi gastar muito dinheiro. Emtanto, muito poderíamos ter feito, pois, diante do trabalho continuo e bem orientado, poucos são os problemas que se não podem resolver.

Os norte-americanos transformaram grande parte das regiões aridas da California, em sólo productivo; sanearam a ilha de Cuba, dando um golpe de morte á famigerada febre amarella e finalmente ligaram os dous oceanos — o Atlantico e o Pacifico. Alguem dirá: «os norte-americanos têm muito dinheiro, e por isso, tudo se lhes torna mais facil». Se sommarmos o que já se gastou com a «secca», veremos que é uma chuva de ouro.

Os ultimos dias de 1914, com o céu limpido, de um lindo azul, começaram a encher de inquietação os moradores da «zona secca». Em março de 1915, fui visitar o Ceará. Quando no céu apparecia uma nuvem, todos os olhos se dirigiam para ella, supplices, á espera de uma pouca d'água. De repente ella se desfazia e o céu se mostrava, outra vez, serenamente azul, então, o cearense credulo, com seu «bentinho» pendurado no pescoço, cerrava os punhos, com os olhos fitos na aboboda celeste, estremecia todo num gesto colerico, como se lhe passasse pelos musculos uma corrente electrica, e arremessava uma imprecação contra Deus e sua obra! Vinha em breve o arrependimento e com os olhos razos de lagrimas, contricto, pedia perdão, e cifrava a sua esperança na «passagem do equinoxio»...

Vã esperança de um povo desolado: a «secca» continuava na sua marcha progressiva.

Quiz ver o que estava fazendo, que serviços estava prestando, o gigantesco açude do Cedro, e dirigi-me para a cidade de Quixadá. De Baturité, em diante, tudo indicava que a «secca» estava em pleno dominio: naquelle paizagem de galhos secos, somente as folhas verdes do joazeiro diziam que a vida ainda ali era possivel.

Já cançado de ver tantas arvores mortas, consolava-me com a idéa do quando havia de ver em Quixadá. Um dos maiores açudes do mundo, que é o açude do

Cedro, em Quixadá, certamente estava, naquelle momento angustiosos, derramando as suas aguas sobre vastas áreas de terra cultivada. Dura desillusão: quando cheguei á cidade que se orgulha de ter tal obra d'arte, encontrei pouca terra cultivada, pouquissima mesmo. Emtanto, a falta de forragem estava matando as proprias vaccas dos estabulos. E para cumulo, um rego d'agua transbordava atra-vez da cidade... Perguntei ao distincto collega e intimo amigo Grover Pyles, que riacho era aquelle; e elle respondeu: — não é riacho, é o rego d'agua do açude!

Muitas fazendas já haviam «fechado a porteira», e os proprietarios, alguns, de mil cabeças de gado, eram levados, uns ao suicidio, outros á loucura. Na pharmacia da cidade tive occasião de falar com um fazendeiro que estava desesperado: «Estou plantando capim dia e noite, lucto desesperadamente, e no eintanto o meu gado está morrendo». Perguntei-lhe: é agora que o senhor está plantando o capim para o gado prestes a morrer de fome? Bem sei que não é este o momento mais propicio para conselhos, mas, permitta-me que lhe diga: «no tempo das vaccas gordas, é que se deve lembrar do das vaccas magras.» Se ha tres mezes, o senhor tivesse tomado essa resolução, talvez, agora o seu prejuizo fosse muito limitado.

Este facto mostra bem a psychologia do povo dasquellas regiões. Esperar a «secca» ahi, deveria ser a coisa mais natural deste mundo, pois, ha seculos que a «secca» vem flagellando o nortista, e apezar disso, o «inverno sem chuva» apanha sempre o homem desprevenido — é uma supresa.

Notando a grande área inculta que pode ser irrigada pela agua do açude do Cedro, disseram-me que pertencia a pessoas ricas, e que não a cultivavam e não a queriam vender. Este caso deveria ser resolvido pelo governo de Fortaleza, pois é um crime deixar incultas áreas enormes, quando ha necessidade de alimento para o povo e agua armazenada, que custou uma fortuna, sem ser aproveitada. O hectare de terra não cultivado que pudesse ser irrigado pelo açude, ou melhor, pelos açudes do Ceará, pagaria um imposto tal, que o proprietario ou o venderia, ou então, o tornaria productivo.

O papel que os açudes representam, não é aquelle para que foram construidos. No rigor da «secca», os desgraçados camponios emigram para os açudes e se instalham em torno delles, ali pescam, lavam roupa e fazem tudo emfim naquelle agua represada, dando isso, como resultado final, a infecção da agua, que se transforma

em vehiculo de molestias infecciosas, e que de mãos dadas com a «secca», vae fazer tombar sem vida aquelles corpos depauperados.

Em junho de 1915, tive a oportunidade de encontrar um «bando de retirantes» piauhyenses, de Picos, em demanda de logares onde o céu fosse mais clemente. Às 7 horas da noite passei por elles: estavam «arranchados», os pobres retirantes, debaixo de umas arvores, á beira de uma lagôa. Os homens «tarrafeavam» na lagôa, as mulheres accendiam o lume e as creanças choravam de fome... Nesse «pouso» enterraram uma creança.

Quando a fome e a impunidade do sertão, justificariam um assalto ás cargas que eu trazia, humildemente limitaram-se a pedir uma esmola. Fiz o que pude. No dia seguinte, a um e dois de fundo, irregularmente, marcharam todos, homens e mulheres, a pé, velhos e creanças a cavalo, levantando uma nuvem de pó que encobria os que iam na rectaguarda. Pobre gente! Nunca mais pude me esquecer de tal quadro.

O problema da «secca» em o nordeste brasileiro, deve-ria ser a maior preocupação dos brasileiros. A não ser assim, então, o governo que prohiba que se habite essa zona, que tantos desgraçados tem feito.

Quem o não conhece, não pode fazer idéa do que seja o Açude do Cedro. Montanhas enormes de pedras, ligadas por diques colossaes, circumscrevem uma grande área formando um reservatorio d'agua que pode figurar entre os maiores do mundo, e que até agora se não encheu completamente. Ponha-se de lado o facto da capacidade ser muito maior do que a quantidade de agua que ahi se poderá collectar; antes perder-se pelo muito do que pelo pouco...

Os paredões são muito bem feitos, luxuosamente bem feitos, chegando mesmo, em pleno interior do Ceará, a dar impressão de que se está vendo o passeio da Avenida Beira-Mar, do Rio. Não lamento que se tenha gasto tanto dinheiro em pleno matto. O que é triste, para quem vê o sofrimento desse povo, é que tudo isso seja quasi imprestavel, sómente por falta de um serviço bem organizado. O açude poderia transformar muitos kilometros quadrados de terra inculta, em roças grandemente productivas; e o Quixadá poderia ser o celleiro de uma boa parte do Ceará. Não conheço os outros açudes, mas a julgar pelo do Cedro, «que é o bicho», o mais importante no Estado, os outros, que é que farão?

Os norte-americanos, em certas zonas aridas da sua

grande patria, viram que só se desenvolvia um arbusto que dava uma pequena flôr. Pois bem: elles favoreceram de tal forma o desenvolvimento, a propagação do arbusto que, em breve tempo, cobriram aquellas feias regiões com um tapete lindamente florido. Qual o vegetal que resiste aos longos periodos de «secca»? E' o joazeiro. Nesse caso, já deveria haver em diversos pontos do Ceará, (quem diz Ceará, diz tambem zona em que as condições climaticas são as mesmas) hortos florestaes modestos, afim de se cultivarem e distribuirem aos interessados, mudas de joazeiro, faveiras e de cactus.

Se uma floresta de joazeiros, tão sómente de joazeiros, cobrisse o sólo que agora está vestido de vegetação arbustiva, outro, muito outro, seria o futuro do Ceará. Em Quixadá vive um horto florestal fundado pelo notável botanico Dr. Löfgren, quando por lá passou, estudando o problema das «seccas». Não quero discutir se o referido horto preenche os fins para que fôra criado; mas direi que elle deveria ter fomentado a cultura dasquelles campos que encontrei incultos, ensinando a molhar as plantas com a agua do açude.

Em vez de se preocupar com o problema zootechnico, inopportuno, teria sido muito melhor que espalhasse cactus, eucalyptus, de que lá havia uns canteiros, e sobretudo, tratasse de cultivar o joazeiro, e que distribuisse mudas de todos, amparado por uma lei que obrigasse o fazendeiro a plantar um certo numero de pés.

A cultura das cactaceas, como por exemplo, a do genero *«Opuntia»*, é de uma importancia que salta aos olhos. O que admira é como ainda se não saiu do terreno das experiencias nos hortos. O proprio director do horto florestal de Quixadá, num artigo publicado no «Brazil Agricola», de junho de 1917, diz textualmente: «Por prática e pelas informações, tenho visto pés de *«Opuntia»* produzirem, nos climas considerados mais propicios, de vinte a trinta kilos de forragem por planta em dois annos; no Ceará encontrei o clima tão favoravel a essa cultura que, como se pode verificar, sobre cem plantas, setenta produziram 190 kilos de palmas cada uma, dentro de dois annos, deixando ainda grande quantidade de palmas boas para reprodução. O clima do Ceará, quero dizer, o clima das zonas criadoras do Nordeste, é o mais indicado para esta cultura e não ha clima no mundo mais favoravel. As nossas experiencias o demonstram.»

Porque, então, essas «zonas criadoras», já não estão cobertas de *«Opuntia»*?

Percorrendo o norte, tenho notado que ha um mau aproveitamento do auxilio que a União dispensa áquellas regiões. A malfadada politica penetra em tudo, inutilizando esforços que poderiam redundar em benefícios seguros para o povo. Apparelhos, machinas para a perfuração de poços e construcção de açudes encontram-se completamente abandonados, comidos pela «ferrugem».

E' muito commum isto: chega uma commissão contra isto ou contra aquillo, numa dada villa ou cidade nortista. Nos primeiros dias ha grande animação e trocas de visitas; os jornaes dão longas e esperançosas notícias. Os mechanismos sahem das caixas e vão para o campo. A installação é quasi sempre mal feita, porque os funcionarios, com raras excepções, não têm competencia: são afilhados de politicos da terra, ou daquelles que estão com assento nas casas do Congresso. Ha um simulacro de trabalho; de repente, sem o povo saber porque, tudo pára. Falta de verba na Delegacia? Pois o governo não sabe que a patriotica commissão está no campo de acção? E' o chefe que precisa dar andamento aos papeis, aprontar o relatorio? Como quer o governo que a commissão «chupe canna e assovie ao mesmo tempo»? Emfim, a commissão que tanto desejava trabalhar, arruma as malas, e lá ficam as machinas abandonadas, soffrendo a acção do tempo, como uma eloquente prova de que mais um esforço foi perdido.

Na agricultura é o mesmo, ou peor; mas é preciso que se diga que a culpa, em grande parte, cabe á burocracia de certa repartição que deveria ser puramente prática, e não o é. Installa-se um horto florestal, por exemplo: muitas machinas e funcionarios. Se o director não tem muito entusiasmo, deixa-se lá ficar até que o horto soffra uma reforma, ou seja extinto no anno seguinte, por falta de verba, sem nada ter produzido. Quando o director se interessa, tem que lutar sobretudo com a falta de verba na Delegacia que, ás vezes, não tem dinheiro para pagar, ou quando o tem, aguarda aviso do Rio, que não chega. A oportunidade, em agricultura, como em outras coisas da vida, é uma grande coisa. Alguem já a definiu assim: «Hoje, um fructo sazonado, amanhã, podre e não presta mais». E muitas vezes ella é perdida, e lá se vae um anno de trabalho, só porque a verba não chegou na occasião da semeadura, ou por falta de aprovação, da parte do Ministerio, de medidas urgentes. Como resultado final, vem a completa descrença, da parte do povo, por tudo quanto cheira a serviço do governo.

Os funcionários que andam pelo interior, quantas vezes têm que ouvir dictos maliciosos dos que se estão burlando da acção do governo federal.

A primeira vez que sahi para o Norte, fazendo parte de uma commissão que ia trabalhar no Piauhy, em palestra com o commandante do vapor do Lloyd Bras., tive de lhe ouvir as mais asperas recriminações ao Ministerio da Agricultura — «Para que servem os hortos florestaes, porque o governo está gastando tanto dinheiro com isso?» Deixei que S. Exc. se expandisse á vontade. Depois retruquei-lhe: — «E' verdade, senhor commandante, tem V. Exc. muita razão. Os hortos florestaes não valem mesmo nada, e nem mesmo podem valer, pois uma repartição federal, que se deveria interessar pelo progresso da nossa patria, que tem homens como V. Exc. que se mostraram indignados pelo desperdicio do dinheiro publico — o Lloyd Brasileiro, traz a bordo de um seu navio (e apontei, indicando o logar) umas mudas de essencias florestaes, que o Horto Botanico do Rio, produziu gastando muito dinheiro, justamente no peior ponto, junto á chaminé, e até agora não receberam uma só gotta de agua, a não ser da salgada pela manhã, quando a maruja faz a baldeação! E' por isso, que nada dá resultado em nossa patria.» O grupo que escutava essa palestra, lançou um olhar ás mudas de eucalyptus, e um silencio, um pouco prolongado, parece que veiu dar razão ás minhas palavras.

E' por falta desse patriotismo que o nordeste é barbaramente flagellado pela «secca», com todo o cortejo das desgraças que assaltam os pobres habitantes do norte.

O norte offerece problemas importantes, taes como «secca», vias de communicação e transporte, que dependem dos cofres do Thesouro Nacional; culturas do algodão, mandioca, industria pastoril, fibras e aproveitamento das sementes oleaginosas, que representam maior fortuna que o café em S. Paulo.

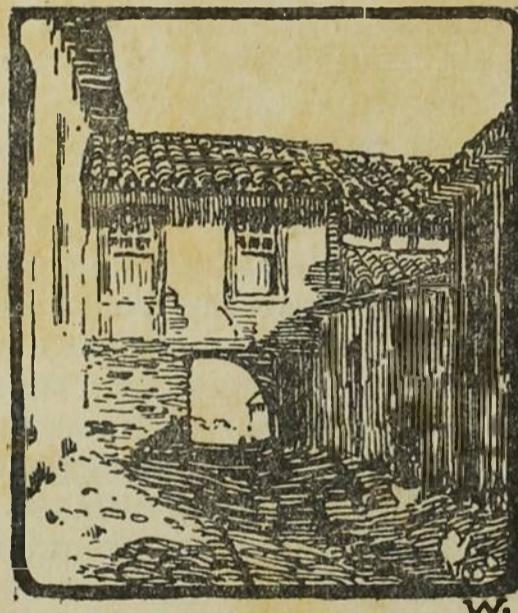
Só a exploração dessas ultimas — fibras vegetaes e sementes oleaginosas, poderia contribuir para os gastos que se tenham de fazer em beneficio do Norte.

Se o governo reservar metade do dinheiro destinado á immigração em proveito do nosso sertanejo, com alguns annos de acção continua, terá fixado o trabalhador agrícola, melhorando as suas condições de vida, tornando-o um factor do progresso nacional. Por que gastar dinheiro com trabalhadores estrangeiros, quando os temos aqui, bons e fortes, simples, disciplinaveis, e que só não prestam serviço porque jazem no mais completo abandono?

Geralmente os paes têm carinhos especiaes para os filhos desprotegidos da fortuna; o áleijadinho, o rachitico, têm, mais do que os outros que são fortes, os cuidados extremos dos corações de seus paes. Assim também deveria fazer o governo da União: a sua constante preocupação deveria ser o Norte.

Os Estados do Sul, como por exemplo S. Paulo, podem prescindir das constantes vistas da União, pois, o progresso nelles têm tal velocidade, que continuará a correr por si mesmo, em marcha acelerada, sob os cuidados de seus estadistas.

FRANCISCO IGLEZIAS.



São Paulo visto de aeroplano

(PARTE CENTRAL)

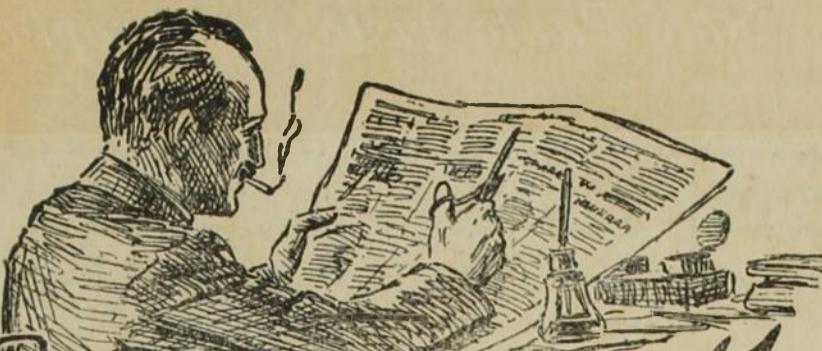


Photographia do tenente observador
Dorsaud, a primeira a ser obtida de
um aeroplano sobre a capital paulista

São Paulo visto de aeroplano



Photographia do tenente observador Dorsaud,
quando voou sobre S. Paulo a bordo do aero-
plano pilotado pelo Capitão Verdier.



Resenha do Mês

VIDA NACIONAL

De 15 a 15

Maio, 15 — Foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras o sr. Domicio da Gama.

17 — Em sessão da Associação Commercial do Rio de Janeiro ficaram definitivamente assentadas as bases de um Tribunal Arbitral, para decidir as dudas na interpretação dos contractos mercantis.

19 — Chegou á ilha Fernando de Noronha a Divisão Naval Brasileira, que estivera em operações de guerra. — O Tribunal de Contas autorisou o registo do credito de 500 contos para obras contra as secas no Nordeste.

20 — O Prefeito do Distrito Federal mandou que fossem daldos á publicidade todos os documentos da Independencia existentes no Archivo Municipal, entre os quaes está o celebre *auto do «Fico»*.

21 — Foi publicada a proposta orçamentaria da Republica, para 1920, dando uma receita geral de..... 107.613.049\$440, ouro, e 394.597.000\$000, papel.

23 — Foi lida, na Camara Federal, uma representação da Camara Ecclesiastica favorável á revogação ao artigo do Código Civil que prohíbe o casamento de tios com sobrinhos.

24 — O sr. Ruy Barbosa realizou no Rio a sua annunciada conferencia ás Classes Militares.

25 — Falleceu o sr. ministro Canuto Saraiva, do Supremo Tribunal Federal.

28 — O governo federal concedeu permissão a Andley Page Ltd. para estabelecer o serviço de transporte de passageiros e cargas por meio de aeroplanos e hydroplanos, entre as principaes cidades do Brasil.

30 — Foi fundada no Rio a primeira filial das «girl guides».

31 — A Academia Nacional de Medicina realizou uma sessão em homenagem á memoria de Miguel Pereira.

Junho, 1 — Falleceu o marechal Bernardino Bormann.

2 — Realisou-se na Academia de Letras a recepção do novo academico dr. Miguel Couto.

4 — Rebentou um movimento anarquista na Bahia.

5 — A Academia Brasileira de Letras realizou uma sessão de saudade a Olavo Bilac.

7 — O presidente da Republica decretou luto official por tres dias, em virtude da morte do presidente do Paraguai.

9 — Fundeu na Guanabara a Divisão Naval Brasileira que estivera em operações, na Europa.

10 — O secretario da Fazenda de

S. Paulo poe á disposição da União, em nome do governo paulista, os fundos provenientes da indemnisação que o Estado terá de receber da Alemanha em virtude do tratado de paz.

Os mortos do mês

MINISTRO CANUTO SARAIVA — O Ministro Canuto Saraiva, falecido a 25 de Maio, no Rio, era o protótipo do juiz e, no dizer de seus íntimos e collegas, nascera para ser magistrado, e, de facto, conseguiu fazer o seu nome respeitado como o de um dos mais integros e cultos expoentes da carreira que abraçou.

De uma feita, em Araraquara, exponz a vida para evitar o lynchamento de um réo confiado á sua guarda.

O saudoso estadista Prudente de Moraes, quando desejava qualificar a importância de uma questão, dizia: — «Esta é uma causa para ser julgada por um Canuto Saraiva.» E Campos Salles, quando presidente de S. Paulo, para informar-se da justiça em certos feitos, perguntava: — «Como votou o Canuto?»

Amigo íntimo de Piza e Almeida, que foi Juiz de Direito na comarca de que o illustre morto foi Juiz municipal, substituiu-o no Supremo Tribunal Federal, a convite do Presidente Affonso Penna que, pouco antes, nomeara para identico cargo o Ministro Pedro Lessa.

Filho legitimo do Major Joaquim José Saraiva e d. Leopoldina Maria Saraiva, nasceu o Ministro Canuto Saraiva a 23 de Setembro de 1854, em Arêas, Estado de São Paulo. Formou-se em Direito, em S. Paulo, em 1875, iniciando nesse mesmo anno, em sua terra natal, a advocacia, sendo pouco depois nomeado promotor pu-

blico de S. José dos Campos. Em 1877, passou a exercer o cargo de juiz municipal de Piracicaba até 1881, sendo então, nomeado vereador, eleito vice-presidente da Camara Municipal daquella cidade.

Nomeado em 1887 juiz de direito de Araraquara, exerceu essas funções até 1892, quando foi nomeado membro do Tribunal de Justiça de S. Paulo. Em 1908, quando se achava na presidencia desse Tribunal, foi convidado para o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal, cargo que ocupou até a sua morte.

MARECHAL BORMANN — Perdeu o Exercito Nacional uma das suas figuras de maior destaque, o Marechal Bernardino Bormann.

José Bernardino Bormann nasceu a 4 de Maio de 1844, e faleceu a 1.º de junho, com 75 annos, portanto, depois de uma vida activa e brilhante, tendo-se salientado por actos de bravura nas batalhas do Paraguay.

Assentou praça aos 11 de Fevereiro de 1862. Aos 18 de Janeiro de 1868, com vinte e quatro annos, foi feito 2.º tenente e aos 14 de Abril 1871 foi promovido, por bravura, a 1.º tenente. Em 1871, passou a capitão graduado e em 1872 a efectivo. Em 1885 recebeu os galões de major e em 1890 os de tenente-coronel. Coronel graduado em 1892, foi confirmado como efectivo em 1893 e, em 1899, recebeu as estrelas de general de brigada. Em 1908 foi provido a general de divisão e, em 1911, reformou-se no posto de marechal. Pertenceu ao estado-maior, na Escola Militar cursou mathematica e sciencia physica, e se bacharelou nessas matérias.

Na guerra do Paraguay, de que foi

depois dos mais documentados historiadores, foi um heróe. Ferido gravemente em Curupaty, recebeu as medalhas de mérito militar, a da campanha do Paraguai pelo Brasil, Argentina e Uruguai, a da rendição de Uruguai, a de serviços prestados à humanidade e a de ouro por serviço militar. Foi também cavaleiro das Ordens de Rosa, de Christo e S. Bento de Aviz.

Exerceu importantes missões militares, tendo ido em comissão diversas vezes à Europa. Na presidência do Sr. Nilo Peçanha sucedeu na direção do Ministério da Guerra ao Sr. Marechal Carlos Eugenio de Andrade Guimarães e assim foi ministro de 16 de Outubro de 1909 a 15 de Novembro de 1910.

Era também escriptor e historiador. Publicou um romance histórico, *Os Annaes de D. João III de Portugal*, estudos sobre o *Marechal Duque de Caxias*, sobre *Photographia Militar*; mas as suas obras mais importantes, que serão sempre consultadas, são as que dedicou à guerra com o Rosas e à guerra do Paraguai. Há nesses livros muita observação, e muita documentação, além de um ponto de vista exclusivamente brasileiro e de reminiscências pessoais muito interessantes.

• • •

Artes e artistas

A. NORFINI — Alfredo Norfini é um dos raros aquarellistas que expõem no Brasil, onde o gênero commun da pintura é o «a óleo», mais tentador dos principiantes, porque mais fácil, e mais proveitoso aos artistas feitos porque nelas podem dar largas aos efeitos de *atelier*, para o grande público.

Bastaria este particular de insistir

num gênero de pintura difícil e delicado, para que Norfini se recomendasse como um artista sincero, capaz de estudos de verdadeira arte.

Na sua ultima exposição figuraram alguns trabalhos dignos, realmente, dos melhores encomios. *Água Funda*, *Paisagem Paulista* e *O Gigante Morto* são quadros de uma beleza rara, já pela harmonia da composição, já pela execução aprimorada. Na *Paisagem Paulista* há demais, talvez, as figurinhas do segundo plano, que o deixariam melhor ausentando-se dali; nas outras aquarellas citadas, porém, há uma viveza de transparência de colorido como poucas vezes se vêem em pinturas do gênero. Em *Gigante Morto* há ainda a notar-se a força sugestiva que dá ao observador a grande árvore arrancada que lhe serve de tema.

Destes principais quadros de A. Norfini damos algumas reproduções nas gravuras do texto.

• • •

A alma de Arinos

A obra de Affonso Arinos é a representação perfeita da sua alma. Doutrina Descartes que a alma é o pensamento, diria que a alma é o insamento e assevera Bergson que é a memória; eu, se não temesse o paracíntense. As excitações, externas ou internas, à medida que são sentidas, deslizam para um tabernáculo, onde também vêm se agrupar as que não chegam ou quasi não chegam à percepção, e umas e outras aí jazem por tempo indefinido, no limiar da inconsciência, como esquecidas ou dormentes. Que não morrem prova, entre milhares, o seguinte caso registrado por Carpenter: uma menina abandonada é recebida por caridade na casa de um pastor protestante, que tinha o hábito de passear de meio a meio de um corredor, lendo em voz alta textos gregos e hebreus da bíblia, ao que ella prestava a mesma atenção que

nós lhe prestariamos; pois um dia, já adulta e vivendo em outras paragens, é presa de alta febre, e elle agora em delírio a declamar fragmentos desses trechos, tão mal ouvidos e tantos annos hibernados. Em Jorge Soares, typo admirável de paranoico, Coelho Netto se aproveita do mesmo conceito para desenvolver as alucinações da psychose. E' este vasto fundo do inconsciente, o qual pela quietação parece antes um sepulcro, que governa os actos mais conscientes, mais deliberados, mais voluntários e os juiços mais seguros; é elle que guarda o segredo das nossas inclinações e corporifica a nossa personalidade psychica; nelle se nutrem os sentimentos e se amassam as idéas, a tal ponto, que seria lícito dizer que estas sobem quasi elaboradas do subliminal á consciencia, e que a propria imaginação creadora não passa de mera metamorphose. Neste subconsciente dynamico, accumulador de material e fonte de energia, reside o ser authentico, muito cioso do seu livre arbitrio, mas realmente escravo de todas as suas antigas sensações sedimentadas. Fóra disto só ha os individuos morbosos e os artificiales, os de romances, como as diversas personagens do bovarysmo, ou esse gentilhomem feito ás pressas, Monsieur Jourdain, todo atrapalhado no ensaio da sua declaração *Belle marquise. vos beaux yeux me font mourir d'amour.*

Que são em Arinos as suas fugas para o Interior, as suas deambulações irrentráveis senão actos de um automatismo psychologico mal policiado, e que é a sua obra capital senão a revivescência das sensações exclusivas e iteradas, vertidas dia a dia no seu eu subconsciente, por longo tempo isento de outras? Quando novas, de genero diverso, vieram chegando pelo estudo, pela experientia, pela observação activa, já aquelle se achava, por assim dizer, acogulado, e era uma força occulta que dirigia esses estudos em um dalgum sentido, isto é, no seu sentido. Como todo homem de letras, Arinos devorava livros pro diversão e gaudio do espirito, mas de facto só cultivou com afincado a Historia do

Brasil... colonial, porque era essa a vibração externa que afinava com a interior, mysteriosa, profunda, impalpável, e só do unisono resultante lhe poderia advir a emphoria moral que todos procuram no trabalho.

Dahi nasceu a tradição do seu patriotismo excepcional, do seu nacionalismo obsidente, jungida ao seu nome como um synonymo e tão indiscutivel como um verseto. Que fez Arinos para o amarrarem a essa lenda? Cantou e contou, como ainda ninguem, os sertões de sua terra, — como se o Brasil estivesse exclusivamente nas suas seivas e nos seus campos e não também nas suas cidades e nos seus mares, e como se o ideal de uma patria grande, prospera e invejada se realizasse no Brasil crystalizado nas suas mattas e nas suas furnas, nos seus indígenas e nos seus caboclos! Não, não façamos esta injustiça a Affonso Arinos; o seu sertanismo estava sómente na sua subconsciencia, e não penetrava no pallium augusto senão para receber a forma lapidaria da sua prosa, e lá da velha Europa, onde costumava se acolher, tendo da patria a essa distancia uma visão esferica, como diria Mario de Alencar, elle só a desejava cada vez mais espessa na crosta de civilização que a reveste. Sem admittir com Flaubert, que o pensador não deve ter nem crenças, nem patria, nem nenhuma especie de convicção social, estou em afirmar que se a obra de Arinos obedecesse a uma segunda intenção, por muito digna como a do patriotismo, mas subtrahida da espontaneidade fecunda que lhe deu o sopro, certamente não seria essa que admiramos. Patriotismo é cada um trabalhar no seu oficio com a maior fé; tão bom patriota é o soldado que dá á patria o sangue, como o operario que lhe dá o suor, o sabio, cujo nome se projecta na sua historia, como o lavrador para sempre ignorado, o artista que a envolve no seu genio como o escriptor que sóbe com ella aos visos do pensamento. Arinos parece maior patriota porque servindo á patria com as suas letras a serviu com tão intenso amor, que ao cabo, tanto-

elle se orgulhava della, quanto ella do seu filho; e se o regionismo atravessa toda a sua obra é que nunca lhe abandonou o cerebro aquella menina de Carpentier a avivar nelle o hebraico e o helenico das sensações da sua infancia.

Uma vez, numa das suas romarias de longas jornadas, acompanhado de rhapsodos e tocadores, deparou já ao cahir da noite um enorme jequitibá, — a que chamava a cathedral das florestas, — em cujo tronco se abrira uma grande cava; então o bardo Cattullo, nella penetrando, declamou planamente uma ode heroica á natureza mater, enquanto o violeiro Pernambucano, — entre todos os da fama famosissimo — dedilhando as primas e o bordão, improvisava um hymno á lua, que vinha timida, esquiva, vagarosa, se esgueirando por traz das frondes do arvoredo. Era demais; descobrindo-se e pedindo silencio, Arinos cahio numa especie de extase, que durou enquanto não se perdeu além das serranias o ultimo éco do improviso ceremonial.

Este sentimento arrancava tão profundamente da sua alma, que, por mais infantil que parecesse, a todos infundia respeito; nem elle era capaz de brincar ou consentir que brincassem com estas cousas. Como todo o crente, desejava impôr a sua crença á força de propiciação. Dias depois da série de conferencias sobre lendas e tradições brasileiras, numa das quaes fez representar em scena aberta o auto da Nau Catharineta, offereceu no seu palacete á alta sociedade paulistana um baile da maior sumptuosidade e requintada opulencia, e a meio da noite, quando os salões regorgitavam das mais bellas damas, cujos alvos colos nus desappareciam sob roças de perolas em constellações de diamantes, e homens enfarpelados em irrepreensiveis casacas se hombreavam, entrou uma turma de legitimos e retintos caboclos, de chapéos na cabeça e sem collarinhos, para dançar o verdadeiro, o classico, o incorrupto *cateretê*, e ao se retirarem deste quadro, no qual não sei se o poeta das Georgicas ainda acharia que «a purpura d'As-

syria não altera a brancura das lás», elle proprio, com aquella sua linha finamente aristocratica, os conduziu até ao tope da escada, apertando a mão de cada um. Neste aperto de mão ia uma renuncia ostensiva, um repto de desrespeito do fiel ao chamado respeito humano.

Amado por esta fórmula o sertão, tendo o estudado tanto e ainda melhor o descripto, ninguem jámais viu Arinos, nos seus livros, nos seus artigos, nas suas conferencias, defender ou, sequer, insinuar uma idéa de progresso para essas terras abandonadas e essas gentes primitivas. Era medo que pegasse. Ramalho Ortigão repetir-lhe-ia a apostrophe que lhe coube na deleitosa ficção de *Fradique Mendes*: «Você é um monstro, Fradique. O que você queria era habitar o confortavel Pariz do meiado do seculo XIX, e ter aqui, a dous dias de viagem, o Portugal do seculo XVIII, onde pudesse vir regalar-se de pitoresco e de archaismo... Confesse que é o que você queria.» Na Europa ocupada palmo a palmo pelo homem, Arinos se consolava da monotonia do bulicio percorrendo velhas cathedraes e afundando-se nos museus e antiguidades, que são como florestas larreadas nas civilizações; mas, aqui, sem seu sertão integral, desde o indigena silvano até o sólo agreste, onde desabafar as suas tristezas? onde afogar as suas saudades? onde se defender dos homens? onde reconstruir o seu altar? Se elle o sonhasse, esse sonho seria um pesadelo, do qual saharia em atordoamento onirico para tomar o seu fogoso Sultão, e a toda brida atravessar cidades e cidades infindas, chorando a catastrophe suprema e irremediavel.

DR. MIGUEL COUTO (Do discurso de recepção na *Academia de Letras*).

•••

Revistas e Jornaes

Psychologia brasileira do carácter

Que é, no Brasil, um bom carácter? Antes de tudo, cumpre assignalar que no Brasil é difficil encontrar um cidadão que reuna quanto aos

seus attributos moraes a unanimidade das acclamações que, ás vezes, cerca o seu talento. Reina entre nós a abusão de que é raro o homem de grande talento que tenha bom caracter. Como corollario disto, tem-se até estabelecido que não ha espirito superior que possa servir para governo. De uma maneira geral, o que nós prezamos e preferimos na direcção dos negocios publicos é o temperamento ponderado, a mediocridade serena e polida, as virtudes medidas e seguras. Escreve-se com frequencia que os homens de grande valor têm provado mal na administração. Com o auxilio da logica mais comesinha se verifica quanto têm de pueril esses postulados, pois a tarefa de governar não pode deixar de exigir entre nós, como exige nos outros paizes, talento, visão alta e larga, força de alma e cultura. Havemos de concluir, porém, como tenho concluido de uma longa e silenciosa observação, que a noção popular desse apparente dissidio entre o talento e o caracter corresponde a um modo de raciocínio particularmente brasileiro, talvez herdado de Portugal. Vem desde a monarchia. Já nos seus começos, Bernardo Pereira de Vasconcellos deu pretexto a que os seus admiradores dissessem delle — «é quasi um genio — mas que caracter!». Anteriormente, José Bonifacio não chegara a resistir á campanha que de todos os lados se levantava contra a sua «prepotencia» e a sua «crueldade».

No reinado de Pedro II dominou o espirito publico um incontido horror por tudo que não fosse no temperamento dos homens reserva, circumspecção, soturna precaução de gestos, sobrecenho triste, labios cerrados, movimentos lentos e pausados. Montezuma, uma das maiores cabeças que teve o Brasil, o homem que, no meu entender, mais claro viu na comprehensão dos problemas brasileiros, de cujas indicações e synthese tirou mais tarde Tavares Bastos muitos dos elementos de que compoz as suas prophecias e lições, nunca teve grande prestigio porque era sujeito alegre, conversador, dizer de «bountades», ardente, brilhante, varonil. Não era bom

«caracter», no sentido brasileiro da expressão.

Apesar do sistema parlamentar se prestar mais do que o nosso ao domínio da intelligencia, note-se que, não obstante a necessidade de haver quem discutisse os assumptos e fizesse discurso, sempre se procurou conciliar as aptidões intellectuaes e oratorias com aquelle commedimento a que aludi acima.

José de Alencar, que, na minha opinião, foi o maior genio da literatura brasileira, homem politico corajoso e audaz, pamphletario mordente, nunca teve valor official, nunca logrou organizar gabinete e, para falar com franqueza, pouco foi tomado a sério como homem de Estado.

Para não citar outros exemplos, basta relembrar o retrahimento que até á ultima phase do Imperio sempre inspirou Ferreira Vianna, por seu feitio independente, pouco convencional, de ironico recalcitrante.

Que na Republica Joaquim Murtinho tenha sido ministro é um milagre difficil de explicar. A presidente é claro que não chegaria jámais. Não era um «caracter» na accepção que damos aqui a esta palavra.

O que convencionámos chamar «bom caracter», no Brasil, é o homem anodino, quasi sempre sem gosto literario ou artistico, que não briga, não tem opiniões proprias, não toma responsabilidades, sorri gravemente, cumprimenta com austeridade, procura ganhar sua vida sem aborrecer os outros, logrando na sombra de uma apparente doçura irritar o menos possivel, não suscitar reacção, seguindo caminhos abertos pelos outros, ou ficando no seu canto, com boa cara e postura socegada. Lutou, perdeu o caracter. Sujeito que fale, discuta, arremetta contra a injustiça e o que lhe pareça errado, seja humano, capaz de paixões humanas, esse, já se sabe, não será nunca, salvo excepções que circumstancias especiaes explicam, catalogado entre os homens verdadeiramente sérios, que a nossa gente sinceramente acata e respeita.

Emfim, o homem de caracter, segundo o conceito popular no Brasil,

é de uma maneira geral o homem do meio-termo, da medida curta da proporção razoável, do equilíbrio perfeito, homem com quem Molière convive e Ibsen pintou na figura daquele bailio que fez oposição a Brand.

A razão disto, se me permittem dizer, está em que em nosso paiz não se observa devidamente uma causa: é que na mediocridade, brilhando pouco as intelligencias, pouco brilham também os defeitos. No tenue crepusculo em que se esbatem os raios tibios de um espirito mediano se escondem e se dissimulam também as manchas do carácter. É raro que conheçamos as falhas de homens obscuros. O publico sempre se esquece de que sendo humanos, esses homens obscuros têm também os seus vicios. Mas como os descobrir na densidão da sombra em que as suas personalidades estão envoltas? — GILBERTO AMADO (Da *Gazeta de Notícias*, Rio).

Colonia ou nação soberana?

Eu não sei muito bem si nósfiguramos na Conferencia da Paz, como uma nação soberana ou como um apêndice dos Estados Unidos, uma espécie de mal disfarçada colonia!

Quando se diz ignorar tal ou qual couza, às vezes ha nisso um simples recurso retórico, que serve para chamar a atenção sobre o ponto que se finge ignorar. Aqui, porém, quando eu digo que não sei qual a orientação de nossos delegados em Paris, o que confesso é uma real e completa ignorância. Nenhum jornal norte-americano dá a confiança de se ocupar com as opiniões dos brasileiros...

O importante é que não continuemos a fazer poesia com a chamada Doutrina de Monroe... O caso não é, nem de filozofanças políticas, nem de erudição diplomática. Só quem esteja nos Estados Unidos, agora, verá bem qual é a orientação geral a esse respeito. E essa orientação faz medo...

O sentimento de uma nação antes e depois de qualquer guerra não é nunca o mesmo. Seria absurdo crer que a guerra passou pelo povo norte-ame-

ricano sem lhe cauzar a menor alteração do modo de pensar e de sentir.

Em todo caso, nós devemos tomar como pedra de toque para verificar si o tratado que se vai assinar merece a nossa aprovação, a resposta a estas perguntas:

«Si o Brazil ou qualquer outra nação da America quizer apelar, nas suas divergencias, para qualquer nação da Europa, não o poderá fazer?

Si o Brazil tiver alguma questão internacional com os Estados Unidos, fica sem o direito de recorrer a outra nação?»

Si a resposta for negativa, é de crer que a dignidade nacional nos leve a repelir o tratado. Ele fará de nós uma verdadeira colônia norte-americana. E é esta, no fim de contas, a mais generalizada das interpretações da Doutrina de Monroe, segundo o afirmou uma personalidade, que não se pode ter como inteiramente insignificante: o Presidente da Universidade de Harvard — MEDEIROS E ALBUQUERQUE (Do *Estado de São Paulo*).

O Brasil não poderá assignar o Tratado da Paz?

Por força do art. 88 da Constituição Federal não pode o Brasil, em caso algum, empenhar-se na guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em aliança com outra nação.

O preceito da nossa constituição está de acordo com a declaração da Conferencia de Washington de 1889, de que ficava abolido no direito público americano o princípio de conquistas e de que eram nullas as cessões de território feitas durante o tempo em que vigorasse o tratado de arbitramento, desde que se realissem sob a ameaça de guerra ou pressão de força armada.

Segundo a melhor doutrina, e tal é a seguida por Despagnet, professor da Universidade de Bordeaux, nem sequer é admissível a conquista baseada no princípio das nacionalidades, como fariam os escriptores alemães, isto é, não se justifica a propria conquista pela qual se faculta a uma população

reunir-se á maioria dos individuos da mesma nacionalidade.

Finalmente, nem o proprio Estado, ou aos proprios Estados, aos quaes se fez uma guerra injusta (é o caso da ultima guerra européa declarada injustamente pelos imperios centraes á França, Russia, etc.) é permittido anexar ao seu territorio, territorios das nações provocadoras da guerra, e vencidas afinal. (Despagnet, n. 389, do «Curso de Direito Internacional Público»).

Ora, pelo «Tratado de Paz» se realiza a annexação prohibida. E' indubitable que pelo menos as colonias e possessões ultramarinas da Allemanha passaram para algumas das nações vencedoras.

Consequentemente o «Tratado de Paz», assignado «ad referendum» do Congresso (art. 48, n. 16 da Constituição), não poderá ser aprovado definitivamente pelo Congresso Nacional (art. 34, n. 12).

A propria «Liga das Nações» não é compativel com a nossa Constituição, que no art. 34, n. 17, declara competir privativamente ao Congresso Nacional «fixar annualmente as forças de terra e mar.» O «Conselho da Liga das Nações» deverá elaborar projectos para e reducção dos orçamentos, os quaes serão submettidos a revisão de dez em dez annos. E' evidente, a antinomia entre as duas normas. Aceitando a «Liga», ficará o Congresso por esse acto seu privado de exercer uma faculdade constitucional? Poderá o «decreto legislativo» que resolver definitivamente á cerca da «Liga» revogar o preceito constitucional? Se não, a que fica reduzida a competencia privativa do Congresso para fixar «annualmente» as forças de terra e mar, quando só de dez em dez annos se pôde alterar o numero dos nossos soldados de terra e mar?

Já se vê que mesmo a «Liga das Nações», tal qual foi organisada, «verdadeiro conto do vigario», posta em logar da promettida «Sociedade das Nações», não pôde ser accepta pelo Brasil sem a reforma da Constituição Federal. — DR. PEDRO LESSA (Do *Jornal do Brasil*, Rio)

O quarto de hora de Nogi

A victoria sportiva hontem obtida por um grupo de rapazes brasileiros em luta leal e porfiada com as delegações de athletas argentinos, chilenos e orientaes despertou em toda a cidade — pode-se mesmo dizer: em todo o paiz — interesse e entusiasmo sem precedentes. O «match» foi esperado com verdadeira anciade e teve concorrencia prodigiosa; não houve sacrificios de dinheiro, de tempo e de conforto, que desanimassem os curiosos; no dizer dos populares os tres «stadia» regorgitavam — porque Zé Povinho já considera que ha tres «stadia» no Rio de Janeiro: — o do Fluminense, o do morro, que lhe fica a cavalleiro e o da Avenida, onde já é preciso chegar cedo para apanhar «logar bom» e ler facilmente os boletins dos jornaes, descrevendo o jogo. Ao anoitecer a noticia da victoria brasileira espalhou-se com a rapidez de um relampago, suscitando manifestações delirantes, em todos os bairros; o elemento mais popular da assistencia, o pessoal que observa as pugnas de longe, do alto da collina vizinha, trouxe a boa nova á cidade, desfilando a pé até a avenida Rio Branco com o pavilhão nacional, que arvorara no seu observatorio improvisado.

Havia puerilidade nesse interesse? Exagero nessas manifestações? Não. A victoria de hontem, a conquista do «Campeonato Sul-Americano de Football», tem, especialmente para o Brasil, significação muito mais elevada e auspiciosa do que a de uma simples gloriosa sportiva. Dada a nossa situação de raça ainda mal conhecida e, sobretudo, dadas as condições em que foi alcançado o triumpho sobre a «équipe» detentora da taça, elle tem o aspecto de uma prova em que damos, pela primeira vez em um certamen internacional, a medida de nossas qualidades physicas e moraes, do nosso instincto patriotico, do sentimento que já temos intenso e profundo de nossos deveres em face do Destino, da capacidade que possuimos de comprehender e realizar empresas, que dependem de longo e paciente preparo, de coopera-

ção disciplinada, de esforço sem interesse pessoal, qualidades que ha bem poucos annos nos eram negadas e que muitos dentre nós mesmos consideravam incompatíveis com o carácter nacional.

Só por isso, pelo desmentido de uma legenda desanimadora e injusta, a victoria nesse campeonato deve ter para todos os brasileiros o valor de incentivo, de um programma para o futuro, de um marco magnifico de onde partiremos com novo alento para a conquista de outros e mais valiosos louros.

Na verdade, esse mez de athletismo foi todo elle grandemente lisonjeiro para os que se interessam pela formação de nossa nacionalidade e a educação de nossa raça.

Nos «sports» nauticos, exactamente os que exigem organismos mais perfeitos e resistentes, obtivemos todas as victorias sobre nossos irmãos do Uruguay e da Argentina. Em natação, que os mestres hygienistas consideram o «sport» por excellencia, os dois maiores premios foram levantados por um homem de quarenta annos e um rapazola de dezesete.

No «scratch» de «players», que logrou, com formidável esforço, arrancar aos uruguaios o titulo de campeão da America do Sul, ha veteranos como Pindaro de Carvalho e novatos como Agostinho Fortes; ha um medico, um academico de engenharia, um estudante de preparatorios, empregados de bancos, de usinas e de casas commerciaes; ha descendentes de portuguezes, de franceses, de italianos, de allemães e de africanos. Mas todos alli eram «sportsmen», animados pelo ardor de vencer pelo Brasil, submissos voluntariamente á mesma disciplina severa e attenta para vencer; trenados no mesmo regimen de hygiene e esforço, para vencer; resolvidos a enfrentar todas as dificuldades, a supportar todos os golpes, a resistir, a todas as fadigas, para vencer.

Gloria sportiva! — dirão os pessimistas, os criticos a todo o transe. Que importa se essa victoria revelou nos rapazes brasileiros de hoje as mesmas qualidades, a mesma dedicação, a

mesma robustez de corpo e de alma, com que se disputam e alcançam outras victorias mais preciosas?

E é preciso attender ás circumstancias que cercaram esse campeonato. Os outros foram por nós perdidos por falta de preparo; todos os competentes estão accordes em affirmar que nossos «scratches» foram a Buenos Aires e Montevidéu, organisados á ultima hora, sem treino, sem uma selecção criteriosa.

O desaparecimento desses males foi a melhor de nossas victorias, porque foi um triumpho sobre nós mesmos, sobre nossos habitos de descuido, sobre nossa antiga incomprehensão da necessidade do esforço conjunto e preparado com pertinacia. Desta vez, tivemos na arena, para defender nosso nome e as cores de nossa bandeira, um conjunto homogeneo, adextrado, com pratica de agir com disciplina e methodo.

Mas, não foi o bastante. Os que nos enfrentavam tinham tambem por si todas essas vantagens e mais a de possuir-as ha mais tempo do que nós. As forças estavam quasi equilibradas e se havia desproporção sensivel, era em proveito de nossos brilhantes adversarios. Então, entrou em jogo um novo elemento: — a resistencia physica e mais ainda a resistencia moral.

Para decidir a victoria hesitante era preciso ter a coragem de esperal-a; esperal-a, resistindo, lutando, mantendo a defesa energica e a offensiva impenitosa.

O primeiro tempo do jogo deixou-nos intactos diante dos adversarios igualmente intactos; passou o segundo tempo, e uns como outros mantiveram suas posições; mas meia hora de luta, e ainda as duas «équipes» estavam invulneraveis; duas horas de jogo não tinham trazido solução ao embate. Era preciso mais outro encontro, e foi nesse que vencemos.

Dois dos maiores cabos de guerra de nosso tempo, Nogi e Foch, estabeleceram para os encontros sangrentos de guerra um mesmo principio, enunciado em termos diversos, segundo as raças que os produziram. O vencedor da segunda batalha do Marne disse: «O general vencido é aquelle que primeiro acredita na sua propria der-

rota.» O conquistador de Porto Arthur nsou de outra fórmula, dizendo: «O vencedor é aquele que tem a coragem precisa para soffrer um quarto de hora mais do que seu adversario.»

No espirito de um e outro desses grandes conductores de homens a idéa evidente é uma só. Para vencer é preciso resistir sem desanimo, até o ultimo momento.

Foi na ultima prorrogação que o nosso «scratch» triumphou, revelando os mesmos dotes com que os soldados de Nogi e Foch se cobriram de gloria immorredoura. Cabe aos educadores e aos governos cultivarem essas qualidades magnificas e aproveitá-las para as lutas que o Destino nos reservar na paz como na guerra. — (D'O Imparcial, Rio).

Sete vaccas gordas

Certo individuo encontrou, um dia, á beira de um rio, um ovo de crocodilo. Metteu-o na algibeira, atravessou kilometros de terra firme, e, ao fim da viagem, escondeu na areia do quintal a minuscula reliquia trazida de longe. Do ovo nasceu um crocodilo, que se desenvolveu e acabou, uma tarde, comendo o homem.

Ha pequenos incidentes que são, como esse, origem de grandes acontecimentos. E é desse numero, segundo alguns historiadores, o que deu ensejo, ha cincoenta annos, á guerra do Paraguai.

Nos gloriosos tempos da conquista hespanhola, Domingo Martinez de Irala, fundador de Assumpção, entendeu que a prosperidade do Paraguai dependeria, no futuro, da criação do gado.

— Quiero ir a la costa del Brasil a traer vacas! — disse.

A precedencia não coube, entretanto, mas a Ruiz Diaz de Melgarejo, que mandou buscar da capitania de S. Vicente, no litoral brasileiro, sete vacas e um touro, recebendo o vaqueiro, um tal Gaeta, pelo trabalho, uma das vacas que conduziu.

Pouco depois estava a manada de Gaeta de tal maneira multiplicada, que o capitão Martin de Orné temia a invasão do povoado pela gárdaria da vi-

sinhança, queixando-se aos interessados:

— Hay tantas vacas, cabras, ovejas, yeguas, y puercos, que es menester alejarlos del pueblo, por que van en crecimiento.

Nos fins do seculo XVIII possuia o Paraguai tres milhões de cabeças de gado vaccum; e em 1865, cerca de quinze milhões, — sendo essa fartura de recursos, na opinião de alguns commentadores, um dos elementos que mais animaram Lopez a declarar guerra ao Brasil.

E ahi está como sete vaccas brasileiras, multiplicadas no estrangeiro, concorreram para que o seu paiz de origem se empenhasse na mais violenta guerra da America.

Era o crocodilo do caminheiro, que, apóis o seu desenvolvimento, se voltava, terrível, contra aquelle que o tivera nas mãos. — MICROMEGAS (D'O Imparcial, Rio).

S. Paulo no Centenario

... O sr. prefeito no meio de uma papelada que estava a estudar, — relatorios, plantas, requerimentos, — recebeu-me com a maxima gentileza... E mal lhe expresso a intenção de conhecer o que pretende fazer em S. Paulo para a commemoração da independencia, s. exa. logo me responde:

— A commemoração, como sabe, não é nem deve ser feita sómente por S. Paulo, mas por todo o Brasil. E' brasileira e não paulista a data, de sorte que nós não podemos cogitar em realizar, por nossa conta exclusiva, as festas commemorativas. Não ha dúvida que o Ipiranga é um bairro da nossa cidade, mas o feito excepcional que alli se deu interessa a todo o paiz, e a todos os brasileiros, portanto, é que competirá a commemoração.

— Sim; é verdade. No Rio já se está tratando das festas nacionaes. Mas não faremos aqui nada para commemorar a independencia?

— Decerto que sim, mas isso não toca á Prefeitura, nem ao governo do Estado, o qual, de resto, já começou a tratar do assumpto. O que a Pre-

feitura tem a fazer é apresentar dignamente a cidade, que com certeza terá de receber innumeros forasteiros. E isso, posso garantir-lhe que será feito ...

— E v. exa. pretende realizar muitas reformas na cidade?

— Não, nem ha recursos para tanto e eu não faço reformas sem ter o dinheiro na gaveta. Mas, só com a terminação de algumas obras de embelzeamento já iniciadas, e com os retoques necessarios, aqui e alli, sobre-tudo no calçamento, S. Paulo — que já é, incontestavelmente, uma bonita cidade — estará em condições de oferecer um bello scenario ao que se fizer aqui. Como sabe, o governo já iniciou a construcção da Avenida Independencia, a qual irá do monumento do Ipiranga até o ponto de intercessão com o canal, onde começará a Avenida dos Estados, esta por conta exclusivamente da municipalidade.

— E é folgada a situação financeira do município?

— Folgada, muito folgada, não. Mas a nossa despesa vae diminuindo bastante, os nossos titulos estão com uma cotação excellente, a renda municipal aumenta sensivelmente, sendo de mais de 11.000 contos, e já não temos «deficits» no orçamento ...

— E além da Avenida dos Estados, o que pretende a Prefeitura fazer?

— O Parque da Varzea do Carmo, que não custará um vintem á Prefeitura, e constituirá o mais bello jardim da cidade, ligando-se com o do Anhangabahu', e terminando ambos no Piques, onde em breve se farão obras em torno do obelisco, de modo a pô-lo em grande destaque, a aformosseando o local. A Avenida S. João estará completamente acabada, até a rua dos Tymbiras, tendo no inicio, na Praça Antonio Prado, uma bella fonte monumental, que disfarçará a ladeira. O sculptor Zani já tem prompta a «maquette» para esse monumento que ha de ser de granito, marmore e bronze, e de lindo effeito. Tambem a rua Libero Badaró ficará, até 1922, inteiramente concluida, e até lá espero igualmente fazer a Praça de Santo An-

tonio, tão necessaria para desafogar o centro. Parece-me que, com isso, e com os reparos de que já lhe falei, teremos a cidade á altura das festas que aqui se fizerem ... — P. (D'O Estado de S. Paulo).

Jaurès

Vi-o, frequentemente, de perto. Este grande homem mostrava-se, na intimidade, simples e affectuoso. Era a mesma doçura e bondade.

De todas as faculdades que lhe concedeu a natureza, a de amar foi talvez a que elle exerceu de um modo mais completo. Ouvi essa voz terrivel que enchia o mundo com os seus echos formidaveis, fazer-se, para mim, cordial e acariciadora.

Seu saber, profundo e seguro, estendia-se além do largo circulo das questões sociaes, sobre todas as cou-sas do espirito.

Algumas semanas antes da guerra, fendo visital-o á sua casa em Passy, tão modesta e gloriosa, encontrei-o lendo no original uma tragedia de Eurípides. Seu espirito immenso repousava do estudo com o estudo e de uma tarefa com outra. Na serenidade de uma consciencia pura, perseguido por odios encarniçados, alvo de calumnias homicidas, não odiava a ninguem. Ignorava os seus inimigos.

Esses odios com que os povos ás mais das vezes pagam a seus mais fieis servidores, a seus melhores amigos e mais sabios conselheiros, não se extingue logo apôs a morte dos grandes homens que perseguem, porque os grandes homens não morrem completamente e deixam apôs si seu pensamento vivo e fecundo, á mercê das facções.

Será em vão que o erro e o odio hão de tentar obscurecer o fulgurante patriotismo de Jaurés. Pois o amor da patria e o amor da humanidade não podem arder no mesmo coração? Podem; devem. Direi mais: si não se ama a humanidade não se poderá amar verdadeiramente a patria que é um membro della, e de que se não pode destacar sem fazel-a sangrar, soffrer e morrer.

Jaurés amava a França. Queria-a justa, pacifica e forte.

A segurança de seu paiz foi uma das mais constantes e das mais fortes preoccupações do seu grande espirito. Elaborou com rara energia um projeto de milicias que punha um immenso e vigoroso exercito ao serviço da autonomia nacional. O genio é prophético e esse grande homem lia no futuro quando preconisava a organização da nação armada.

O serviço de tres annos, que prevaleceu não nos livrou da invasão. Salvou-nos a nação armada.

A guerra, elle a receava para o seu paiz e para a humanidade. Não a temia nem pela sorte de seu partido, nem pelo successo de suas ideias. Previa, na verdade, que a França vitoriosa pagaria com sua liberdade o triumpho das armas; mas sabia tambem que esse resgate não levaria muito tempo a lhe ser exigido e que a revolução, explodindo de começo entre os vencidos, levaria em pouco o incendio aos vencedores. Elle sabia que esta guerra não seria um passatempo de principes como as de Luiz XIV ou de Frederico, ou uma grande aventura, como as conquistas de Napoleão; que ella não consistiria somente nesses choques de exercitos que, espinhando as searas, deixam intactos os alicerces dos Estados, mas que, oriunda de rivalidades industriaes, até hoje inauditas e abrangendo povos inteiros, ella seria social e que ao esforço quasi universal dos combatentes succederia o esforço universal dos trabalhadores.

Os acontecimentos lhe dão razão e ninguem nesta hora é bastante insensato para crér que as ondas humanas levantadas por tão violenta tempestade venham a voltar tranquillamente ao leito e retomar o curso antigo. Não! Não! a terra está profundamente perturbada; muitos vales se cavaram, abysmando altas planicies; elevaram-se montanhas, para que as novas gerações possam escoar-se suavemente pelas encostas de onde se despenharam as anteriores. Ora, as condições economicas das nações estão radicalmente transtornadas, delapidadas as suas riquezas; o furor imperialista e capita-

lista tudo devastou, entre vencedores como entre vencidos; e quereis que o trabalho se submetta ás mesmas leis que o sujeitavam no velho mundo que em quatro annos de guerra se tornou um chão monstruoso e uma ruina irreparavel!

Jaurés bem sabia que a guerra dos povos amadureceria o socialismo, libertaria o proletario, o qual se tornaria soldado e conhceria ao mesmo tempo a sua força e a demencia dos seus patrões.

Jaurés bem sabia que, no dia em que os povos se penetravam mutuamente a ferro e a fogo, abririam emfim passagem, atravez desses caminhos sanguentos, á idéa internacional pacifica.

Espiritos clarividentes souberam prever esse esforço suprehendente com que uma guerra de rivalidades economicas prepararia pelo seu partido. Mas não queria comprar por semelhante preço o progresso das mais caras das suas ideias.

Tocou á sua alma, bella como a paz, o destino de morrer com ella.

Que ella reviva em nós mais brillante que nunca com a paz renascida e que seu pensamento luminoso nos guie.

Não exijamos que elle seja vingado. A vingança nunca se aninhou em seu coração. Não lhe rendamos honras vãs, que elle teria recusado com todas as forças da sua grande alma; mas esforcemo-nos por ser, seguindo o seu exemplo, humanos e generosos.

Quanto a mim, que tenho a magoa de sobreviver-lhe, já no termo de minha vida, quero que as minhas ultimas palavras, como as delle, sejam palavras de justiça e de amor. — ANATOLE FRANCE (De *L'Humanité*, Paris).

Notas Scientificas

O casamento consanguíneo em face da Eugenia

Dentre as muitas theorias sobre a hereditariedade nenhuma é mais completa, e se concilia mais com a logica do que a de Weissmann. Esta é a opinião geral dos scientistas que se dedicam a esta transcendente questão biologica. Baseado nella vamos consi-

derar o seguinte:

Existem no organismo animal duas sortes de cellulas: somáticas e germinativas. As somáticas constituem o organismo e representam, mal comparando, o *cabide* das germinativas ou sexuaes, que são os elementos nobres por excellencia, dada a sua função de perpetuadora das espécies. Estas ultimas cellulas de reprodução são por sua vez de duas variedades: machos e femeas. Ambas contêm todos os elementos proprios de uma cellula completa e como principal a — *chromatina* — que representa, na expressão de Duvall, o *substratum* material da hereditariedade.

A chromatina da cellula macho (espermatozoide) como a da cellula femea (ovulo) trazem em si as propriedades biológicas dos dois seres donde provieram. Fundindo-se as duas cellulas, no phänomeno da reprodução as duas chromatinas se conjugam e origina-se o ovo, que vai posteriormente dar nascimento a um novo sér identico aos ascendentes.

Antes, porém, dos dois elementos reproductores se fecundarem, as chromatinas de ambos soffrem caryocineticamente um processo de eliminação, denominado — *eliminação dos globulos polares*. Esta constitue, como que uma redução de metade dos seus valores quantitativos e qualificativos, para que se faça a união de duas metades e resulte uma unidade. Se assim não fosse, cada fecundação representaria a somma de duas unidades, o que daria em resultado uma multiplicação infinidavel de chromatinas.

Não só para isso se dá a eliminação parcial, ou eliminação dos globulos polares. Admitte-se, e sensatamente, que este processo eliminativo é de ordem selectiva. Os chromosomas da chromatina, ou melhor, os determinantes, ou melhor ainda, os bioforos se entreclocam, lutam entre si, seleccionam-se, eliminando-se com o globulo polar os mais fracos, os inferiores e persistindo nos pronucleos resultantes os mais aptos, os mais fortes.

Este *modus operandi* desenvolvido na theoria de Weissmann ou theoria da selecção germinal completa a theoria de Darwin, isto é, da selecção en-

tre individuos e a theoria de Roux ou da selecção histonal.

A selecção germinal representa um grande passo no estudo do aperfeiçoamento das espécies, porque vem demonstrar que mesmo nas cellulas germinativas se dão lutas, que o que se desenrola no microcosmo é essencial para a perpetuação biologica, isto é, que o *match* entre os determinantes é questão essencial de vida.

Se na eliminação dos globulos polares fica assegurada a perpetuidade dos determinantes e portanto dos bioforos optimas e sendo estes os veiculadores da vida, os representantes dos caracteres, é certo que nas cellulas pronucleares se encontrarão representados os melhores a transmittir ao novo individuo.

Dito isto, fica esclarecido o seguinte: a cellula germinal, de um individuo tarado, contêm tantas espécies de bioforos quantos caracteres existiam no individuo de onde proveio; portanto, terá bioforos bons e inferiorisados, que serão eliminados com os globulos polares; se porém estes forem em quantidade superior é certo que a expulsão delles não sendo total, muitos figurarão no pronucleo. Ora, se este facto se der, tanto no ovulo, como no espermatozoide, está patenteado a inferioridade do producto resultante da combinação das duas cellulas.

Em outros termos, se os pronucleos femea e macho são bons, o producto será optimo e o novo sér delles oriundo um typo forte; se os pronucleos contêm elementos chromaticos impregnados de taras, o producto será por sua vez tarado, e o ser resultante, um inferiorizado. Se, finalmente as taras forem excessivas o producto da fusão originada consistirá numa monstruosidade ou não chegará ao seu desabrochamento.

A isto somos levados, para chegar a seguinte conclusão bem simples: quando se casam dois individuos consanguineos fortes, os filhos tambem o serão e mesmo poderão receber as qualidades optimas herdadas em ampliação. Se porém o pae e a mãe trazem na sua organisação um vicio, uma tara, homogenica ou não, o que

é muito commum, o filho receberá os males dos progenitores nos seus multiplos.

Muitas vezes, v. g. um individuo é portador de uma tara nevropathica minima, a qual passa completamente despercebida e a mulher consanguinea em condições identicas recebe-o como esposo. O producto de duas facções nevroticas sommadas originará fatalmente uma psychose de maior quilate que irá se patentear na victima descendente.

Estas considerações servem como base para chegarmos á seguinte conclusão:

— *A consanguinidade tanto serve para exaltar boas qualidades, o que é raro, na especie humana, como para multiplicar as más, o que é a regra.*

Na minha fraca opinião entendo, pois que, sob o ponto de vista eugenico deve ser mantido o artigo do nosso Código Civil que considera impedimento o parentesco de «irmãos legítimos ou ilegítimos, germanos ou não e os collateraes, legítimos ou ilegítimos até o terceiro grau», e, que seja criado um novo artigo, no qual se estabeleça a exigencia do exame prenupcial.

Nestas condições proponho que seja levantado um protesto contra o projecto da alteração do artigo 183 do Código ou a suppressão do impedimento nelle previsto para o casamento entre o tio e sobrinha ou sobrinho e tia. — DR. RENATO KEHL.

Variedades

Um livro a propósito do Centenario

Fiel ao seu programma do mais puro nacionalismo, a «Revista do Brasil» projecta a publicação de uma valiosa e interessantissima obra commemorativa do Centenario da Independencia nacional.

Esse livro, para cujas paginas estão sendo recolhidos documentos em todo o paiz, não terá feição nem o espirito de simples polyanthéa, mas será o mais interessante e o mais vivo atestado da nossa cultura, pois,

além do caracter expositivo e documentario, reflectirá as modalidades da critica historica e social por parte da élite pensante brasileira.

Para isso, valendo-se não só da sua diffusão em todos os Estados, mas tambem do intelligente apparelho de informações que organizou com ramos em todas as capitais brasileiras onde tem directores regionaes, a «Revista do Brasil» acaba de abrir um importan-concurso-inquerito para fazer convergir á obra projectada a attenção e o trabalho de todos os estudiosos.

Por esse concurso-inquerito, destinado a uma enorme repercussão em todos os meios nacionaes, a Revista deseja ver tratados os seguintes assuntos:

PRELIMINARES — Quaes são os verdadeiros factores sociaes, politicos e economicos que determinaram effetivamente a independencia? Até que ponto se prende esse movimento nacional á corrente libertadora que determinou a emancipação dos outros paises da America?

THESE — Com que contingente para a Independencia entrou cada um dos antigos nucleos de colonização do paiz e como evolveram o sentimento e a consciencia nacionalista nos ultimos cem annos em cada um delles?

As contribuições não devem exceder de trinta paginas, que deverão ser enviadas em duas cópias á redacção da «Revista do Brasil».

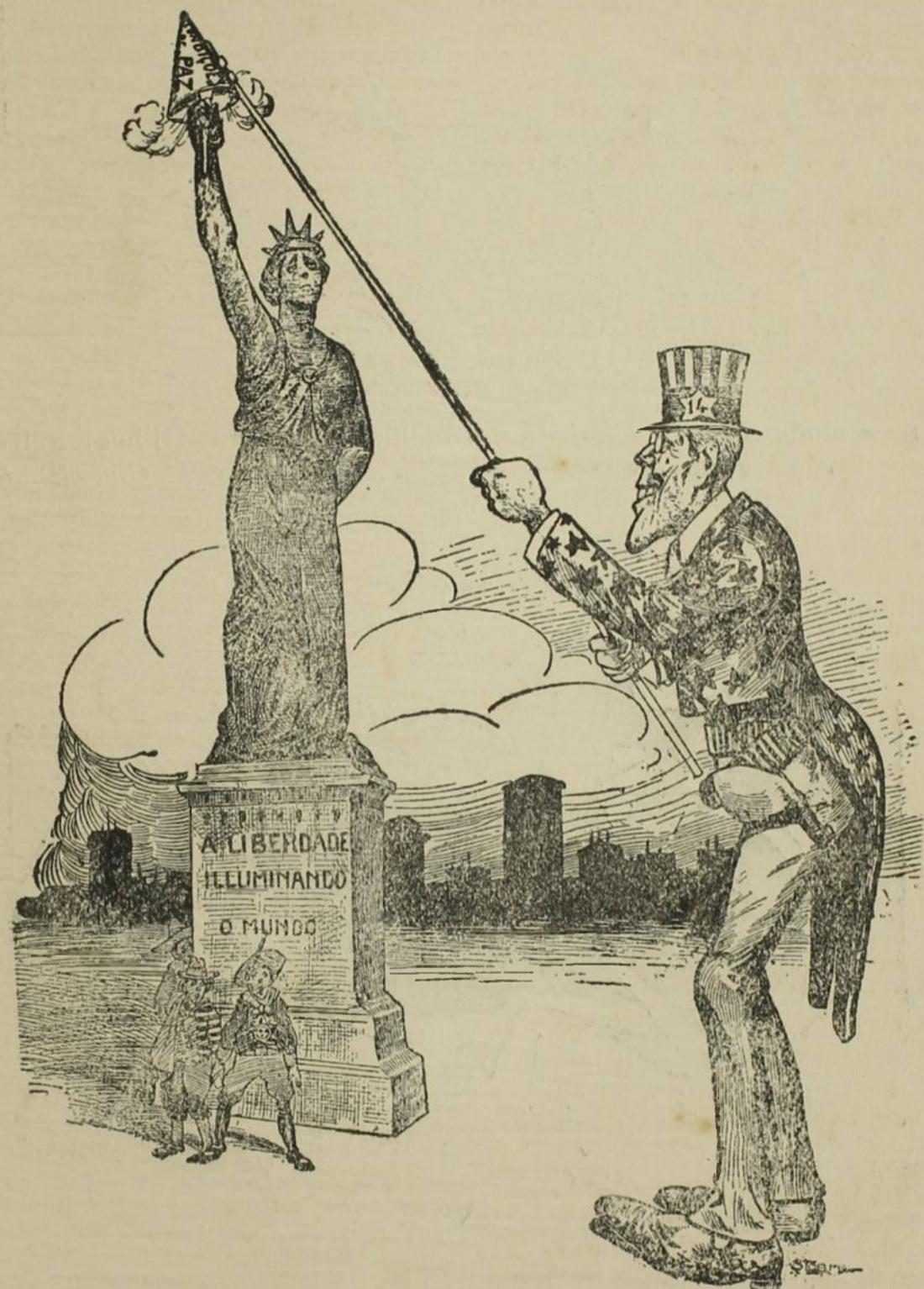
O concurso-inquerito fica aberto até 7 de setembro de 1921, e para o melhor trabalho a «Revista» offerece o premio de um conto de réis.

Dos trabalhos que lhe forem enviados até 7 de setembro deste anno, a «Revista» publicará um no fasciculo correspondente a esse mez.

Além de monographias sobre os assuntos em concurso, serão recebidos e aproveitados quaesquer trabalhos ou apontamentos que se refiram ao magno acontecimento da nossa historia. A redacção da «Revista do Brasil» responderá pressurosamente a todas as cartas que lhe forem dirigidas, solicitando outras informações referentes ao presente concurso-inquerito, que é, no genero, o primeiro realizado no Brasil.

CARICATURAS DO MEZ

Apagando o Facho...



Um sul-americano — Parece-me que ficamos ás escuras.

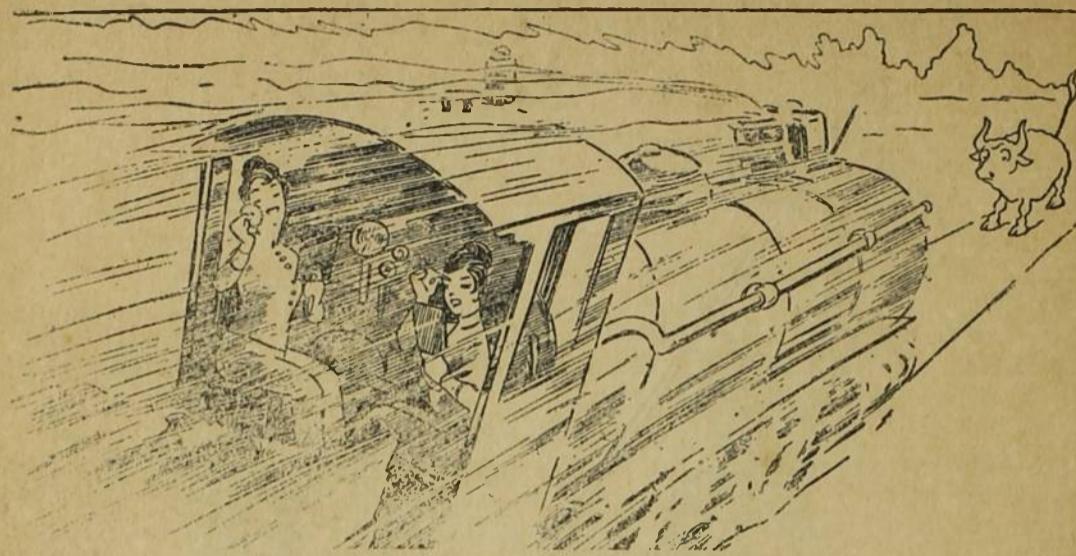
Outro — Pois você não viu logo que é este o fim da Conferencia da Paz?!

(Storni - D. Quixote - Rio)

O FEMINISMO MARCHA...

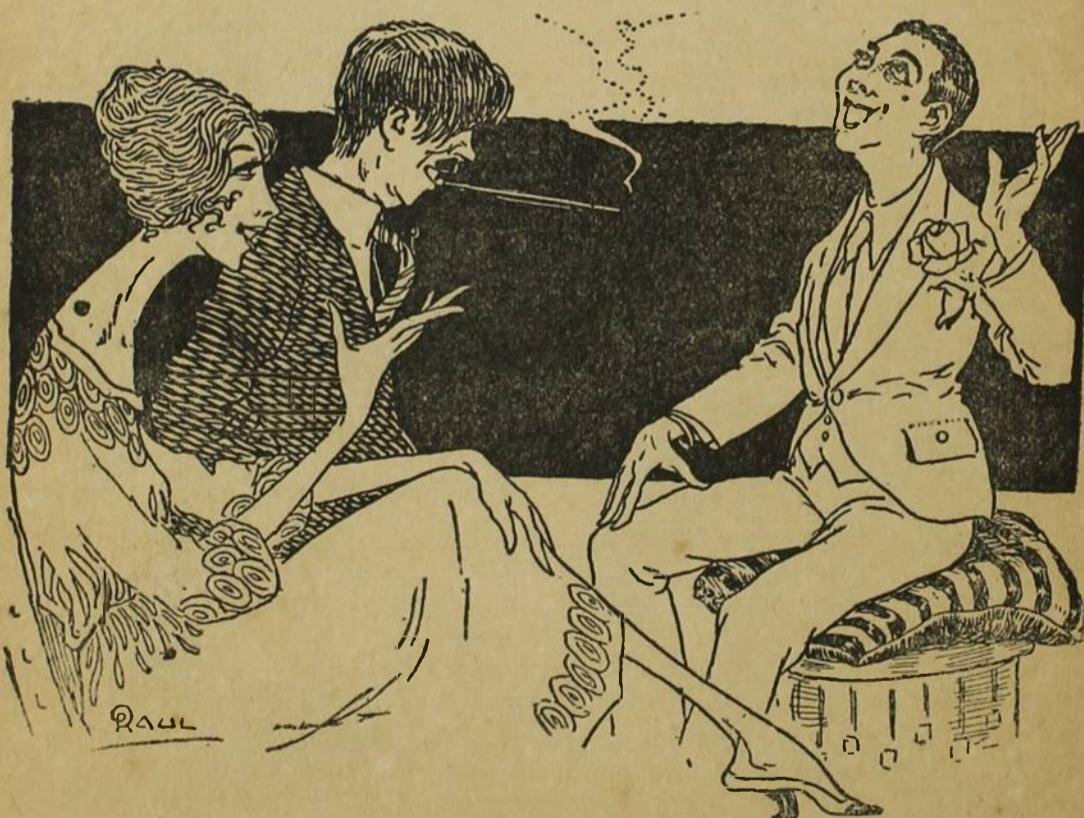
A 60 k, por hora

O director da Central do Brasil resolveu autorizar a inscripção de senhoras no concurso a realizar-se em junho próximo naquela estrada.



Se a moda chegar ao tráfego e a mulher entrar nos trilhos... isso vae ser uma belleza de hortaliça. (Kalisto - D. Quixote Rio)

O FUTRICA

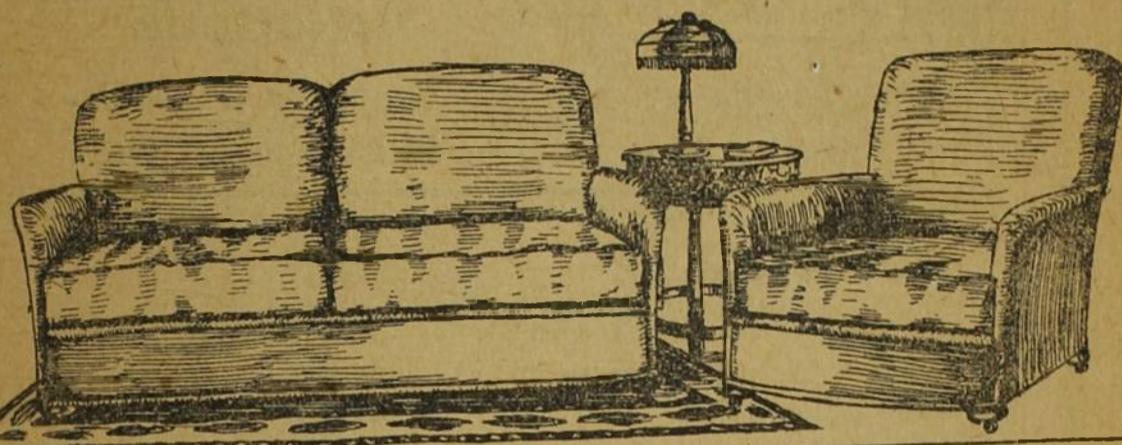


— Não gosta do jogo de *foot-ball*?

— Gosto sósinho. Jogo todos os dias, em casa, com a almofada da sala de visitas. (Raul - D. Quixote - Rio)

MAPPIN STORES
SOCIÉDADE ANÔNIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo
systema usado para os sofás e poltronas
dos "Clubs" Londrinos. ::*

*São empregados couros dos melhores
cortumes inglezes e todos os outros
materiaes, de primeira qualidade. ::*

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES
RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - S. PAULO

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO :
"ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTEE DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Lte., Londres	Dynamite
Ghatham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian et Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	Ferro em barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo extrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas

Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louça sanitaria, etc.

Etablissements

Bloch

:: Société
Anonyme
au Capital de 4.500.000 francos. ::

Fazendas
e Tecidos

Rio de Janeiro
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Código Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13

SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade. Preço: 5\$000

A venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE -

Louças, LIVROS e
Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S. PAULO - Telephone N. 867

3\$000

é quanto paga a Administracção da **Revista do Brasil** por exemplar do N. 26 ou do N. 29, de fevereiro e maio de 1918, respectivamente, que lhe fôr enviado para a Caixa, 2-B S. Paulo, Rua da Boa Vista N. 52

CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidade
em Artigos Domésticos e artigos para Encerar :: ::

P. R. AMARAL IMPORTADOR

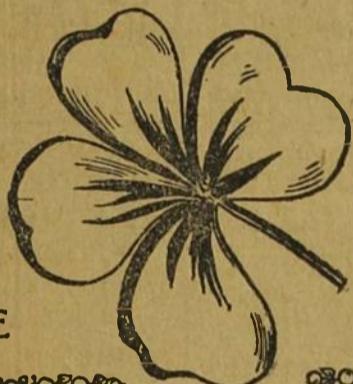
Largo do Arouche, 83 - Tel. N. 1978 Cent. - S. PAULO

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

“Trevo”

SE EXPORTAM

LOTERIA DE S. PAULO

Em 18 de Julho

60:000\$000

por 7\$000

Decimos a 700 réis

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLS FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. RENATO KEHL — Especialista em syphilis e vias urinarias (molestias dos rins, bexiga, prostata e urethra). Cons. Rua Libero Badaró, 118. Tel. Cent. 5125. Res.: rua Domingos de Moraes, 72. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA Medico do Asylo de Ex-postos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças** Res.: R. Bella Cintra, 139. Consult.: R. José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Pariz. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio Travessa do Commercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio 5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas", São Paulo. Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PEREIRA BARRETO — Admissão aos cursos superiores da Republica para ambos os sexos — Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — **Emilio Rocco.** — Novidades em casemira ingleza. — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel, Tel. 3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Literatura - Revistas - Mappas - Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

LEBRE FILHO & COMP.

Agentes da Companhia de Seguros ALLIANÇA DA BAHIA
Correspondentes do "BANCO ALLIANÇA" e depositaries dos afamados
Charutos Pooock.

GOSAR
É
FUMAR 37 MISTURA
DA MODA

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e 1/2
Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Foaillerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

LIVRARIA ACADEMICA

Largo do Ouvidor 5-B S. Paulo

Dr. Affonso Dionysio Gama - *Da Antichrese* (Teoria e pratica). Estudo completo, unico no direito nacional, comprehendendo legislação, doutrina, jurisprudencia, formulario, a antichrese no direito patrio, a antichrese no direito estrangeiro e um indice alphabetico e remissivo de toda a materia. Um bello volume em 4º, de 333 pags., br. 12\$000, enc. 15\$000

Dr. Manoel Pacheco Prates (Lente da Faculdade de São Paulo) - *Theoria elementar da posse*. Exposição clara e precisa dos principios essenciaes; indica e resolve todas as hypotheses praticas sobre aquisição e perda de posse. Um volume brochura 4\$000, encadernado . . . 6\$000

Estudo de Direito Civil - Lições professadas na Faculdade de Direito. Direitos Reaes. Propriedade. Dominio. Casamentos. Desquite. Successão. Acções. 1 vol. br. 5\$, enc. 7\$

Grande variedade de livros de direito brasileiro e portuguez literatura, educação e ensino, sciencias sociaes, etc. Envia-se o catalogo dos livros de direito a quem o pedir.

GRATIS! OFFERTA EXCEPCIONAL

Quem angariar QUATRO assignantes novos para a REVISTA DO BRASIL terá a sua assignatura gratuita. Se angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das assignaturas dos que já forem assignantes, ou na aquisição das obras editadas pela revista.

:- BOLETIM A ENCHER :-

Ilmo. Sr. Gerente da "Revista do Brasil"

Junto seguem \$ importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

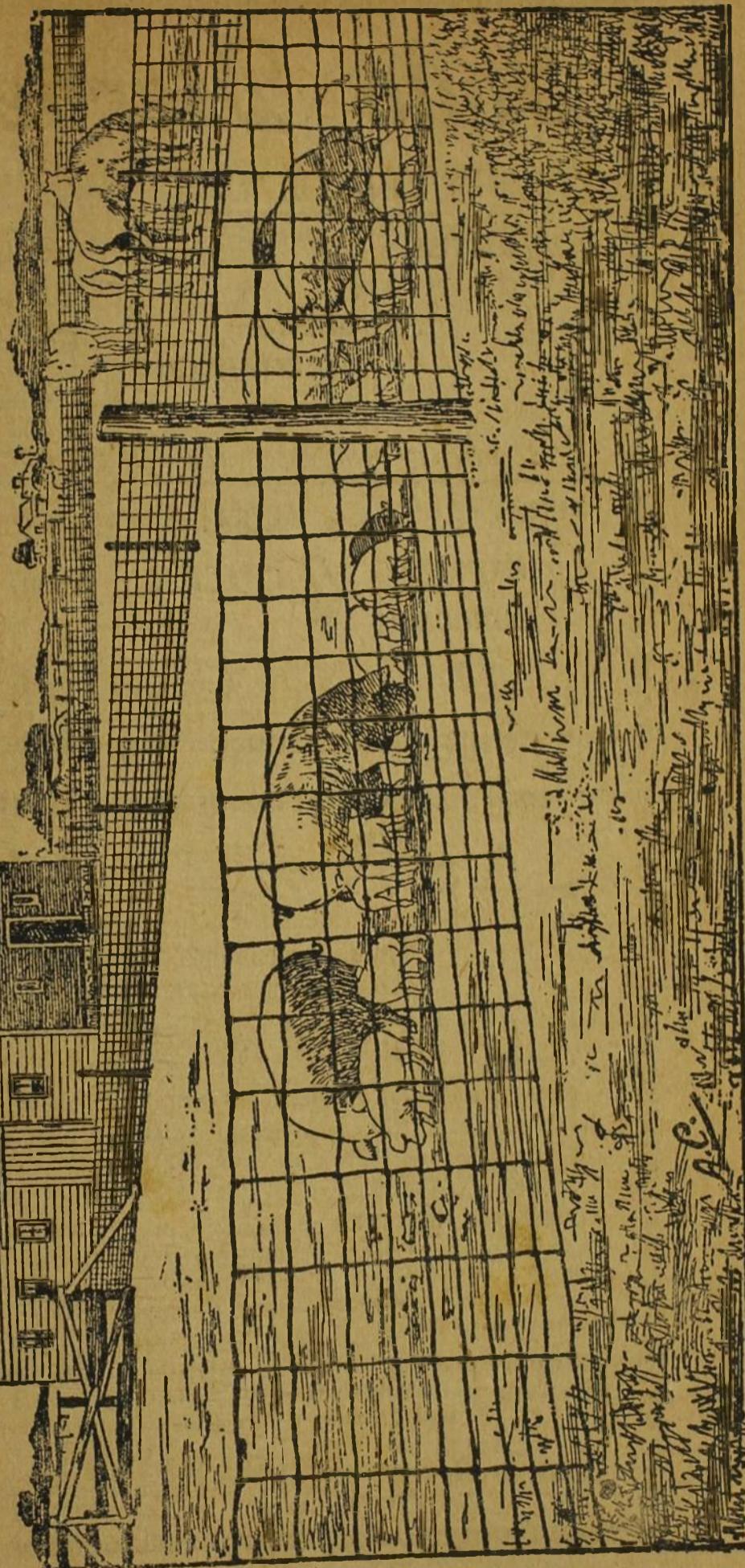
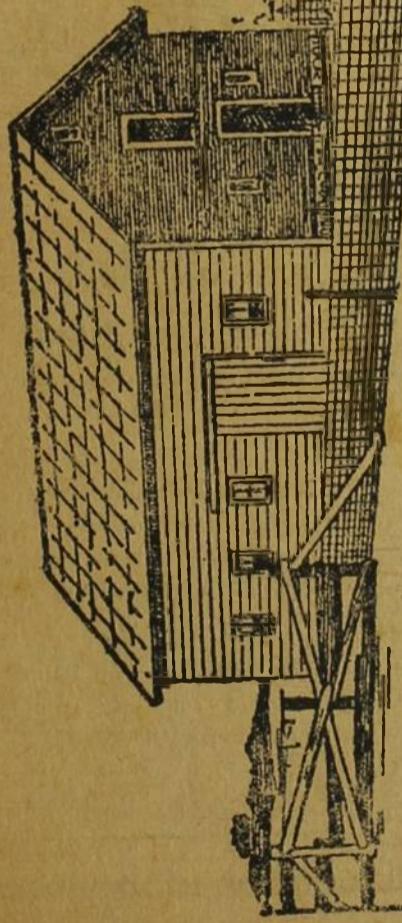
(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)
(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de \$
de de 19.....

Cerca de Tecido “PAGÉ”

Peçam informações aos fabricantes:

SOL. INDUSTRIAL **Automação Bon Retiro**
Rua Barão Itapetininga, 12 — SÃO PAULO



João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

PLANTAS,

BOUQUETS.

DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458

TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

Campinas
Guanabara

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

CHACARA: Alam. Casa Branca
(Avenida Paulista)

:: Peçam Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentais

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery

Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro **ALTOS DAS PERDIZES** em um parque de 22.000 metros quadrados, contando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornecendo aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem
de Mello, próximo à Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 ::

46257

AGUA INGLEZA
TONICA
FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
IMPALUDISMO E CONVALESCENCIAS

EXIJAM A NOSSA MARCA  RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINUM. CARNE.
LACTO PHOSPHATO DE CAL.
PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO



TONICO E NUTRITIVO
Na tuberculose,
anemia, fraqueza,
neurasthenia, etc.

EXIJAM A NOSSA MARCA

URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do ácido urico.
O MAIS ACTIVO dos antisépticos das vias urinárias.
Cura RHEUMATISMO, ARTHRITISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTITES, PYELITES, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente de Urotropina, Lycetol, Neo-Sidonol e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1º de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinço -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
zado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - S. Paulo